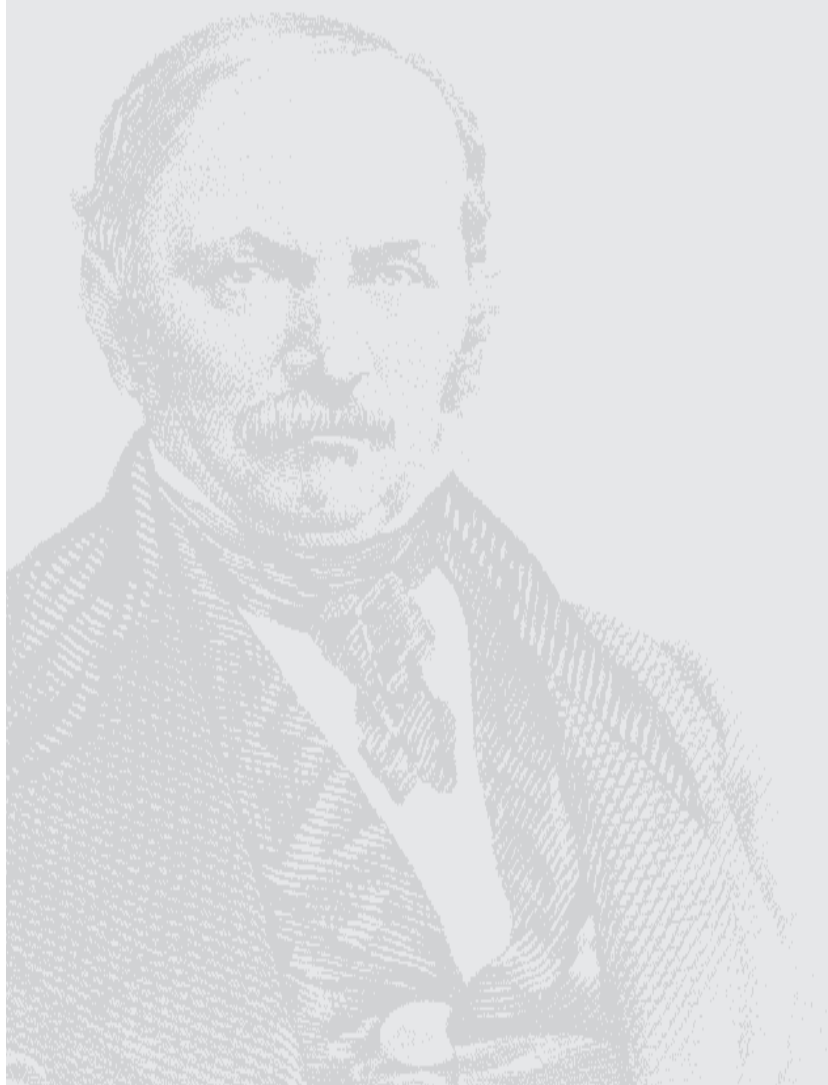


Federação Espírita Brasileira

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Federação Espírita Brasileira



Estudo Sistematizado da **Doutrina Espírita**

Programa Fundamental

Tomo II



Copyright 2007 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
(Casa-Máter do Espiritismo)
Av. L-2 Norte – Q. 603 - Conjunto F
70830-030 – Brasília, DF – Brasília

CATALOGAÇÃO DE APOSTILAS
CURSO DE ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOUTRI-
NA ESPÍRITA. PROGRAMA FUNDAMENTAL-TOMO
II: orientações espíritas e sugestões didático-pedagógicas
direcionadas à formação doutrinária básica do princi-
piante espírita. Segunda Edição. Brasília [DF]: Federação
Espírita Brasileira, 2007.

Apresentação

Esta apostila é o segundo tomo do Programa Fundamental da nova proposta para o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita.

Aqui são abordados assuntos constantes das partes terceira e quarta de O Livro dos Espíritos que tratam, respectivamente, das Leis Morais e das Esperanças e Consolações.

Os vinte e sete roteiros, distribuídos em nove módulos, oferecem oportunidade para refletir a respeito da conduta moral ante os imperativos da nossa evolução espiritual.

Explicações Necessárias

O novo curso do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita-ESDE oferece uma visão panorâmica e doutrinária do Espiritismo, fundamentada na ordem dos assuntos existentes em *O Livro dos Espíritos*.

O objetivo fundamental deste Curso, como do anterior, é propiciar condições para estudar o Espiritismo de forma séria, regular e contínua, tendo como base as obras codificadas por Allan Kardec e o Evangelho de Jesus, conforme os esclarecimentos prestados na apresentação.

O seu conteúdo doutrinário está distribuído em dois programas, assim especificado:

Programa Fundamental – subdividido em dois tomos, cada um contendo nove módulos de estudo.

Programa Complementar – constituído de um único tomo, também com nove módulos de estudo.

A formação pedagógica-doutrinária utiliza, em ambos os programas, o sistema de módulos para agrupar assuntos semelhantes, os quais são desenvolvidos em unidades básicas denominadas *roteiros de estudo*.

A duração mínima prevista para a execução do Curso é de dois anos letivos.

Cada roteiro de estudo deve, em princípio, ser desenvolvido numa reunião semanal de 1 hora e 30 minutos.

Todos os roteiros contêm: a) uma página de rosto, onde estão definidos o número e o nome do módulo, os objetivos específicos e o conteúdo básico, norteador do assunto a ser desenvolvido em cada reunião; b) um formulário de sugestões didáticas, que indica como aplicar e avaliar o assunto de forma dinâmica e diversificada; c) formulários de subsídios, existentes em número variável segundo

a complexidade do assunto, redigidos em linguagem didática, de acordo com os objetivos específicos e o conteúdo básico do roteiro; d) formulário de referências bibliográficas. Alguns roteiros contam também com anexos, glossários ou notas de rodapé, bem como recomendações de atividades extraclasse.

Sugere-se que as reuniões semanais enfoquem, na medida do possível, o trabalho em grupo, evitando o cansaço e a monotonia.

Sumário

Módulo X – Lei de Liberdade	11
Rot. 1 – Liberdade de pensar e liberdade de consciência	12
Rot. 2 – Livre-arbítrio e responsabilidade	20
Rot. 3 – Livre-arbítrio e fatalidade	26
Rot. 4 – O princípio de ação e reação	32
Módulo XI – Lei do Progresso	47
Rot. 1 – Progresso intelectual e progresso moral	48
Rot. 2 – Influência do Espiritismo no progresso da Humanidade	56
Módulo XII – Lei de Sociedade e Lei do Trabalho	65
Rot. 1 – Necessidade da vida social	66
Rot. 2 – Vida em família e laços de parentesco	71
Rot. 3 – Necessidade do trabalho	77
Rot. 4 – Limite do trabalho e do repouso	90
Módulo XIII – Lei de Destruição e Lei de Conservação	95
Rot. 1 – Destruição necessária e destruição abusiva	96
Rot. 2 – Flagelos destruidores	104
Rot. 3 – Instinto e inteligência	112
Rot. 4 – O necessário e o supérfluo	122
Módulo XIV – Lei de Igualdade	131
Rot. 1 – Igualdade natural e desigualdade de aptidões	132
Rot. 2 – Desigualdades sociais. Igualdade de direitos do homem e da mulher	139
Rot. 3 – Desigualdades das riquezas: as provas da riqueza e da pobreza	146

Módulo XV – Lei de Reprodução	153
Rot. 1 – Casamento e celibato	154
Rot. 2 – Obstáculos à reprodução	164
Rot. 3 – O aborto	170
 Módulo XVI – Lei de Justiça, Amor e Caridade	 183
Rot. 1 – Justiça e direitos naturais.....	184
Rot. 2 – Caridade e amor ao próximo	192
 Módulo XVII – A Perfeição Moral	 201
Rot. 1 – Os caracteres da perfeição moral	202
Rot. 2 – Conhecimento de si mesmo	208
Rot. 3 – O homem de bem.....	216
 Módulo XVIII – Esperanças e Consolações.....	 223
Rot. 1 – Penas e gozos terrestres	224
Rot. 2 – Penas e gozos futuros	232

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO X

Lei de Liberdade

OBJETIVO GERAL

Possibilitar entendimento da lei de liberdade

ROTEIRO 1

Liberdade de pensar e liberdade de consciência

Objetivos específicos

- Esclarecer o significado de liberdade no relacionamento humano.
- Estabelecer relação entre liberdade de pensar e liberdade de consciência.
- Explicar como impedir os abusos da manifestação da consciência.

Conteúdo básico

- A liberdade no relacionamento humano é sempre relativa porque desde [...] *que juntos estejam dois homens, há entre eles direitos recíprocos que lhes cumpre respeitar; não mais, portanto, qualquer deles goza de liberdade absoluta.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 826.
- *Haverá no homem alguma coisa que escape a todo constrangimento e pela qual goze ele de absoluta liberdade?*
No pensamento goza o homem de ilimitada liberdade, pois que não há como pôr-lhe peias. Pode-se-lhe deter o vôo, porém, não aniquilá-lo. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 833.
- *Será a liberdade de consciência uma conseqüência da de pensar?*
A consciência é um pensamento íntimo, que pertence ao homem, como todos os outros pensamentos. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 835.
- *Para respeitar a liberdade de consciência, dever-se-á deixar que se propaguem doutrinas perniciosas, ou poder-se-á, sem atentar contra aquela liberdade, procurar trazer ao caminho da verdade os que se transviaram obedecendo a falsos princípios?*
Certamente que podeis e até deveis; mas, ensinai, a exemplo de Jesus, servindo-vos da brandura e da persuasão e não da força, o que seria pior do que a crença daquele a quem desejaríeis convencer [...]. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 841.

Sugestões didáticas

Introdução

- Solicitar aos participantes que façam, individualmente, uma leitura silenciosa das questões 825, 826, 833, 835 e 841 de *O Livro dos Espíritos*.
- Esclarecer que esta leitura será utilizada como referência para a realização da atividade grupal que será proposta em seguida.

Desenvolvimento

- Concluída a atividade individual, dividir a turma em pequenos grupos, orientandos na realização de um acróstico, formado de 9 (nove) frases, a partir da palavra LIBERDADE. A construção do acróstico prevê a utilização das seguintes regras:
 - a) cada frase deve ser objetiva e iniciada por uma das letras da palavra LIBERDADE, escolhida como guia (veja exemplo no anexo);
 - b) é importante que exista um encadeamento de idéias nas nove frases, evitando a redação de frases soltas;
 - c) as frases elaboradas não podem fugir das idéias desenvolvidas nas questões de *O Livro dos Espíritos*, lidas no início da aula;
 - d) o grupo deve indicar um participante para apresentar, em plenária, o acróstico.
- Ouvir a leitura dos acrósticos e, após a conclusão da atividade, pedir à turma que indique o melhor, analisando em conjunto as razões da escolha.
- Em seguida, solicitar aos alunos que se organizem em círculo para a discussão do assunto do roteiro.
- Propor-lhes, então, questões claras e concisas relacionadas aos objetivos específicos da aula. As questões devem ser discutidas uma a uma. Esclarecer aos participantes que cada um disporá de um minuto para a sua manifestação: completando, refutando, levantando dúvidas ou apresentando idéias divergentes. Escolher um dos alunos para cronometrar a fala dos colegas.
- Dar início à discussão, ouvindo o primeiro participante. Terminado o minuto da fala, passar a palavra a outro, pros-

seguindo com a discussão até que todos tenham apresentado contribuições sobre o tema.

- Observação: É importante que os alunos não interrompam as falas nem façam apartes, de forma que todos tenham a chance de participar da discussão.

Conclusão

- Apresentar uma síntese do assunto discutido, destacando as contribuições que, efetivamente, enriqueceram a atividade.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- a construção do acróstico seguiu as regras estabelecidas;
- a turma participou efetivamente da discussão, apresentando contribuições num clima de serenidade e de companheirismo.

Técnica(s): trabalho em pequenos grupos; discussão circular, exposição.

Recurso(s): O Livro dos Espíritos; acróstico; lápis / caneta; papel.

Subsídios

Liberdade é a faculdade que permite ao indivíduo decidir ou agir conforme sua própria vontade. Desta forma, o (...) *homem é, por natureza, dono de si mesmo, isto é, tem o direito de fazer tudo quanto achar conveniente ou necessário à conservação e ao desenvolvimento de sua vida. Essa liberdade, porém, não é absoluta, e nem poderia sê-lo, pela simples razão de que, convivendo em sociedade, o homem tem o dever de respeitar esse mesmo direito em cada um de seus semelhantes.*¹⁰

Para que o homem pudesse gozar de liberdade absoluta, seria necessário que ele vivesse isolado, como o eremita no deserto. *Desde que juntos estejam dois homens, há entre eles direitos recíprocos que lhes cumpre respeitar.*¹ A liberdade é, portanto, relativa, devendo ser adequada à liberdade do outro, pois a liberdade e o direito de uma pessoa terminam onde começam a liberdade e o direito do outro.

A compreensão da lei de liberdade nos faz perceber que, para progredir, precisamos uns dos outros e que todos temos direitos recíprocos, que precisam ser respeitados, uma vez que qualquer prejuízo que provoquemos ao semelhante, em decorrência dos nossos atos, não ficará impune perante a Lei de Deus. É por esta razão que o ensinamento de Jesus de *não fazer aos outros o que não gostaríamos que os outros nos fizessem* (Mateus, 7:12) — ensinamento conhecido como regra de ouro — estabelece os limites da nossa liberdade e nos orienta como viver em sociedade, conforme os direitos e os deveres que nos cabem.

A lei de liberdade é bem compreendida quando aprendemos a fazer relação entre a liberdade de pensar e a liberdade de consciência. Como sabemos, a liberdade de pensar é plena no ser humano: *No pensamento goza o homem de ilimitada liberdade, pois que não há como pôr-lhe peias. [...]*⁴ Voando nas asas do pensamento, a mente espiritual reflete as próprias idéias e as idéias das mentes com as quais se afiniza, nos processos naturais de sintonia. *Nos seres primitivos, [a mente] aparece sob a garga do instinto, nas almas humanas surge entre as ilusões que salteiam a inteligência, e revela-se nos Espíritos Aperfeiçoados por brilhante precioso a retratar a Glória Divina. Estudando-a de nossa posição espiritual, confinados que nos achamos entre a animalidade e a angelitude, somos impelidos a interpretá-la como sendo o campo de nossa consciência desperta, na faixa evolutiva em que o conhecimento adquirido nos permite operar.*¹³ Compreende-se, pois, que o pensamento tudo move, [...] *criando e transformando, destruindo e refazendo para acrisolar e sublimar. [...]*¹⁴ A consciência, nesse contexto, representa, como nos esclarecem os Espíritos da Codificação, *um pensamento íntimo, que pertence ao homem, como todos os outros pensamentos.*⁶ Ela é o [...] *centro da personalidade, centro permanente, indestrutível, que persiste e se mantém através de todas as transformações do indivíduo. A consciência é não somente a faculdade de perceber, mas também o sentimento que temos de viver, agir, pensar, querer. É una e indivisível. [...]*¹²

No entanto, à medida que os Espíritos evoluem, a consciência do bem e do mal está mais bem definida neles, de sorte que a liberdade de consciência, regulando as relações interpessoais, reflete [...] *um dos caracteres da verdadeira civilização e progresso.*⁷

A consciência, entendida como faculdade de estabelecer julgamentos morais ou juízos de valor, é um atributo pelo qual o homem pode conhecer e julgar sua realidade e a realidade do outro. Os julgamentos feitos pela consciência e as interpretações de atos e fatos do cotidiano apresentam limitações, visto que estão fundamentados em parâmetros morais que cada um estabelece para si. É ela fruto de experiências e crenças individuais, elaboradas no contexto cultural onde a criatura humana está inserida, e que se manifesta de acordo com a evolução

espiritual do ser. Assim, enquanto a liberdade de pensar é ilimitada, a liberdade de consciência sofre restrição, já que depende do nível evolutivo do Espírito.

A consciência não esclarecida pode alimentar idéias malsãs, gerar e provocar ações moral e eticamente abusivas, resultando na manifestação de sofrimentos e desarmonias para si mesma e para o próximo. Os embaraços à liberdade de consciência, a propagação de doutrinas perniciosas e a escravidão humana são exemplos de desvios provocados por Espíritos imperfeitos, dominados pelo orgulho e pelo egoísmo. Devemos agir com cautela quando condenamos as ações, as idéias ou as crenças das pessoas, a fim de que não atentemos contra a liberdade de consciência. No entanto, é oportuno considerar que reprimir [...] *os atos exteriores de uma crença, quando acarretam qualquer prejuízo a terceiros, não é atentar contra a liberdade de consciência, pois que essa repressão em nada tira à crença a liberdade, que ela conserva integral.*⁸ Por outro lado, sempre que nos é possível, podemos e devemos trazer ao caminho da verdade os que se transviaram, *servindo-nos, a exemplo de Jesus, da brandura e da persuasão e não da força.*⁹ Como nos esclarecem os Espíritos superiores, se [...] *alguma coisa se pode impor, é o bem e a fraternidade. Mas não cremos que o melhor meio de fazê-los admitidos seja obrar com violência. A convicção não se impõe.*⁹

Outro abuso da manifestação da consciência é a escravidão, ou seja, a submissão da vontade, do cerceamento da liberdade de ir e vir, de agir e de pensar do ser. A escravidão, independentemente das formas em que se manifeste, é contrária à lei de Deus, porque é um abuso de força, mesmo quando faz parte dos costumes de um povo. *É contrária à Natureza a lei humana que consagra a escravidão, pois que assemelha o homem ao irracional e o degrada física e moralmente.*² A escravidão humana é um mal. E o [...] *mal é sempre o mal e não há sofisma que faça se torne boa uma ação má. A responsabilidade, porém, do mal é relativa aos meios de que o homem disponha para compreendê-lo. Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de violação da lei da Natureza.*³

A despeito de todo sofrimento existente no Planeta, é certo que a Humanidade tem progredido, ocorrendo uma preocupação mundial de valorizar a paz entre os povos e entre os indivíduos: *De século para século, menos dificuldade encontra o homem para pensar sem peias e, a cada geração que surge, mais amplas se tornam as garantias individuais no que tange à inviolabilidade do foro íntimo. [...] Nas dissensões religiosas, as chamas das fogueiras foram substituídas pelas luzes do esclarecimento, e na catequese filosófica ou política, estejamos certos, daqui para o futuro, buscar-se-á empregar, cada vez mais, a força da persuasão ao invés da imposição pela força.*¹¹

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. O livro dos espíritos. Trad. de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 826, p. 383.
2. _____. Questão 829 – comentário – p. 384.
3. _____. Questão 830, p. 384.
4. _____. Questão 833, p. 385.
5. _____. Questão 834, p. 386.
6. _____. Questão 835, p. 386.
7. _____. Questão 837, p. 386.
8. _____. Questão 840 – comentário – p. 387.
9. _____. Questão 841, p. 387.
10. CALIGARIS, Rodolfo. *As leis morais*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, p. 148.
11. _____. p. 149-150.
12. DENIS, Léon. *O Problema do ser, do destino e da dor*. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Terceira parte, item 21, p. 323.
13. XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 1, p. 11-12.
14. _____. p. 12.

Anexo

Modelo de Construção de Acróstico

- Palavra-Guia: Deus
- Fonte bibliográfica de referência: *O Livro dos Espíritos*, questões números 1, 4 a 9.
- Acróstico:
 - D**onde vem o sentimento instintivo da existência de um Criador Supremo?
 - E**ste sentimento, escrito na nossa consciência, se origina no axioma: não há efeito sem causa.
 - U**nidos pela força dessa informação, percebemos que, para crer-se em Deus, basta se lance o olhar sobre as obras da criação.
 - S**endo assim – esclarece o Espiritismo –, se o poder de uma inteligência se julga pelas suas obras, *Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.*

A Subconsciência

Há, sim, a inconsciência prodigiosa
Que guarda pequeninas ocorrências
De todas as vividas existências
Do Espírito que sofre, luta e goza.

Ela é a registradora misteriosa
Do subjetivismo das essências,
Consciência de todas as consciências,
Fora de toda a sensação nervosa.

Câmara da memória independente,
Arquiva tudo rigorosamente
Sem massas cerebrais organizadas,

Que o neurônio oblitera por momentos,
Mas que é o conjunto dos conhecimentos
Das nossas vidas estratificadas.

Augusto dos Anjos

ROTEIRO 2

Livre-arbítrio e responsabilidade

Objetivos específicos ■ Conceituar livre-arbítrio.
■ Estabelecer relação entre livre-arbítrio e responsabilidade.

Conteúdo básico ■ *Tem o homem o livre-arbítrio de seus atos? Pois que tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbítrio, o homem seria máquina. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 843.*

■ *O livre-arbítrio é [...] a faculdade que tem o indivíduo de determinar a sua própria conduta, ou, em outras palavras, a possibilidade que ele tem de, entre duas ou mais razões suficientes de querer ou de agir, escolher uma delas e fazer que prevaleça sobre as outras. Rodolfo Calligaris: As leis morais, item O Livre-arbítrio.*

■ *A liberdade e a responsabilidade são correlativas no ser e aumentam com sua elevação; é a responsabilidade do homem que faz sua dignidade e moralidade. Sem ela, não seria ele mais do que um autômato, um brinquedo das forças ambientes: a noção de moralidade é inseparável da de liberdade. A responsabilidade é estabelecida pelo testemunho da consciência, que nos aprova ou censura segundo a natureza de nossos atos. [...] Se a liberdade humana é restrita, está pelo menos em via de perfeito desenvolvimento, porque o progresso não é outra coisa mais do que a extensão do livre-arbítrio no indivíduo e na coletividade. [...] O livre-arbítrio é, pois, a expansão da personalidade e da consciência. Para sermos livres é necessário querer sê-lo e fazer esforço para vir a sê-lo, libertando-nos da escravidão da ignorância e das paixões baixas, substituindo o império das sensações e dos instintos pelo da razão. Léon Denis: O problema do ser, do destino e da dor. Terceira parte, cap. 22.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Fazer breve exposição do tema da aula, tendo como referência os objetivos deste roteiro. Orientar-se pelas seguintes informações, retiradas dos subsídios, e projetadas em transparências:
 - O livre-arbítrio é a faculdade que tem o indivíduo de determinar a sua própria conduta.
 - O homem tem livre-arbítrio de seus atos porque tem liberdade de pensar e de obrar. Sem o livre-arbítrio, o homem seria uma máquina.
 - O direito natural de liberdade está atrelado ao de responsabilidade, ou seja, quanto mais livre é o indivíduo, mais responsável ele é.

Desenvolvimento

- Em seguida, pedir aos participantes que se organizem em dois grupos, entregando-lhes um kit composto de: folhas de papel, lápis ou caneta e cartões com 3 ou 4 figuras impressas (veja exemplos no anexo).
- Propor-lhes que construam, coletivamente, uma história, buscando inspiração nas figuras que lhes foram entregues. Para tanto, seguir as seguintes orientações:
 - a) ater-se ao tema e aos objetivos da aula, assim como às idéias desenvolvidas na exposição inicial;
 - b) consultar os subsídios e o monitor, se necessário;
 - c) escrever a história, de forma objetiva;
 - d) escolher um colega para narrar a história, em nome do grupo.
- Ouvir as histórias criadas pelos grupos, acrescentando comentários pertinentes.

Conclusão

- Fazer o fechamento do estudo, utilizando as citações bibliográficas 5 e 6, de Léon Denis e Emmanuel, respectivamente.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- as histórias construídas pelos grupos guardarem efetiva relação com o tema e com os objetivos deste roteiro.

Técnica(s): exposição; construindo uma história.

Recurso(s): transparências; figuras impressas; roteiro para o trabalho em grupo; histórias construídas pelos participantes.

Subsídios

O livre-arbítrio é [...] *a faculdade que tem o indivíduo de determinar a sua própria conduta, ou, em outras palavras, a possibilidade que ele tem de, entre duas ou mais razões suficientes de que querer ou de agir, escolher uma delas e fazer que prevaleça sobre as outras.*⁴

O livre-arbítrio é a condição básica para que a pessoa programe a sua vida e construa o seu futuro, entendendo, porém, que os direitos, limitações e capacidades individuais devem ser respeitados pelas regras da vida em sociedade. A pessoa percebe, instintivamente, os limites da sua liberdade, uma vez que, intrinsecamente livre, criado por Deus para ser feliz, o homem traz na própria consciência a compreensão desses limites.

O direito natural de liberdade está atrelado ao de responsabilidade, ou seja, quanto mais livre é o indivíduo, mais responsável ele é. A responsabilidade produz o amadurecimento do Espírito ao longo das experiências vividas nos planos material e espiritual. As noções de responsabilidade são observadas, inicialmente, no cumprimento dos deveres sociais e morais para consigo mesmo e para com o próximo em geral. À medida que aprende a associar as noções de liberdade e de responsabilidade, a pessoa melhor exercita o seu livre-arbítrio, sendo impulsionada por um sentimento superior, que lhe permite desenvolver ações de amor ao próximo.

O ser humano responsável sabe, na verdade, dosar os próprios limites, entendendo que a sua liberdade termina onde começa a do próximo. O homem tem livre-arbítrio de seus atos porque tem a liberdade de pensar e de obrar. Sem o livre-arbítrio,

o homem seria uma máquina¹, não teria responsabilidade pelo mal que praticasse, nem mérito pelo bem que fizesse. O livre-arbítrio que considera a lei de liberdade e o senso de responsabilidade, habilita o Espírito a agir equilibradamente nas diferentes situações do cotidiano.

Deus nos deu a liberdade e o livre-arbítrio como instrumentos de felicidade. A liberdade nos é concedida para que possamos ter uma visão mais lúcida de nós mesmos e das demais pessoas, de forma a discernir que papel devemos exercer na sociedade, quais são os nossos limites e possibilidades, assim como os dos semelhantes.

Devemos considerar que há [...] *liberdade de agir, desde que haja vontade de fazê-lo. Nas primeiras fases da vida, quase nula é a liberdade, que se desenvolve e muda de objeto com o desenvolvimento das faculdades. Estando seus pensamentos em concordância com o que a sua idade reclama, a criança aplica o seu livre-arbítrio àquilo que lhe é necessário.*² A criança, sendo menos livre em razão de suas limitações naturais é, conseqüentemente, menos responsável pelos próprios atos. O adulto é considerado responsável pelos seus atos e suas atitudes porque suas faculdades orgânicas e psíquicas estão desenvolvidas, devendo, desta forma, assumir as conseqüências das ações praticadas.

Não podemos deixar de considerar, entretanto, que o processo de amadurecimento espiritual é gradual, estando diretamente subordinado à lei do esforço próprio. As nossas imperfeições espirituais refletem o nosso estado evolutivo. Nesse sentido, os Orientadores Espirituais nos esclarecem que as [...] *predisposições instintivas são as do Espírito antes de encarnar. Conforme seja este mais ou menos adiantado, elas podem arrastá-lo à prática de atos repreensíveis, no que será secundado pelos Espíritos que simpatizam com essas disposições. Não há, porém, arrastamento irresistível, uma vez que se tenha a vontade de resistir [...]*.³

O Espírito que, de algum modo, já armazenou certos valores educativos, é convocado para esse ou aquele trabalho de responsabilidade junto de outros seres em provação rude, ou em busca de conhecimentos para a aquisição da liberdade. Esse trabalho deve ser levado a efeito na linha reta do bem, de modo que [...] *seja o bom cooperador de seu Pai Supremo, que é Deus. O administrador de uma instituição, o chefe de uma oficina, o escritor de um livro, o mestre de uma escola, têm a sua parcela de independência para colaborar na obra divina, e devem retribuir a confiança espiritual que lhes foi deferida. Os que se educam e conquistam direitos naturais, inerentes à personalidade, deixam de obedecer, de modo absoluto, no determinismo da evolução, porquanto estarão aptos a cooperar no serviço das ordenações, podendo*

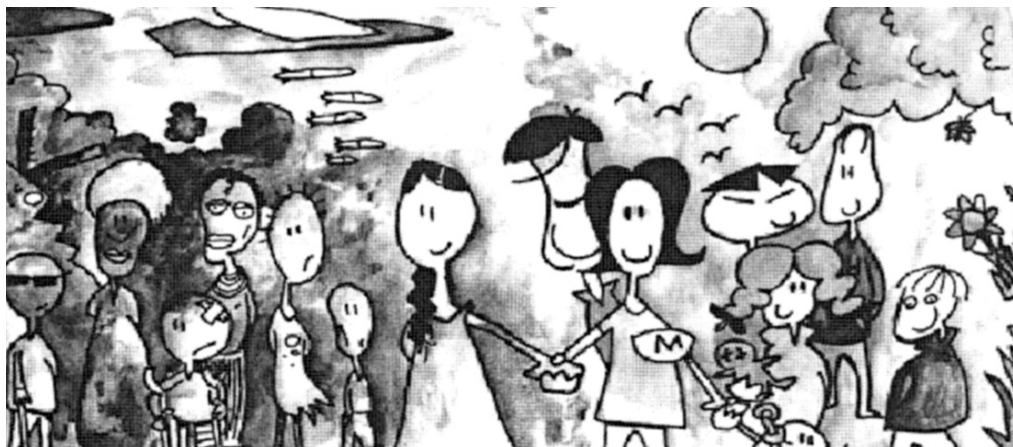
*criar as circunstâncias para a marcha ascensional de seus subordinados ou irmãos em humanidade, no mecanismo de responsabilidade da consciência esclarecida.*⁶

Em suma, pode dizer-se que a [...] liberdade e a responsabilidade são correlativas no ser e aumentam com sua elevação; é a responsabilidade do homem que faz sua dignidade e moralidade. Sem ela, não seria ele mais do que um autômato, um brinquete das forças ambientes: a noção de moralidade é inseparável da de liberdade. A responsabilidade é estabelecida pelo testemunho da consciência, que nos aprova ou censura segundo a natureza de nossos atos. [...] Se a liberdade humana é restrita, está pelo menos em via de perfeito desenvolvimento, porque o progresso não é outra coisa mais do que a extensão do livre-arbítrio no indivíduo e na coletividade. [...] O livre-arbítrio é, pois, a expansão da personalidade e da consciência. Para sermos livres é necessário querer sê-lo e fazer esforço para vir a sê-lo, libertando-nos da escravidão da ignorância e das paixões baixas, substituindo o império das sensações e dos instintos pelo da razão.⁵

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 843, p. 387.
2. _____. Questão 844, p. 388.
3. _____. Questão 845, p. 388.
4. CALLIGARIS, Rodolfo. *As leis morais*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 151.
5. DENIS, Léon. *O Problema do ser, do destino e da dor*. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. (O Livre-arbítrio), cap. 22, p. 342-343.
6. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Questão, 134, p. 85-86.

Anexo Exemplos de figuras para a construção coletiva de história



Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

ROTEIRO 3

Livre-arbítrio e fatalidade

Objetivos específicos

- Explicar o que é fatalidade sob o ponto de vista do Espiritismo.
- Estabelecer as relações existentes entre o exercício do livre-arbítrio e a fatalidade.

Conteúdo básico

- *Haverá fatalidade nos acontecimentos da vida, conforme ao sentido que se dá a este vocábulo? Quer dizer: todos os acontecimentos são predeterminados? E, neste caso, que vem a ser do livre-arbítrio?*

A fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar, desta ou daquela prova para sofrer. Escolhendo-a, instituiu para si uma espécie de destino, que é a consequência mesma da posição em que vem a achar-se colocado. Falo das provas físicas, pois, pelo que toca às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o livre-arbítrio quanto ao bem e ao mal, é sempre senhor de ceder ou de resistir [...] Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 851.

- *A questão do livre-arbítrio se pode resumir assim: O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode, por prova e por expiação, escolher uma existência em que seja arrastado ao crime, quer pelo meio onde se ache colocado, quer pelas circunstâncias que sobrevenham, mas será sempre livre de agir ou não agir. Assim, o livre-arbítrio existe para ele, quando no estado de Espírito, ao fazer a escolha da existência e das provas e, como encarnado, na faculdade de ceder ou de resistir aos arrastamentos a que todos nos temos voluntariamente submetido [...]. Contudo, a fatalidade não é uma palavra vã. Existe na posição que o homem ocupa na Terra e nas funções que aí desempenha, em consequência do gênero de vida que seu Espírito escolheu como prova, expiação ou missão.*

Ele sofre fatalmente todas as vicissitudes dessa existência e todas as tendências boas ou más, que lhe são inerentes. [...] Há fatalidade, portanto, nos acontecimentos que se apresentam, por serem estes consequência da escolha que o Espírito fez da sua existência de homem. Pode deixar de haver fatalidade no resultado de tais acontecimentos, visto ser possível ao homem, pela sua prudência, modificar-lhes o curso [...]. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 872.

Sugestões didáticas

Introdução

- Retomar, rapidamente, o assunto do roteiro anterior (Livre-arbítrio e responsabilidade), comentando as seguintes palavras do escritor e teatrólogo irlandês George Bernard Shaw (1856-1950), Prêmio Nobel de Literatura, em 1925:
Liberdade significa responsabilidade. Por esta razão a maioria dos homens a teme.

Desenvolvimento:

- Dividir, em seguida, a turma em duplas, entregando a cada uma tiras de papel com frases sobre o tema da aula: *Livre-arbítrio e fatalidade* (veja anexo).
- Pedir às duplas que façam leitura da frase recebida, interpretando as idéias expressas pelo autor. Pedir-lhes também que escrevam, no verso da tira de papel, a interpretação que deram à frase.
- Concluída a atividade, ouvir a leitura das frases e as respectivas interpretações.
- Desenvolver um debate geral sobre o tema da aula, destacando:
 - a) o conceito de fatalidade sob o ponto de vista espírita (veja *O Livro dos Espíritos*, questões 851 e 866);
 - b) as relações existentes entre o exercício do livre-arbítrio e a fatalidade (veja questão 872 de *O Livro dos Espíritos*, e questão 131 de *O Consolador*).

Conclusão

- Citar exemplos – retirados de livros, jornais ou revistas – que ilustrem o conceito espírita de fatalidade, isto é, provas ou expiações que o Espírito deva passar, previamente estipuladas no planejamento reencarnatório.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- as duplas interpretarem corretamente as frases;
- a turma participar ativamente do debate.

Técnica(s): exposição; estudo em duplas; debate.

Recurso(s): tiras de papel com frases sobre livre-arbítrio e fatalidade; exemplos de livros, jornais ou revistas.

Subsídios

A Doutrina Espírita ensina que a [...] *fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar, desta ou daquela prova para sofrer. Escolhendo-a, instituiu para si uma espécie de destino, que é a consequência mesma da posição em que vem a achar-se colocado [...]*.¹ Essas provas planejadas são de natureza física (deficiências no corpo físico, doenças, limitações financeiras etc.), [...] *pois, pelo que toca às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o livre-arbítrio quanto ao bem e ao mal, é sempre senhor de ceder ou de resistir. Ao vê-lo fraquear, um bom Espírito pode vir-lhe em auxílio, mas não pode influir sobre ele de maneira a dominar-lhe a vontade*.¹

As doutrinas que pregam a existência de um fatalismo comandando a vida da pessoa em todos os sentidos, do nascimento à morte, ensinam [...] *que todos os acontecimentos estão previamente fixados por uma causa sobrenatural, cabendo ao homem apenas o regozijar-se, se favorecido com uma boa sorte, ou resignar-se, se o destino lhe for adverso. Os predestinacionistas baseiam-se na soberania da graça divina, ensinando que desde toda a eternidade algumas almas foram predestinadas a uma vida de retidão e, depois*

*da morte, à bem-aventurança celestial, enquanto outras foram de antemão marcadas para uma vida reprovável e, conseqüentemente, precondenadas às penas eternas do inferno. Se Deus regula, antecipadamente, todos os atos e todas as vontades de cada indivíduo – argumentam –, como pode este indivíduo ter liberdade para fazer ou deixar de fazer o que Deus terá decidido que ele venha a fazer?*⁵

Os deterministas, a seu turno, sustentam que as ações e a conduta do indivíduo, longe de serem livres, dependem integralmente de uma série de contingências a que ele não pode furtar-se, como os costumes, o caráter e a índole da raça a que pertença; o clima, o solo e o meio social em que viva; a educação, os princípios religiosos e os exemplos que receba; além de outras circunstâncias não menos importantes, quais o regime alimentar, o sexo, as condições de saúde, etc.⁶

Essas doutrinas, como se vê, reduzem o homem a simples autômato, sem mérito nem responsabilidade.

O Espiritismo nos apresenta ensinamentos mais concordantes com a justiça, bondade e misericórdia divinas. A fatalidade é entendida como um produto do livre-arbítrio, cujos acontecimentos resultam de escolhas previamente definidas, na maioria das vezes, no plano espiritual. Essas escolhas refletem sempre a necessidade de progresso espiritual, e podem ser modificadas segundo o livre-arbítrio da pessoa, ou replanejadas, em se considerando o benefício que pode resultar para alguém. Na verdade, o planejamento reencarnatório é flexível, adaptado às circunstâncias e aos resultados esperados. É por esta razão que os Espíritos Superiores afirmam: *A fatalidade, verdadeiramente, só existe quanto ao momento em que deveis aparecer e desaparecer deste mundo.*² Afastada, nesta situação, a hipótese do suicídio — sempre vista como uma transgressão à Lei Divina —, não devemos temer qualquer perigo que ameace a nossa integridade física, porque não pereceremos se a nossa hora não tiver chegado. Porém, é oportuno destacar que, pelo fato de ser infalível a hora da morte, não se deve deduzir que sejam inúteis as precauções para evitá-la. O fato de o homem pressentir que a sua vida corre perigo constitui um aviso dos bons Espíritos para que se desvie do mal e reprogramme seus atos.

Existem pessoas que parecem ser perseguidas por uma fatalidade, independentemente da maneira como procedem. Neste caso, são provas que, escolhidas anteriormente, aconteceriam de qualquer forma. No entanto, devemos considerar a hipótese de que tais provações reflitam apenas as conseqüências de faltas cometidas em razão de atos impensados, na atual existência.

O exercício do livre-arbítrio, tendo em vista a nossa felicidade espiritual, é uma tarefa árdua que devemos persistir sem desânimo. *A luta e o trabalho são tão imprescindíveis ao aperfeiçoamento do espírito como o pão material é indispensável à manutenção do corpo físico. É trabalhando e lutando, sofrendo e aprendendo, que a alma adquire as experiências necessárias na sua marcha para a perfeição.*⁷

Nunca há fatalidade nas opções morais, pois uma decisão pessoal infeliz não deve ser vista como uma má-sorte ou como imposição de Deus aos seus filhos. Esta é a razão de os Espíritos Superiores nos afirmarem: [...] *Ora, aquele que delibera sobre uma coisa é sempre livre de fazê-la, ou não. Se soubesse previamente que, como homem [encarnado], teria que cometer um crime, o Espírito estaria a isso predestinado. Ficai, porém, sabendo que ninguém há predestinado ao crime e que todo crime, como qualquer outro ato, resulta sempre da vontade e do livre-arbítrio.*³

Em suma, a fatalidade que parece presidir aos destinos, é resultante de escolhas estipuladas no nosso planejamento reencarnatório e do nosso livre-arbítrio nas ações cotidianas. Dessa forma, atentos à orientação que um dos Espíritos da Codificação nos dá: *Tu mesmo escolheste a tua prova. Quanto mais rude ela for e melhor a suportares, tanto mais te elevarás. Os que passam a vida na abundância e na ventura humana são Espíritos pusilânimes, que permanecem estacionários. Assim, o número dos desafortunados é muito superior ao dos felizes deste mundo, atento que os Espíritos, na sua maioria, procuram as provas que lhes sejam mais proveitosas. [...] Acresce que a mais ditosa existência é sempre agitada, sempre perturbada, quando mais não seja, pela ausência da dor.*⁴

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 851, p. 390.
2. _____. Questão 859, p. 393.
3. _____. Questão 861, p. 393-394.
4. _____. Questão 866, p. 396.
5. CALLIGARIS, Rodolfo. *As leis morais*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, (O Livre-arbítrio), p. 152.
6. _____. p. 153.
7. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 131, p. 83.

Anexo Pensamentos sobre livre-arbítrio e fatalidade

O homem “que tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbítrio, seria máquina.” Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*, questão 843.

“A existência de cada homem é resultante de seus atos e pensamentos.” Humberto de Campos: *Palavras do Infinito*.

“O livre-arbítrio não é absoluto, mas, sim, relativo – relativo à posição ocupada pelo homem na escala dos valores espirituais.” Martins Peralva: *O Pensamento de Emmanuel*.

“O único homem que nunca comete erros é aquele que nunca faz coisa alguma. Não tenha medo de errar, pois você aprenderá a não cometer duas vezes o mesmo erro.” *Roosevelt*

“O futuro do homem não está nas estrelas, mas sim na sua vontade.” *Shakespeare*

“Nenhum vento sopra a favor de quem não sabe para onde ir.” *Sêneca*

“As enfermidades são os resultados não só dos nossos atos como também dos nossos pensamentos.” *Ghandi*

“Não há fatalidade para o mal e sim destinação para o bem. É por isso que a todas as criaturas foi concedida a bênção da razão, como luz consciencial no caminho.” Emmanuel: (*Prefácio*) *Nosso Lar*.

“Uma coisa posso afirmar e provar com palavras e atos: é que nos tornamos melhores se cremos que é nosso dever seguir em busca da verdade desconhecida.” *Sócrates*

“O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino.” Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*, questão 872.

ROTEIRO 4

O princípio de ação e reação

Objetivos específicos

- Explicar o que é fatalidade sob o ponto de vista do Espiritismo.
- Estabelecer as relações existentes entre o exercício do livre-arbítrio e a fatalidade.

Conteúdo básico

- *Sendo infinita a Justiça de Deus, o bem e o mal são rigorosamente considerados, não havendo uma só ação, um só pensamento mau que não tenha conseqüências fatais, como não há uma única ação meritória, um só bom movimento da alma que se perca [...] Allan Kardec: O céu e o inferno. Primeira parte, cap. 7, n.º 8 (Código Penal da Vida Futura).*
- *Toda falta cometida, todo mal realizado, é uma dívida contraída que deverá ser paga; se não for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes, porque todas as existências são solidárias entre si. Aquele que se quita numa existência não terá necessidade de pagar segunda vez. Allan Kardec: O céu e o inferno. Primeira parte, cap. 7, n.º 9 (Código Penal da Vida Futura).*
- *De duas espécies são as vicissitudes da vida, ou, se o preferirem, promanam de duas fontes diferentes, que importa distinguir. Umas têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida. Remontando-se à origem dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são conseqüência natural do caráter e do proceder dos que os suportam. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo, cap. 5, item 4.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Realizar breve introdução do assunto, de forma que fique explicado o entendimento espírita a respeito: a) da lei de causa e efeito; b) da diferença existente entre a lei de causa e efeito, propriamente dita, e a pena de Talião, do «dente por dente» e «olho por olho».

Desenvolvimento

- Em seguida, solicitar aos participantes que se organizem em três grupos para, respectivamente, ler os relatos dos casos um, dois e três, constantes dos subsídios.
- Pedir aos grupos que troquem idéias sobre o assunto lido, realizando, após, a tarefa que se segue:
 1. fazer uma sinopse ou esquema dos principais pontos, classificados como perdas e como benefícios, no que se refere à manifestação da lei de causa e efeito na vida dos personagens;
 2. destacar, nos pontos classificados, onde há infração à Lei de Liberdade e onde está manifestada a Justiça e Bondade Divinas;
 3. indicar relatores para apresentar, em plenária, as conclusões do estudo do caso, orientando-se pelos seguintes passos:
 - a) um colega relata o caso resumidamente, em plenária;
 - b) outro participante expõe sobre os pontos classificados como perdas e benefícios;
 - c) um terceiro relator destaca, nos pontos classificados, infrações à Lei de Liberdade e manifestações da Justiça e Bondade Divinas.
- Ouvir as conclusões dos grupos, esclarecendo possíveis dúvidas.
- Observação: colocar à disposição dos grupos: fita adesiva, papel pardo ou cartolina, pincéis atômicos de cores variadas para, se necessário, serem utilizados nas apresentações.

Conclusão

- Explicar, ao final, o significado das palavras de Jesus (Mateus, 26: 50) : «Mete a tua espada no seu lugar; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão.» Assim como as

do apóstolo Paulo (Epístola aos Gálatas, 6: 7): «Não vos enganéis; Deus não se deixa escarnecer; pois tudo o que o homem semear, isso também ceifará.»

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- Os participantes realizarem corretamente o estudo de caso, seguindo as orientações recebidas.

Técnica(s): exposição; estudo de caso.

Recurso(s): subsídios do roteiro; citações Novo Testamento.

Subsídios

A “lei de ação e reação”, ou princípio de causa e efeito, está relacionada à Lei de Liberdade e à sábia manifestação da Justiça e Bondade Divinas.

Os atos praticados contra a Lei de Liberdade, própria ou alheia, nos conduzem à questão do livre-arbítrio, assim resumida: [...] *O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode, por prova e por expiação, escolher uma existência em que seja arrastado ao crime, quer pelo meio onde se ache colocado, quer pelas circunstâncias que sobrevenham, mas será sempre livre de agir ou não agir. Assim, o livre-arbítrio existe para ele, quando no estado de Espírito, ao fazer a escolha da existência e das provas e, como encarnado, na faculdade de ceder ou de resistir aos arrastamentos a que todos nos temos voluntariamente submetido. Cabe à educação combater essas más tendências.*⁷ Devemos ressaltar que sem [...] o livre-arbítrio, o homem não teria nem culpa por praticar o mal, nem mérito em praticar o bem. E isto a tal ponto está reconhecido que, no mundo, a censura ou o elogio são feitos à intenção, isto é, à vontade. Ora, quem diz vontade diz liberdade. Nenhuma desculpa poderá, portanto, o homem buscar, para os seus delitos, na sua organização física, sem abdicar da razão e da sua condição de ser humano, para se equiparar ao bruto.⁸ O homem possui o suficiente livre-arbítrio para tomar

decisões, e, se [...] *ele cede a uma sugestão estranha e má, em nada lhe diminui a responsabilidade, pois lhe reconhece o poder de resistir, o que evidentemente lhe é muito mais fácil do que lutar contra a sua própria natureza. Assim, de acordo com a Doutrina Espírita, não há arrastamento irresistível: o homem pode sempre cerrar ouvidos à voz oculta que lhe fala no íntimo, induzindo-o ao mal, como pode cerrá-los à voz material daquele que lhe fale ostensivamente.*⁹

*Essa teoria da causa determinante dos nossos atos ressalta com evidência de todo o ensino que os Espíritos hão dado. Não só é sublime de moralidade, mas também, acrescentaremos, eleva o homem aos seus próprios olhos. Mostra-o livre de subtrair-se a um jugo obsessivo, como livre é de fechar sua casa aos importunos. Ele deixa de ser simples máquina, atuando por efeito de uma impulsão independentemente da sua vontade, para ser um ente racional, que ouve, julga e escolhe livremente de dois conselhos um. Aditemos que, apesar disto, o homem não se acha privado de iniciativa, não deixa de agir por impulso próprio, pois que, em definitiva, ele é apenas um Espírito encarnado que conserva, sob o envoltório corporal, as qualidades e os defeitos que tinha como Espírito. Consequentemente, as faltas que cometemos têm por fonte primária a imperfeição do nosso próprio Espírito, que ainda não conquistou a superioridade moral que um dia alcançará, mas que, nem por isso, carece de livre-arbítrio.*⁹

A Justiça e Bondade Divinas estão evidentes nas manifestações da lei de causa e efeito. Desde [...] *que admita a existência de Deus, ninguém o pode conceber sem o infinito das perfeições. Ele necessariamente tem todo o poder, toda a justiça, toda a bondade, sem o que não seria Deus. Se é soberanamente bom e justo, não pode agir caprichosamente, nem com parcialidade. Logo, as vicissitudes da vida derivam de uma causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser essa causa. Isso o de que cada um deve bem compenetrar-se.*⁵ Sendo infinita a justiça de Deus, o bem e o mal são rigorosamente considerados, não havendo uma só ação, um só pensamento mau que não tenha conseqüências fatais, como não há uma única ação meritória, um só bom movimento da alma que se perca, mesmo para os mais perversos, por isso que constituem tais ações um começo de progresso.¹ Se admitimos a Justiça de Deus, não podemos deixar de admitir que esse efeito tem uma causa; e se esta causa não se encontra na vida presente, deve achar-se antes desta, porque em todas as coisas a causa deve preceder ao efeito; há, pois, necessidade de a alma já ter vivido, para que possa merecer uma expiação.¹⁰ A expiação é, assim, a manifestação da lei de causa e efeito em decorrência de faltas anteriormente cometidas. Dessa forma, toda [...] *falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga.*² O Espírito sofre, quer no mundo corporal, quer no espiritual, a conseqüência das suas

*imperfeições. As misérias, as vicissitudes padecidas na vida corpórea, são oriundas das nossas imperfeições.*³

*O fato de haver uma relação de causalidade nos problemas, doenças e dores que enfrentamos — consequência de nossas ações — não significa que as causas estejam necessariamente em vidas anteriores. Muitos males que nos afligem têm origem em nosso comportamento na vida atual. E há enfermidades, limitações e deficiências físicas que são decorrentes de mau uso, isto é, usamos mal o corpo e lhe provocamos estragos. [...] Isso acontece particularmente com vícios e indisciplinas que geram graves problemas de saúde.*¹³ *Por esta razão, ensinam os Espíritos Superiores: De duas espécies são as vicissitudes da vida, ou, se o preferirem, promanam de duas fontes diferentes, que importa distinguir. Uma tem sua causa na vida presente; outras, fora desta vida. Remontando-se à origem dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são consequência natural do caráter e do proceder dos que os suportam.*⁶ *É na vida corpórea que o Espírito repara o mal de anteriores existências, pondo em prática resoluções tomadas na vida espiritual. Assim se explicam as misérias e vicissitudes da vida mundana que, à primeira vista, parecem não ter razão de ser. Justa são elas, no entanto, como espólio do passado.*⁴

*A quem, então, há de o homem responsabilizar por todas essas aflições, senão a si mesmo? O homem, pois, em grande número de casos, é o causador de seus próprios infortúnios; mas, em vez de reconhecê-lo, acha mais simples, menos humilhante para sua vaidade acusar a sorte, a Providência, a má fortuna, a má estrela, ao passo que a má estrela é apenas a sua incúria.*⁶

*O Entendimento [...] da lei de Causa e Efeito nos permite compreender, em plenitude, a justiça perfeita de Deus. Sentimos que tudo tem uma razão de ser, que nada acontece por acaso. Males e sofrimentos variados que enfrentamos estão relacionados com o nosso passado [recente ou remoto]. É a conta a pagar. Mas há outro aspecto, muito importante: Se a dor é a moeda pela qual resgatamos o passado, Deus nos oferece abençoada alternativa — o Bem. Todo esforço em favor do próximo amortiza nossos débitos, tornando mais suave o resgate.*¹⁴

Em Mateus, capítulo 26, versículos 47-52, encontramos referências ao princípio de ação e reação: “E estando ele ainda a falar, eis que veio Judas, um dos doze, e com ele grande multidão com espadas e varapaus, vinda da parte dos principais sacerdotes e dos anciãos do povo. Ora, o que o traía lhes havia dado um sinal, dizendo: Aquele que eu beijar, esse é: prendei-o. E logo, aproximando-se de Jesus, disse: Salve, Rabi. E o beijou. Jesus, porém, lhe disse: Amigo, a que vieste? Nisto, aproximando-se eles, lançaram mão de Jesus, e o prenderam. E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, puxou da espada e, ferindo

o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe uma orelha. Então Jesus lhe disse: Mete a tua espada no seu lugar; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão.” Lucas informa que, em seguida, Jesus tocou a orelha do homem e a curou. O apóstolo Paulo diz algo semelhante na Epístola aos Gálatas (capítulo 6, versículo 7): “Não vos enganeis; Deus não se deixa escarnecer; pois tudo o que o homem semear, isso também ceifará.”

Vemos, assim, que há [...] *uma relação de causalidade entre o mal que praticamos e o mal que sofremos depois. O prejuízo que impomos ao semelhante é débito em nossa conta, na contabilidade divina.*¹¹ Entretanto, é oportuno lembrar que não devemos confundir a lei de causa e efeito com a pena de Talião ou com a legislação de Moisés, que preconizam “dente por dente” e “olho por olho”. A lei de causa e efeito, segundo o entendimento espírita, refere-se tanto à manifestação da justiça, bondade e misericórdia divinas quanto à necessidade evolutiva do ser humano de reparar erros cometidos, decorrentes das inflações cometidas contra a Lei de Liberdade. Quando [...] *Jesus afirma que quem usa a espada com a espada perecerá, ou Paulo proclama que tudo o que semearmos colheremos, reportam-se ao fato de que receberemos de volta todo o mal que praticarmos, em sofrimentos correspondentes, não necessariamente idênticos, o que equivaleria à sua perpetuação. [...] As sanções divinas não dependem do concurso humano. Todo prejuízo causado ao semelhante provocará desajustes em nosso corpo espiritual, o perispírito, os quais, nesta mesma existência ou em existências futuras, se manifestarão na forma de males redentores.*¹²

A literatura espírita é rica de inúmeros exemplos sobre a lei de causa e efeito. A título de ilustração, citaremos três casos.

1.º Caso: Verdugo e vítima¹⁷

O Espírito Irmão X nos conta no livro *Contos Desta e Doutra Vida*, a seguinte história: *O rio transbordava. Aqui e ali, na crista espumosa da corrente pesada, boiavam animais mortos ou deslizavam toras e ramarias. Vazantes em torno davam expansão ao crescente lençol de massa barrenta. Famílias inteiras abandonavam casebres, sob a chuva, carregando aves espantadiças, quando não estivessem puxando algum cavalo magro.*

Quirino, o jovem barqueiro, que vinte e seis anos de sol no sertão haviam enrijado de todo, ruminava plano sinistro. Não longe, em casinhola fortificada, vivia Licurgo, conhecido usurário das redondezas. Todos o sabiam proprietário de pequena fortuna a que montava guarda, vigilante. Ninguém, no entanto, poderia

avaliar-lhe a extensão, porque, sozinho, envelhecera e, sozinho, atendia às próprias necessidades.

— O velho – dizia Quirino de si para consigo – será atingido na certa. É a primeira vez que surge uma cheia como esta. Agarrado aos próprios haveres, será levado de roldão... E se as águas devem acabar com tudo, porque não me beneficiar? O homem já passou dos setenta... Morrerá a qualquer hora. Se não for hoje, será amanhã, depois de amanhã... E o dinheiro guardado? Não poderia servir para mim, que estou moço e com pleno direito ao futuro?...

O aguaceiro caía sempre, na tarde fria. O rapaz, hesitante, bateu à porta da choupana molhada.

— «Seu» Licurgo! «Seu» Licurgo!...

E, ante o rosto assombrado do velhinho que assomara à janela, informou:

— Se o senhor não quer morrer, não demore. Mais um pouco de tempo e as águas chegarão. Todos os vizinhos já se foram...

— Não, não... — resmungou o proprietário —, moro aqui há muitos anos. Tenho confiança em Deus e no rio... Não sairei.

— Venho fazer-lhe um favor...

— Agradeço, mas não sairei.

Tomado de criminoso impulso, o barqueiro empurrou a porta mal fechada e avançou sobre o velho, que procurou em vão reagir.

— Não me mate, assassino!

A voz rouquenha, contudo, silenciou nos dedos robustos do jovem. Quirino largou para um lado o corpo amolecido, como traste inútil, arrebatou pequeno molho de chaves do grande cinto e, em seguida, varejou todos os escaninhos... Gavetas abertas mostravam cédulas mofadas, moedas antigas e diamantes, sobretudo diamantes. Enceguecido de ambição, o moço recolhe quanto acha. A noite chuvosa descera completa...

Quirino toma os despojos da vítima num cobertor e, em minutos breves, o cadáver mergulha no rio. Logo após, volta à casa despovoada, recompõe o ambiente e afasta-se, enfim, carregando a fortuna.

Passado algum tempo, o homicida não vê que uma sombra se lhe esgueira à retaguarda. É o Espírito de Licurgo, que acompanha o tesouro. Pressionado pelo remorso, o barqueiro abandona a região e instala-se em grande cidade, com pequena casa comercial, e casa-se, procurando esquecer o próprio arrependimento, mas recebe o velho Licurgo, reencarnado, por seu primeiro filho...

2.º Caso: Dívida agravada¹⁵

O Espírito André Luiz nos relata no capítulo 12, da obra *Ação e Reação*, páginas 215 a 219, a manifestação da lei de causa e efeito numa situação muito comum na atualidade.

O Assistente [Silas] interrompeu a operação socorrista e falou-nos bondoso:

— Temos aqui asfixiante problema de conta agravada. E designando a jovem mãe, agora extenuada, continuou:

— Marina veio de nossa Mansão para auxiliar a Jorge e Zilda, dos quais se fizera devedora. No século passado, interpôs-se entre os dois, quando recém-casados, impelindo-os a deploráveis levandades, que lhes valeram angustiosa demência no Plano Espiritual. Depois de longos padecimentos e desajustes, permitiu o Senhor que muitos amigos intercedessem junto aos Poderes Superiores, para que se lhes recompusesse o destino, e os três renasceram no mesmo quadro social, para o trabalho regenerativo. Marina, a primogênita do lar de nossa irmã Luísa, recebeu a incumbência de tutelar a irmãzinha menor, que assim se desenvolveu ao calor de seu fraternal carinho, mas, quando moças feitas, há alguns anos, eis que, segundo o programa de serviço traçado antes da reencarnação, a jovem Zilda reencontra Jorge e reatam, instintivamente, os elos afetivos do pretérito. Amam-se com fervor e confiam-se ao noivado. Marina, porém, longe de corresponder às promessas esposadas no Mundo Maior, pelas quais lhe cabia amar o mesmo homem, no silêncio da renúncia construtiva, amparando a irmãzinha, outrora repudiada esposa, nas lutas purificadoras que a atualidade lhe ofertaria, passou a maquinizar projetos inconfessáveis, tomada de intensa paixão. Completamente cega e surda aos avisos da sua consciência, começou a envolver o noivo da irmã em larga teia de sedução e, atraindo para o seu escuso objetivo o apoio de entidades caprichosas e enfermizas, por intermédio de doentios desejos, passou a hipnotizar o moço, espontaneamente, com o auxílio dos vampiros desencarnados, cuja companhia aliciara sem perceber... E Jorge, inconscientemente dominado, transferiu-se do amor por Zilda à simpatia por Marina, observando que a nova afetividade lhe crescia assustadoramente no íntimo, sem que ele mesmo pudesse controlar-lhe a expansão... Decorridos breves meses, dedicavam-se ambos a encontros ocultos, nos quais se comprometeram um com o outro na maior intimidade... Zilda notou a modificação do rapaz, mas procurava desculpar-lhe a indiferença à conta de cansaço no trabalho e dificuldades na vida familiar. Todavia, em faltando apenas duas semanas para a realização do consórcio, surpreende-se a pobrezinha com a inesperada e aflitiva confissão... Jorge expõe-lhe a chaga que lhe excrucia o mundo interior... Não lhe nega admiração e carinho, mas desde muito reconhece que somente Marina deve ser-lhe a compa-

nheira no lar. A noiva preterida sufoca o pavoroso desapontamento que a subjuga e, aparentemente, não se revolta. Mas, introvertida e desesperada, consegue na mesma noite do entendimento a dose de formicida com que põe termo à existência física. Alucinada de dor, Zilda, desencarnada, foi recolhida por nossa irmã Luísa, que já se achava antes dela em nosso mundo, admitida na Mansão pelos méritos maternos. A genitora desditosa rogou o amparo de nossos Maiores. Na posição de mãe, apiedava-se de ambas as jovens, de vez que a filha traidora, aos seus olhos, era mais infeliz que a filha escarnecida, embora esta última houvesse adquirido o grave débito dos suicidas, em seu caso atenuado pela alienação mental em que a moça se vira, sentenciada sem razão a inqualificável abandono... Examinando o assunto, carinhosamente, pelo Ministro Sânzio [...], determinou ele que Marina fosse considerada devedora em conta agravada por ela mesma. E, logo após a decisão, providenciou a fim de que Zilda fosse recambiada ao lar para receber aí os cuidados merecidos. Marina falhara na prova de renúncia em favor da irmã que lhe era credora generosa, mas condenara-se ao sacrifício pela mesma irmãzinha, agora imposta pelo aresto da Lei ao seu convívio, na situação de filha terrivelmente sofredora e imensamente amada. Foi assim que Jorge e Marina, livres, casaram-se, recolhendo da Terra a comunhão afetiva pela qual suspiravam; entretanto, dois anos após o enlace, receberam Zilda em rendado berço, como filhinha estremecida. Mas... desde os primeiros meses do rebento adorado, identificara-lhe a dolorosa prova. Zilda, hoje chamada Nilda, nasceu surda-muda e mentalmente retardada, em consequência do trauma perispíritico experimentado na morte por envenenamento voluntário. Inconsciente e atormentada nos refulhos do ser pelas recordações asfixiantes do passado recente, chora quase que dia e noite... Quanto mais sofre, porém, mais ampla ternura recolhe dos pais que a amam com extremados desvelos de compaixão e carinho... Silenciou o Assistente [...].

Achávamo-nos eu e Hilário, assombrados e comovidos. O problema era doloroso do ponto de vista humano, contudo encerrava precioso ensinamento da Justiça Divina.

3.º caso: Dívida e resgate¹⁶

No livro *Contos e Apólogos*, capítulo 23, páginas 101 a 104, relata-nos Irmão X emocionante manifestação da lei de causa e efeito, ocorrida entre os séculos dezenove e vinte.

Na antevéspera do Natal de 1856, Dona Maria Augusta Correia da Silva, senhora de extensos haveres, retornava à fazenda, às margens do Paraíba, após quase um ano de passeio repousante na Corte.

Acompanhada de numerosos amigos que lhe desfrutariam a festiva hospitalidade, a orgulhosa matrona, na tarde chuvosa e escura, recebia os sessenta e dois cativos de sua casa que, sorridentes e humildes, lhe pediam a bênção.

Na sala grande, nobremente assentada em velha poltrona sobre largo estrado que lhe permitisse mais amplo golpe de vista, fazia um gesto de complacência, à distância, para cada servidor que exclamava de joelhos: — Louvado seja Nosso Senhor Jesus-Cristo, «sinhá»!

— Louvado seja! — acentuava Dona Maria com terrível severidade a transparecer-lhe da voz.

Velhinhos de cabeça branca, homens rudes do campo, mulheres desfiguradas pelo sofrimento, moços e crianças desfilavam nas boas-vindas.

Contudo, em ângulo recuado, pobre moça mestiça, sustentando nos braços duas crianças recém-nascidas, sob a feroz atenção de capataz desalmado, esperava a sua vez.

Foi a última que se aproximou para a saudação. A fazendeira soberana levantou-se, empertigada, chamou para junto de si o cérbero humano que seguia de perto a jovem escrava, e, antes que a pobrezinha lhe dirigisse a palavra, falou-lhe, duramente:

— Matilde, guarde as crias na senzala e encontre-me no terreiro. Precisamos conversar.

A interpelada obedeceu sem hesitação.

E afastando-se do recinto, na direção do quintal, Dona Maria Augusta e o assessor, de azorrague em punho, cochichavam entre si.

No grande pátio que a noite agora amortalhava em sombra espessa, a mãezinha infortunada veio atender à ordenação recebida.

— Acompanhe-nos! - determinou Dona Maria, austeramente.

Guiadas pelo rude capitão do mato, as duas mulheres abordaram a margem do rio transbordante.

Nuvens formidandas coavam no céu os medonhos rugidos de trovões remotos...

Derramava-se o Paraíba, em soberbo espetáculo de grandeza, dominando o vale extenso.

Dona Maria pousou o olhar coruscante na mestiça humilhada e falou:.

— Diga de quem são essas duas «crias» nascidas em minha ausência!

— De «Nhô» Zico, «sinhá»!

— Miserável! — bradou a proprietária poderosa — meu filho não me daria semelhante desgosto. Negue essa infâmia!

— Não posso! Não posso!

A patroa encolerizada relanceou o olhar pela paisagem deserta e bramiu, rouquenha:

— Nunca mais verá você essas crianças que odeio... — Ah! «sinhá» — soluçou a infeliz —, não me separe dos meninos! Não me separe dos meninos! Pelo amor de Deus!...

— Não quero você mais aqui e essas crias serão entregues à venda.

— Não me expulse, «sinhá»! Não me expulse!

— Desavergonhada, de hoje em diante você é livre! E depois de expressivo gesto para o companheiro, acentuou, irônica:

— Livre, poderá você trabalhar noutra parte para comprar esses rebentos malditos.

Matilde sorriu, em meio do pranto copioso, e exclamou:

— Ajude-me, «sinhá»... Se é assim, darei meu sangue para reaver meus filhinhos...

Dona Maria Augusta indicou-lhe o Paraíba enorme e sentenciou:

— Você está livre, mas fuja de minha presença. Atravesse o rio e desapareça!

— «Sinhá», assim não! Tenha piedade de sua cativa! Ai, Jesus! Não posso morrer...

Mas, a um sinal da patroa, o capataz envilecido estalou o chicote no dorso da jovem, que oscilou, indefesa, caindo na corrente profunda.

— Socorro! Socorro, meu Deus! Va!ei-me, Nosso Senhor! — gritou a mísera, debatendo-se nas águas.

Todavia, daí a instantes, apenas um cadáver de mulher descia rio abaixo, ante o silêncio da noite...

Cem anos passaram...

Na antevéspera do Natal de 1956, Dona Maria Augusta Correia da Silva, reencarnada, estava na cidade de Passa-Quatro, no sul de Minas Gerais.

Mostrava-se noutro corpo de carne, como quem mudara de vestimenta, mas era ela mesma, com a diferença de que, ao invés de rica latifundiária, era agora apagada mulher, em rigorosa luta para ajudar ao marido na defesa do pão.

Sofria no lar as privações dos escravos de outro tempo.

Era mãe, padecendo aflições e sonhos... Meditava nos filhinhos, ante a expectativa do Natal, quando a chuva, sobre o telhado, se fez mais intensa.

Horrível temporal desabava na região.

Alagara-se tudo em derredor da casa singela.

A pobre senhora, vendo a água invadir-lhe o reduto doméstico, avançou para fora, seguida do esposo e das crianças. . .

As águas, porém, subiam sempre em turbilhão envolvente e destruidor, arrasando o que se lhes opusesse à passagem.

Diante da ex-fazendeira, erguia-se um rio inesperado e imenso e, em dado instante, esmagada de dor, ante a violenta separação do companheiro e dos pequeninos, tombou na caudal, gritando em desespero:

— Socorro! Socorro, meu Deus! Valei-me, Nosso Senhor!

Todavia, decorridos alguns momentos, apenas um cadáver de mulher descia corrente abaixo, ante o silêncio da noite...

•

A antiga situante do Vale do Paraíba resgatou o débito que contraíra perante a Lei.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 53. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Primeira parte. Cap. 7 (Código Penal da Vida Futura), n.º 8, p.91.
2. _____. Item 9, p. 91-92.
3. _____. Item 10, p. 92.
4. _____. Item 31, p.99.
5. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 123. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. V, item 3, p. 98.
6. _____. Item 4, p. 98-99.
7. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 872, p. 398-399.
8. _____. p. 399.
9. _____. p. 401-402.
10. _____. *O que é o espiritismo*. 46. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Terceira parte. Cap. 3, questão 134, p. 203.
11. SIMONETTI, Richard. *Espiritismo, uma nova era*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB. 1999 (O efeito e a causa), p.136.
12. _____. p. 138.
13. _____. p. 138-139.
14. _____. p. 141.

15. XAVIER, Francisco Cândido. *Ação e reação*. Pelo espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro. FEB. 2004. Cap. 12 (Dívida agravada), p. 215-219.
16. _____. *Contos e apólogos*. Pelo Espírito Irmão X. 9. ed. Rio de Janeiro. FEB. 2000. Cap. 23 (Dívida e resgate), p.101-104.
17. _____. *Contos desta e doutra vida*. Pelo Espírito Irmão X. 11. ed. Rio de Janeiro. FEB. 2004. Cap. 12 (Verdugo e Vítima), p. 59-62.

Causa e Efeito

“Bate!... — ordena o senhor, em subido mirante,
Ao capataz que espanca o escravo fugitivo
“Bate mais!... Bate mais!...” E o mísero cativo
Estorcega-se e geme ao látego triunfante.

Esse vai, outro vem... A mesma voz troante
Ao rebenque feroz... O mesmo olhar altivo!...
Cada servo a tombar, padeça, morto vivo,
Cada corpo a cair nunca mais se levante!...

Morre o senhor, um dia... E, Espírito culpado,
Em pranto, roga a Deus lhe corrija o passado...
Renasce e serve ao bem, atormentado embora!...

Hoje, em leito fidalgo, a dor lhe impede a fala,
Sente no peito em fogo o relho da senzala
E estorcega-se e geme ao câncer que o devora!...

Silva Ramos

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO XI

Lei do Progresso

OBJETIVO GERAL

Possibilitar entendimento da lei do progresso e da contribuição do Espiritismo no processo evolutivo da Humanidade

ROTEIRO 1

Progresso intelectual e progresso moral

Objetivos específicos

- Estabelecer relação entre progresso moral e progresso intelectual.
- Identificar os maiores obstáculos ao progresso moral.

Conteúdo básico

- *Há duas espécies de progresso, que uma a outra se prestam mútuo apoio, mas que, no entanto, não marcham lado a lado: o progresso intelectual e o progresso moral (...). Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 785 – comentário.*
- *O progresso moral acompanha sempre o progresso intelectual? Decorre deste, mas nem sempre o segue imediatamente. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 780.*
- *O progresso intelectual engendra o progresso moral fazendo [...] compreensíveis o bem e o mal. O homem, desde então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 780-a.*
- *Qual o maior obstáculo ao progresso? O orgulho e o egoísmo. Refiro-me ao progresso moral, porquanto o intelectual se efetua sempre. À primeira vista, parece mesmo que o progresso intelectual reduplica a atividade daqueles vícios, desenvolvendo a ambição e o gosto das riquezas, que, a seu turno, incitam o homem a empreender pesquisas que lhe esclarecem o Espírito. Assim é que tudo se prende, no mundo moral, como no mundo físico, e que do próprio mal pode nascer o bem. Curta, porém, é a duração desse estado de coisas, que mudará à proporção que o homem compreender melhor que, além da que o gozo dos bens terrenos proporciona, uma felicidade existe maior e infinitamente mais duradoura. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 785.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Realizar, no início da reunião, exposição sobre o conteúdo doutrinário da questão 780 de *O Livro dos Espíritos*, inclusive os itens *a* e *b*. É importante que esta exposição reflita o conteúdo básico das idéias expressas pelos Espíritos Superiores (veja anexo).

Desenvolvimento:

- Dividir a turma em pequenos grupos, para a realização da seguinte tarefa:
 1. ler os subsídios do roteiro;
 2. extrair, da leitura realizada, as razões para o fato de o progresso moral nem sempre caminhar junto do progresso intelectual;
 3. levantar alguns pontos que demonstram o avanço intelectual e moral da humanidade de nossos dias;
 4. explicar por que o progresso moral pode decorrer do progresso intelectual.
- Ouvir os relatos, prestando esclarecimentos, se necessário.
- Fazer a integração do assunto, enfatizando os seguintes pontos:
 - a) relação entre o progresso moral e o progresso intelectual;
 - b) os maiores obstáculos ao progresso moral.

Conclusão

- Fazer, em conjunto com a turma, uma reflexão a respeito do conteúdo do último parágrafo dos subsídios do roteiro, destacando a necessidade de progredir em inteligência e moralidade para ser feliz.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os participantes realizarem corretamente as tarefas propostas.

Técnica(s): exposição; trabalho em pequenos grupos; reflexão em equipe.

Recurso(s): *O Livro dos Espíritos*; subsídios do roteiro; papel; lápis.

Subsídios A lei do progresso é inexorável. O homem não pode conservar-se indefinidamente na ignorância, porque tem de atingir a finalidade que a Providência lhe assinou. Ele se instrui pela força das coisas. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram nas idéias pouco a pouco; germinam durante séculos; depois, irrompem subitamente e produzem o desmoronamento do carunchoso edifício do passado, que deixou de estar em harmonia com as necessidades novas e com as novas aspirações.⁷

Há duas espécies de progresso, que uma a outra se prestam mútuo apoio, mas que, no entanto, não marcham lado a lado: o progresso intelectual e o progresso moral. Entre os povos civilizados, o primeiro tem recebido, no correr deste século, todos os incentivos. Por isso mesmo atingiu um grau a que ainda não chegara antes da época atual. Muito falta para que o segundo se ache no mesmo nível. Entretanto, comparando-se os costumes sociais de hoje com os de alguns séculos atrás, só um cego negaria o processo realizado. Ora, sendo assim, por que haveria essa marcha ascendente de parar, com relação, de preferência, ao moral, do que com relação ao intelectual? Por que será impossível que entre o século dezenove e o vigésimo quarto século haja, a esse respeito, tanta diferença quanta entre o décimo quarto século e o século dezenove? Duvidar fora pretender que a Humanidade está no apogeu da perfeição, o que seria absurdo, ou que ela não é perfectível moralmente, o que a experiência desmente.⁹

Na verdade, o atual progresso alcançado pela Humanidade representa um esforço evolutivo de milênios. Da sensação à irritabilidade, da irritabilidade ao instinto, do instinto à inteligência e da inteligência ao discernimento, séculos e séculos correram incessantes. A evolução é fruto do tempo infinito.¹¹ Outro ponto importante, merecedor de destaque, é que o progresso, moral ou intelectual, é sempre cumulativo. De átomo a átomo, organizam-se os corpos astronômicos dos mundos e de pequenina experiência em pequenina experiência, infinitamente repetidas, alarga-se-nos o poder da mente e sublimam-se-nos as manifestações da alma que, no escoar das eras imensuráveis, cresce no conhecimento e aprimora-se na virtude,

*estruturando, pacientemente, no seio do espaço e do tempo, o veículo glorioso com que escalsemos, um dia, os impérios deslumbrantes da Beleza Imortal.*¹²

O progresso é, principalmente, resultado do esforço individual: quanto maior for o nosso empenho, melhores serão os resultados alcançados. O progresso nos Espíritos é o fruto do próprio trabalho; mas, como são livres, trabalham no seu adiantamento com maior ou menor atividade, com mais ou menos negligência, segundo sua vontade, acelerando ou retardando o progresso e, por conseguinte, a própria felicidade. Enquanto uns avançam rapidamente, entorpecem-se outros, quais poltrões, nas fileiras inferiores. São eles, pois, os próprios autores da sua situação, feliz ou desgraçada, conforme esta frase do Cristo: — A cada um segundo as suas obras. Todo Espírito que se atrasa não pode queixar-se senão de si mesmo, assim como o que se adianta tem o mérito exclusivo do seu esforço, dando por isso maior apreço à felicidade conquistada.¹

O progresso intelectual e o progresso moral raramente marcham juntos, mas o que o Espírito não consegue em dado tempo, alcança em outro, de modo que os dois progressos acabam por atingir o mesmo nível. Eis por que se vêem muitas vezes homens inteligentes e instruídos pouco adiantados moralmente, e vice-versa.² No entanto, o progresso intelectual pode engendrar o progresso moral fazendo [...] compreensíveis o bem e o mal. O homem, desde então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos.⁶

Nesse sentido, a [...] encarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito: ao progresso intelectual, pela atividade obrigatória do trabalho; ao progresso moral, pela necessidade recíproca dos homens entre si. A vida social é a pedra de toque das boas ou más qualidades. A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má-fé, a hipocrisia, em uma palavra, tudo o que constitui o homem de bem ou o perverso tem por móvel, por alvo e por estímulo as relações do homem com os seus semelhantes.³

Observando os diferentes graus evolutivos existentes na Humanidade terrestre, compreendemos que uma [...] só existência corporal é manifestamente insuficiente para o Espírito adquirir todo o bem que lhe falta e eliminar o mal que lhe sobra. Como poderia o selvagem, por exemplo, em uma só encarnação nivelar-se moral e intelectualmente ao mais adiantado europeu? É materialmente impossível. Deve ele, pois, ficar eternamente na ignorância e barbárie, privado dos gozos que só o desenvolvimento das faculdades pode proporcionar-lhe? O simples bom-senso repele tal suposição, que seria não somente a negação da justiça e bondade divinas, mas das próprias leis evolutivas e progressivas da Natureza. Mas Deus, que é soberanamente

justo e bom, concede ao Espírito tantas encarnações quantas as necessárias para atingir seu objetivo – a perfeição. Para cada nova existência de permeio à matéria, entra o Espírito com o cabedal adquirido nas anteriores, em aptidões, conhecimentos intuitivos, inteligência e moralidade. Cada existência é assim um passo avante no caminho do progresso.⁴ É importante considerar também que o [...] Espírito progride igualmente na erraticidade, adquirindo conhecimentos especiais que não poderia obter na Terra [como encarnado] [...]. O estado corporal e o espiritual constituem a fonte de dois gêneros de progresso, pelos quais o Espírito tem de passar alternadamente, nas existências peculiares a cada um dos dois mundos.⁵

De posse dessas informações, é possível reconhecer, mesmo numa criança, a soma de progresso que o Espírito já alcançou: basta observar-lhe as tendências instintivas e as idéias inatas. Essa observação nos esclarece, por exemplo, por que existem crianças que se revelam boas em um meio adverso, apesar dos maus exemplos que colhem, ao passo que outras são instintivamente viciosas em um meio bom, apesar dos bons conselhos que recebem.¹⁰ Na verdade, essas crianças refletem [...] o resultado do progresso moral adquirido, como as idéias inatas são o resultado do progresso intelectual.¹⁰

Devemos entender que, na essência, não existem obstáculos ao progresso intelectual, conforme nos ensina a Doutrina Espírita. O mesmo, porém, não se dá com o progresso moral. O maior obstáculo ao progresso moral são o orgulho e o egoísmo, segundo palavras de um dos Espíritos da Codificação, o qual, ao elucidar esta informação, nos diz: *Refiro-me ao progresso moral, porquanto o intelectual se efetua sempre. À primeira vista, parece mesmo que o progresso intelectual reduplica a atividade daqueles vícios [orgulho e egoísmo], desenvolvendo a ambição e o gosto das riquezas, que, a seu turno, incitam o homem a empreender pesquisas que lhe esclarecem o Espírito. Assim é que tudo se prende, no mundo moral, como no mundo físico, e que do próprio mal pode nascer o bem. Curta, porém, é a duração desse estado de coisas, que mudará à proporção que o homem compreender melhor que, além da que o gozo dos bens terrenos proporciona, uma felicidade existe maior e infinitamente mais duradoura.⁸*

O orgulho e o egoísmo, assim como todas as demais imperfeições capazes de retardar a marcha evolutiva da Humanidade, chegarão um dia ao seu término, pois Deus reserva ao ser humano um venturoso estado de plenitude espiritual. Entretanto, por ora, enquanto nos encontramos no processo evolutivo que a lei do progresso faculta, a [...] *suprema felicidade só é compartilhada pelos Espíritos perfeitos, ou, por outra, pelos puros Espíritos, que não a conseguem senão depois de haverem progredido em inteligência e moralidade.²*

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 53. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Primeira parte, cap. 3, item 7, p. 30-31.
2. _____. p. 31
3. _____. Item 8, p. 31.
4. _____. Item 9, p. 32.
5. _____. Item 10, p. 33.
6. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 780-a, p. 363.
7. _____. Questão 783, p. 365, comentário.
8. _____. Questão 785, p. 365.
9. _____. Questão 785, p. 366, comentário.
10. _____. *O que é o espiritismo*. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. III, item: O homem durante a vida terrena. Questão 120, p. 198.
11. XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Cap. 4 (Na senda evolutiva), p. 23.
12. _____. p. 25.

Anexo

Análise da questão 780 de O Livro dos Espíritos

A questão 780 de *O Livro dos Espíritos* nos fornece, em essência, os seguintes esclarecimentos:

- A lei de Progresso se manifesta sob duas formas: o progresso intelectual e o progresso moral.
- O progresso moral nem sempre acompanha o progresso intelectual.
- Pode acontecer que o adiantamento intelectual promova a melhoria moral, desde que o homem tenha compreensão do bem e do mal.
- Essa compreensão favorece o desenvolvimento do livre-arbítrio, permitindo que as pessoas façam escolhas mais responsáveis e, conseqüentemente, mais acertadas.
- A existência de povos ou pessoas instruídas, mas pervertidas, indica que lhes faltam o desenvolvimento do senso moral que, cedo ou tarde, virá.
- O progresso completo constitui o objetivo. O moral e a inteligência são duas forças que só com o tempo chegam a equilibrar-se.

Avante

Peregrino da vida e da morte oriundo,
Avança do nascer ao pôr do Sol, durante
A evolução sem fim nos carreiros do mundo,
Pela ronda do tempo, a ressurgir constante.

Das sombras da maldade à luz do bem fecundo,
Das ruínas morais ao triunfo pujante,
Aprende pouco a pouco e, segundo a segundo,
Ergue em tudo, a ti mesmo, o teu grito de — avante!

Segue esgarçando os véus dos caminhos *secretos*,
Desfazendo aflições e remontando afetos,
Com risos e ilusões, suspiros e agonias.

E ao morrer-te o rancor e ao nascer-te a humildade,
Em êxtases de amor e em lances de bondade,
Encontrarás, ditoso, a paz de novos dias!

João Damasceno Vieira Fernandes

XAVIER, Francisco Cândido & VIEIRA, Waldo. *Antologia dos imortais*. 4. ed. FEB, Rio de Janeiro, 2002, p. 165-166.

ROTEIRO 2

Influência do espiritismo no progresso da humanidade

Objetivos específicos

- Explicar de que forma o Espiritismo contribui para o progresso da humanidade.
- Identificar as dificuldades que podem surgir na difusão das idéias espíritas.

Conteúdo básico

- *De que maneira pode o Espiritismo contribuir para o progresso? Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 799.*
- *O Espiritismo (...) se tornará crença geral e marcará nova era na história da humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos. Terá, no entanto, que sustentar grandes lutas, mais contra o interesse, do que contra a convicção, porquanto não há como dissimular a existência de pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor-próprio, outras por causas inteiramente materiais. Porém, como virão a ficar insulados, seus contraditores se sentirão forçados a pensar como os demais, sob pena de se tornarem ridículos. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 798.*

Sugestões didáticas

Introdução:

- Escrever no quadro-de-giz/pincel, para discussão, a seguinte pergunta: *Poderia a humanidade alcançar o bem-estar moral com as suas crenças e instituições atuais?* Justificar a resposta.
- Ouvir os argumentos apresentados pela turma e esclarecer o assunto, com base no primeiro parágrafo dos subsídios do roteiro.

Desenvolvimento:

- Dividir a turma em três grupos. Esclarecer que cada grupo deve indicar um relator e um secretário. Em seguida propor-lhes a realização das seguintes tarefas.

Grupo I:

- a) ler os subsídios do roteiro, até o término da continuação 1;
- b) após, preparar uma mini-exposição sobre o seguinte tema: *A contribuição do Espiritismo para o progresso da humanidade.*

Grupo II:

- a) ler os subsídios do roteiro (continuação 2 e 3);
- b) após, preparar uma mini-exposição sobre o seguinte tema: *Obstáculos à propagação das idéias espíritas.*

Grupo III:

- a) ler os subsídios do roteiro;
 - b) após, elaborar 2 a 4 questões – a partir da leitura do texto – que deverão ser formuladas aos participantes dos grupos I e II, depois da apresentação dos relatores.
- Ouvir as apresentações dos relatores dos grupos I e II, assim como as respostas que foram dadas às questões elaboradas e formuladas pelo grupo III.

Conclusão

- Realizar os comentários cabíveis, esclarecer dúvidas existentes, reforçando as idéias constantes dos objetivos específicos.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os participantes realizarem corretamente as tarefas propostas para o trabalho em grupo.

Técnica(s): trabalho em pequenos grupos; exposição; formulação de perguntas.

Recurso(s): subsídios do roteiro; questões elaboradas.

Subsídios

A Humanidade tem realizado, até ao presente, incontestáveis progressos. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta-lhes ainda um imenso progresso a realizar: o de fazerem que entre si reinem a caridade, a fraternidade, a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral. Não poderiam consegui-lo nem com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas, restos de outra idade, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo o que comportavam, seriam hoje um entrave. Já não é somente de desenvolver a inteligência o de que os homens necessitam, mas de elevar o sentimento e, para isso, faz-se preciso destruir tudo o que superexcite neles o egoísmo e o orgulho.

Tal o período em que doravante vão entrar e que marcará uma das fases principais da vida da Humanidade. Essa fase, que neste momento se elabora, é o complemento indispensável do estado precedente, como a idade viril o é da juventude. Ela podia, pois, ser prevista e predita de antemão e é por isso que se diz que são chegados os tempos determinados por Deus.¹ [...] Trata-se de um movimento universal, a operar-se no sentido do progresso moral. Uma nova ordem de coisas tende a estabelecer-se, e os homens, que mais opostos lhe são, para ela trabalham a seu mau grado.²

Os Espíritos Orientadores nos esclarecem: Sim, decerto, a Humanidade se transforma, como já se transformou noutras épocas, e cada transformação se assinala por uma crise que é, para o gênero humano, o que são, para os indivíduos, as crises de crescimento.

Aquelas se tornam, muitas vezes, penosas, dolorosas, e arrebatam consigo as gerações e as instituições, mas, são sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral [...].³ Uma coisa que vos parecerá estranhável, mas que por isso não deixa de ser rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos, mundo que vos rodeia, experimenta o contrachoque de todas as comoções que abalam o mundo dos encarnados. Digo mesmo que aquele toma parte ativa nessas comoções. Nada tem isto de surpreendente, para quem sabe que os Espíritos fazem corpo com a Humanidade; que eles saem dela e a ela têm de voltar, sendo, pois, natural se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens. Ficai, portanto, certos de que, quando uma revolução social se produz na Terra, abala igualmente o mundo invisível, onde todas as paixões, boas e más, se exacerbam, como entre vós [...]. À agitação dos encarnados e desencarnados se juntam às vezes, e freqüentemente mesmo, já que tudo se conjuga em a Natureza, as perturbações dos elementos físicos. Dá-se então, durante algum tempo, verdadeira confusão geral, mas que passa como furacão, após o qual o céu volta a estar sereno, e a Humanidade, reconstituída sobre novas bases, imbuída de novas idéias, começa a percorrer nova etapa de progresso. É no período que ora se inicia que o Espiritismo florescerá e dará frutos.⁴

A crença no Espiritismo ajuda o homem a se melhorar, firmando-lhe as idéias sobre certos pontos do futuro. Apressa o adiantamento dos indivíduos e das massas, porque faculta nos inteiremos do que seremos um dia. É um ponto de apoio, uma luz que nos guia. O Espiritismo ensina o homem a suportar as provas com paciência e resignação; afasta-o dos atos que possam retardar-lhe a felicidade, mas ninguém diz que, sem ele, não possa ela ser conseguida.¹²

É importante considerar que o [...] Espiritismo não cria a renovação social; a madureza da Humanidade é que fará dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo é mais apto, do que qualquer outra doutrina, a secundar o movimento de regeneração; por isso, é ele contemporâneo desse movimento. Surgiu na hora em que podia ser de utilidade, visto que também para ele os tempos são chegados. Se viera mais cedo, teria esbarrado em obstáculos insuperáveis; houvera inevitavelmente sucumbido, porque, satisfeitos com o que tinham, os homens ainda não sentiriam falta do que ele lhes traz. Hoje, nascido com as idéias que fermentam, encontra preparado o terreno para recebê-lo. Os espíritos cansados da dúvida e da incerteza, horrorizados com o abismo que se lhes abre à frente, o acolhem como âncora de salvação e consolação suprema.⁵

Os Espíritos responsáveis pela Codificação Espírita são incisivos quando nos dizem: Por meio do Espiritismo, a Humanidade tem que entrar numa nova fase, a

do progresso moral que lhe é consequência inevitável. Não mais, pois, vos espanteis da rapidez com que as idéias espíritas se propagam. A causa dessa celeridade reside na satisfação que trazem a todos os que as aprofundam e que nelas vêem alguma coisa mais do que fútil passatempo. Ora, como cada um o que acima de tudo quer é a sua felicidade, nada há de surpreendente em que cada um se apegue a uma idéia que faz ditosos os que a esposam. Três períodos distintos apresenta o desenvolvimento dessas idéias: primeiro, o da curiosidade, que a singularidade dos fenômenos produzidos desperta; segundo, o do raciocínio e da filosofia; terceiro, o da aplicação e das consequências. O período da curiosidade passou; a curiosidade dura pouco. Uma vez satisfeita, muda de objeto. O mesmo não acontece com o que desafia a meditação séria e o raciocínio. Começou o segundo período, o terceiro virá inevitavelmente.¹³ Em outra oportunidade, os Espíritos Superiores voltam a nos afirmar sobre o destino do Espiritismo: Certamente que se tornará crença geral e marcará nova era na história da humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos. Terá, no entanto, que sustentar grandes lutas, mais contra o interesse, do que contra a convicção, porquanto não há como dissimular a existência de pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor-próprio, outras por causas inteiramente materiais. Porém, como virão a ficar insulados, seus contraditores se sentirão forçados a pensar como os demais, sob pena de se tornarem ridículos.⁶

De certa forma, é até esperado esse estado de coisas, pois, num mundo de expiações e provas como o nosso, sabemos que as [...] idéias só com o tempo se transformam; nunca de súbito. De geração em geração, elas se enfraquecem e acabam por desaparecer, paulatinamente, com os que as professavam, os quais vêm a ser substituídos por outros indivíduos imbuídos de novos princípios, como sucede com as idéias políticas.⁷ Assim, é preciso [...] que algumas gerações passem, para que se apaguem totalmente os vestígios dos velhos hábitos. A transformação, pois, somente com o tempo, gradual e progressivamente, se pode operar. Para cada geração uma parte do véu se dissipa. O Espiritismo vem rasgá-lo de alto a baixo. Entretanto, conseguisse ele unicamente corrigir num homem um único defeito que fosse e já o haveria forçado a dar um passo. Ter-lhe-ia feito, só com isso, grande bem, pois esse primeiro passo lhe facilitará os outros.⁹

Foi dito que o Espiritismo enfrentará várias lutas e obstáculos, ao longo do caminho planejado pelo Alto, antes de sua aceitação como crença universal entre os homens. Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor

que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos.⁸

A aceitação dos princípios espíritas não faz melhores as pessoas, em princípio. A melhoria do Espírito ficará patente quando, em decorrência do esforço individual, a pessoa implementar mudanças no comportamento, as quais garantirão uma verdadeira transformação moral. Neste sentido, os Espíritos Superiores nos alertam: Se o Espiritismo, conforme foi anunciado, tem que determinar a transformação da Humanidade, claro é que esse efeito ele só poderá produzir melhorando as massas, o que se verificará gradualmente, pouco a pouco, em consequência do aperfeiçoamento dos indivíduos. Que importa crer na existência dos Espíritos, se essa crença não faz que aquele que a tem se torne melhor, mais benigno e indulgente para com os seus semelhantes, mais humilde e paciente na adversidade? De que serve ao avarento ser espírita, se continua avarento; ao orgulhoso, se se conserva cheio de si; ao invejoso, se permanece dominado pela inveja? Assim, poderiam todos os homens acreditar nas manifestações dos Espíritos e a Humanidade ficar estacionária.¹⁴

Dessa forma, o combate ao materialismo representa apenas um passo, o primeiro passo de uma série de outros que nos transformarão em pessoas de bem. Atentemos para os seguintes esclarecimentos de Allan Kardec:

Louváveis esforços indubitavelmente se empregam para fazer que a Humanidade progrida. Os bons sentimentos são animados, estimulados e honrados mais do que em qualquer outra época. Entretanto, o egoísmo, verme roedor, continua a ser a chaga social. É um mal real, que se alastra por todo o mundo e do qual cada homem é mais ou menos vítima. Cumpre, pois, combatê-lo, como se combate uma enfermidade epidêmica. Para isso, deve-se proceder como procedem os médicos: ir à origem do mal. Procurem-se em todas as partes do organismo social, da família aos povos, da choupana ao palácio, todas as causas, todas as influências que, ostensiva ou ocultamente, excitam, alimentam e desenvolvem o sentimento do egoísmo. Conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo. Só restará então destruí-las, senão totalmente, de uma só vez, ao menos parcialmente, e o veneno pouco a pouco será eliminado. Poderá ser longa a cura, porque numerosas são as causas, mas não é impossível. Contudo, ela só se obterá se o mal for atacado em sua raiz, isto é, pela educação, não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita

*experiência e profunda observação. É grave erro pensar-se que, para exercê-la com proveito, baste o conhecimento da Ciência.*¹⁰

O Codificador do Espiritismo também nos explica que o homem [...] *deseja ser feliz e natural é o sentimento que dá origem a esse desejo. Por isso é que trabalha incessantemente para melhorar a sua posição na Terra, que pesquisa as causas de seus males, para remediá-los. Quando compreender bem que no egoísmo reside uma dessas causas, a que gera o orgulho, a ambição, a cupidez, a inveja, o ódio, o ciúme, que a cada momento o magoam, a que perturba todas as relações sociais, provoca as dissensões, aniquila a confiança, a que o obriga a se manter constantemente na defensiva contra o seu vizinho, enfim a que do amigo faz inimigo, ele compreenderá também que esse vício é incompatível com a sua felicidade e, podemos mesmo acrescentar, com a sua própria segurança. E quanto mais haja sofrido por efeito desse vício, mais sentirá a necessidade de combatê-lo, como se combatem a peste, os animais nocivos e todos os outros flagelos. O seu próprio interesse a isso o induzirá. O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade o é de todas as virtudes. Destruir um e desenvolver a outra, tal deve ser o alvo de todos os esforços do homem, se quiser assegurar a sua felicidade neste mundo, tanto quanto no futuro.*¹¹

Combatendo os vícios e estimulando o desenvolvimento de virtudes, o Espiritismo oferece condições para influir no progresso da Humanidade, promovendo uma era de renovação social e moral, pois a Doutrina Espírita é, [...] *acima de tudo, o processo libertador das consciências, a fim de que a visão do homem alcance horizontes mais altos.*¹⁵ O Espiritismo se tornará crença universal, porque representa a chave [...] *de luz para os ensinamentos do Cristo, explica o Evangelho não como um tratado de regras disciplinares, nascidas do capricho humanos, mas como a salvadora mensagem de fraternidade e alegria, comunhão e entendimento, abrangendo as leis mais simples da vida.*¹⁶

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 45. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 18, item 5, p. 403-404.
2. _____. Item 6, p. 404.
3. _____. Item 9, p. 407.
4. _____. Mensagem do Espírito Doutor Barry, p. 408.
5. _____. Item 25, p. 417.
6. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 798, p. 372.
7. _____. p. 372-373.
8. _____. Questão 799, p. 373.
9. _____. Questão 800, p. 373.
10. _____. Questão 917, p. 421, comentário.
11. _____. p. 422.
12. _____. Questão 982, p. 456, comentário.
13. _____. Conclusão, item V, p. 482-483.
14. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 71. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 29, item 350, p. 442.
15. XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Cap. 38 (Missão do Espiritismo), p. 159.
16. _____. p. 160.

Espiritismo

Espiritismo é uma luz
Gloriosa, divina e forte,
Que clareia toda a vida
E ilumina além da morte.

É uma fonte generosa
De compreensão compassiva,
Derramando em toda parte
O conforto d'Água Viva.

É o templo da Caridade
Em que a Virtude oficia,
E onde a bênção da Bondade
É flor de eterna alegria.

É árvore verde e farta
Nos caminhos da esperança,
Toda aberta em flor e fruto
De verdade e de bonança.

É a claridade bendita
Do bem que aniquila o mal,
O chamamento sublime
Da Vida Espiritual.

Se buscas o Espiritismo,
Norteia-te em sua luz:
Espiritismo é uma escola,
E o Mestre Amado é Jesus.

Casimiro Cunha

XAVIER, Francisco Cândido. *Parnaso de além-túmulo*. 11. ed. FEB, Rio de Janeiro, 1982, p. 235-236.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO XII

Lei de Sociedade e Lei do Trabalho

OBJETIVO GERAL

Possibilitar entendimento das leis de sociedade e do trabalho

ROTEIRO 1

Necessidade da vida social

Objetivos específicos

- Explicar por que a vida em sociedade favorece o progresso do ser humano.
- Identificar os principais males surgidos em decorrência do insulamento social.

Conteúdo básico

- *O homem tem que progredir. Insulado, não lhe é isso possível, por não dispor de todas as faculdades. Falta-lhe o contato com os outros homens. No insulamento, ele se embrutece e estiola.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 768.
- *Homem nenhum possui faculdades completas. Mediante a união social é que elas umas às outras se completam, para lhe assegurarem o bem-estar e o progresso. Por isso é que, precisando uns dos outros, os homens foram feitos para viver em sociedade e não insulados.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 768 – comentário.

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar à turma o tema da reunião por meio de uma breve exposição, destacando as principais idéias desenvolvidas nos subsídios.

Desenvolvimento

- Em seguida, pedir aos participantes que, reunidos em dois grupos, façam o seguinte:
 - a) leitura das questões 766 a 771 de *O Livro dos Espíritos*;
 - b) troca de idéias sobre a leitura;
 - c) elaborar um cartaz, tipo mural, que contenha frases e recortes de revistas, retratando o tema estudado;
 - d) indicar um representante para apresentar as conclusões do grupo.

- Observação: Colocar, à vista dos grupos, o material necessário à realização da atividade: revistas; gravuras; canetas coloridas; lápis de cor, pincéis atômicos; cartolina/papel pardo; tesouras; colas; fitas adesivas, etc.
- Ouvir os relatos dos representantes dos grupos, solicitando-lhes esclarecimentos sobre o trabalho apresentado, se necessário.

Conclusão

- Ressaltar que a vida em sociedade favorece o progresso do ser humano, e enfatizar os males que o insulamento social podem provocar.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os participantes realizarem corretamente a atividade proposta no trabalho em grupo.

Técnica(s): exposição; elaboração de quadro mural.

Recurso(s): cartaz/mural de cartolina ou papel pardo; materiais diversos indicados para a representação gráfica do tema da aula; *O Livro dos Espíritos*.

Subsídios

*A vida vem de Deus e pertence a Deus, pois a vida é a presença de Deus em toda parte. Deus criou a vida de tal forma que tudo nela caminhará dentro da Lei de Evolução.*⁷ A lei de evolução estabelece que a vida social é necessária porque o [...] *homem tem que progredir. Insulado, não lhe é isso possível, por não dispor de todas as faculdades. Falta-lhe o contacto com os outros homens. No insulamento, ele se embrutece e estiola.*³

O ser humano é, por natureza, um ser gregário, criado para viver em sociedade. O seu insulamento, mesmo a pretexto de servir a Deus ou de desenvolver virtudes, constitui uma agressão à lei natural, por caracterizar uma fuga injustificável às responsabilidades requeridas ao seu progresso espiritual.

A vida social faz parte da lei natural, uma vez que Deus [...] *fez o homem para viver em sociedade. Não lhe deu inutilmente a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação.*¹ O insulamento é contrário à lei da Natureza, [...] *pois que, por instinto, os homens buscam a sociedade e todos devem concorrer para o progresso, auxiliando-se mutuamente.*²

Graças ao aprendizado desenvolvido ao longo dos tempos, e em razão do próprio dinamismo da existência atual na Terra, diminuem as antigas incursões ao isolacionismo — comuns entre religiosos e filósofos de eras passadas —, seja na solidão das regiões desérticas ou montanhosas, para onde o homem fugia em busca da iluminação espiritual que as meditações favoreciam; seja no silêncio dos claustros e monastérios, que as práticas religiosas impunham, como meio de atingir o estado de contemplação ou êxtase espiritual. Nesse sentido, “negar o mundo”, no conceito evangélico, não significa abandoná-lo, antes criar condições novas a uma vivência mais solidária, capazes de modificar as estruturas e comportamentos egoísticos, engendrando recursos que transformem a habitação terrestre em reduto de esperança, de paz e de fraternidade, à semelhança do “reino dos céus”, a que se reportava Jesus.

Devemos considerar, no entanto, que existem seres humanos que fogem dos prazeres e das comodidades do mundo, não para viverem isolados, mas para socorrerem pessoas mais necessitadas. *Esses se elevam, rebaixando-se. Têm o duplo mérito de se colocarem acima dos gozos materiais e de fazerem o bem, obedecendo à lei do trabalho.*⁵ A história da humanidade traz exemplos de homens e mulheres notáveis que se destacaram nos campos do saber religioso ou científico. Essas pessoas, vivendo uma existência de simplicidade e renúncia aos confortos oferecidos pela sociedade, optaram por algo fazer em benefício do próximo.

É importante que ampliemos a nossa visão a respeito da vida no planeta Terra, entendendo que a *vida é uma grande realização de solidariedade humana.*⁸ Assim, a existência terrestre [...] *é uma escola, um meio de educação e de aperfeiçoamento pelo trabalho, pelo estudo e pelo sofrimento.*⁹ Sendo assim, homem [...] *nenhum possui faculdades completas. Mediante a união social é que elas umas às outras se completam, para lhe assegurarem o bem-estar e o progresso. Por isso é que, precisando uns dos outros, os homens foram feitos para viver em sociedade e não insulados.*⁴ Essas orientações espíritas, fundamentadas em esclarecimentos evangélicos, determinam que a vida social deve ser caracterizada por um clima de convivência fraterna em que todos se ajudam e se socorrem mutuamente, dirimindo dificuldades e problemas cotidianos. O Espiritismo nos esclarece também que nas relações sociais humanas, o homem deve fazer o bem, [...] *pois que isso*

*constitui o objetivo único da vida [...] Sendo assim, [...] facultado lhe é impedir o mal, sobretudo aquele que possa concorrer para a produção de um mal maior.*⁶

O relacionamento humano equilibrado nos impõe regras de convivência social que devem, necessariamente, estimular aquisições de valores morais, tendo em vista que o [...] *mundo, por mais áspero, representará para o nosso espírito a escola de perfeição, cujos instrumentos corretivos bendiremos, um dia. Os companheiros de jornada que o habitam, conosco, por mais ingratos e impassíveis, são as nossas oportunidades de materialização do bem, recursos de nossa melhoria e de nossa redenção, e que, bem aproveitados por nosso esforço, podem transformar-nos em heróis.*

*Não há medida para o homem, fora da sociedade em que ele vive. Se é indubitável que somente o nosso trabalho coletivo pode engrandecer ou destruir o organismo social, só o organismo social pode tornar-nos individualmente grandes ou miseráveis.*¹⁰

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 766, p. 359.
2. _____. questão 767, p. 359.
3. _____. questão 768, p. 359.
4. _____. questão 768, comentário, p. 359.
5. _____. questão 771, p. 360.
6. _____. questão 860, p. 393.
7. BARCELLOS, Walter. *Sexo e evolução*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 22, p. 277.
8. CASTRO, Almerindo Martins. *O martírio dos suicidas*. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 11.
9. DENIS, Léon. *Depois da morte*. Tradução de João Lourenço de Souza. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000, p. 322.
10. XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. 10. ed. Pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Cap. 39 (Diante da Terra), p. 165.

Regra de Paz

Se queres felicidade,
Apoio, harmonia e luz.
Atende às indicações
De Nosso Senhor Jesus.
Começa o dia pensando
No que o dever determina
E roga, em prece, o roteiro
Da Providência Divina.
Ergue-te cedo e, se falas,
Fala a palavra do bem,
Auxilia a quem te ouça,
Não penses mal de ninguém.
Se existe algum desarranjo
Em teu distrito de ação,
Conserta sem reclamar,
Não te lamente em vão.
Trabalha quanto puderes
Que o trabalho é vida, em suma...
O tempo, igual para todos,
Não pára de forma alguma.
Se alguém te ofende, perdoa.
Quem de nós não pode errar?
Não há quem colha perdão
Se não sabe perdoar.
Trilhando a estrada sombria
De prova, rixa, pesar,
Acende a luz da concórdia
E ajuda sem perguntar.
Problemas? Dificuldades?
Aprendamos dia-a-dia
Que a bondade tudo entende,
Quem serve não se transvia.
Onde a tristeza se espalha
E a vida se ilude ou cansa,
Sê caridade, consolo,
Serenidade, esperança...
E, chegando cada noite
Por sobre os caminhos teus,
Dormirás tranqüilamente
Na bênção do amor de Deus.

Casimiro Cunha

ROTEIRO 2

Vida em família e laços de parentesco

Objetivos específicos

- Justificar por que os laços de família constituem uma lei da natureza.
- Identificar as espécies de família, do ponto de vista espírita.
- Reconhecer a missão dos pais no seio da família.

Conteúdo básico

- *Os laços sociais são necessários ao progresso e os de família mais apertados tornam os primeiros. Eis por que os segundos constituem uma lei da Natureza. Quis Deus que, por essa forma, os homens aprendessem a amar-se como irmãos.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 774.
- *Há, pois, duas espécies de famílias: as famílias pelos laços espírituais e as famílias pelos laços corporais. Duráveis, as primeiras se fortalecem pela purificação e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através das várias migrações da alma; as segundas, frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e muitas vezes se dissolvem moralmente, já na existência atual.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 14, item 8.
- *Ó espíritas! Compreendei agora o grande papel da Humanidade. Compreendei que, quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir; inteirai-vos dos vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar de Deus essa alma; tal a missão que vos está confiada e cuja recompensa recebereis, se fielmente a cumprirdes. Os vossos cuidados e a educação que lhe dareis auxiliarão o seu aperfeiçoamento e o seu bem-estar futuro [...]. Trecho de mensagem do Espírito Santo Agostinho, ditada em Paris, em 1862: O evangelho segundo o espiritismo.* Cap. 14, item 9.

Sugestões didáticas

Introdução

- Entregar aos participantes cópias do item 8, capítulo XIV, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, pedindo-lhes que façam leitura silenciosa e individual do texto.

Desenvolvimento

- Em seguida, organizar a turma em quatro grupos, numerando-os. Entregar a cada equipe uma página – identificada pelo número do grupo –, contendo uma questão para ser resolvida de acordo com as seguintes orientações:
 - a) leitura da questão, troca de idéias, e redação da resposta anotada por um colega. Tempo máximo para a realização desta etapa: 10 minutos;
 - b) rodízio, entre os grupos, das páginas com as respectivas respostas. Estas páginas são transferidas, de um para outro grupo, por mensageiros indicados pelas equipes. Em cada rodízio os participantes completam o pensamento registrado pela equipe anterior. Tempo máximo para a realização de cada rodízio: 5 minutos;
 - c) continuar com o rodízio até que cada equipe recupere a folha de papel original;
 - d) leitura dos registros em relação à questão proposta, e elaboração de uma síntese sobre as idéias expressas.
- Pedir a cada redator que, em plenário, leia a questão que foi proposta ao seu grupo, apresentando também a síntese das idéias expressas pelos colegas.
- Observações:
 - As questões, escritas de forma objetiva, devem estar de acordo com as idéias desenvolvidas nos *subsídios*.
 - O rodízio deve seguir a seguinte ordem: 1 ⇒ 2 ⇒ 3 ⇒ 4 ⇒ 1...

Conclusão

- Destacar, como fechamento do assunto, os principais pontos do pensamento de Santo Agostinho, existentes no item 9, capítulo XIV, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- as respostas que os participantes deram às questões indicarem que houve correto entendimento do assunto da aula.

Técnica(s): leitura individual; trabalho em grupo com rodízio; exposição.

Recurso(s): *O Evangelho segundo o Espiritismo*; questões para trabalho em grupo.

Subsídios *Há no homem alguma coisa mais, além das necessidades físicas: há a necessidade de progredir. Os laços sociais são necessários ao progresso e os de família mais apertados tornam os primeiros. Eis que os segundos constituem uma lei da Natureza. Quis Deus que, por essa forma, os homens aprendessem a amar-se como irmãos.³ A família é, pois [...] uma instituição divina, cuja finalidade precípua consiste em estreitar os laços sociais, ensejando-nos o melhor modo de aprendermos a amar-nos como irmãos.⁵ Nesse sentido, o relaxamento dos laços de família representa uma prática anti-natural, uma [...] recrudescência do egoísmo.⁴*

De todas as associações existentes na Terra [...] nenhuma talvez mais importante em sua função educadora e regenerativa: a constituição da família. De semelhante agremiação, na qual dois seres se conjugam, atendendo aos vínculos do afeto, surge o lar, garantindo os alicerces da civilização. Através do casal, aí estabelecido, funciona o princípio da reencarnação, consoante as Leis Divinas, possibilitando o trabalho executivo dos mais elevados programas de ação do Mundo Espiritual.¹⁰

Fácil entender que é assim justamente que nós, os espíritos eternos, atendendo aos impositivos do progresso, nos revezamos na arena do mundo, ora envergando a posição de pais, ora desempenhando o papel de filhos, aprendendo, gradativamente, na carteira do corpo carnal, as lições profundas do amor — do amor que nos soerguerá, um dia, em definitivo, da Terra para os Céus.¹²

A [...] família, genericamente, representa o clã social ou de sintonia por identidade que reúne espécimes dentro da mesma classificação. Juridicamente, porém, a família se deriva da união de dois seres que se elegem para uma vida em comum, através de um contrato, dando origem à genitura da mesma espécie. [...] A família tem suas próprias leis, que consubstanciam as regras do bom comportamento dentro do impositivo do respeito ético, recíproco entre os seus membros, favorável à perfeita harmonia que deve vigir sob o mesmo teto em que se agasalham os que se consorciam. [...] O lar, no entanto, não pode ser configurado como a edificação material, capaz de oferecer segurança e paz aos que aí se resguardam.⁶

Habitualmente — nunca sempre — somos nós mesmos quem planifica a formação da família, antes do renascimento terrestre, com o amparo e a supervisão de instrutores beneméritos, à maneira da casa que levantamos no mundo, com o apoio de arquitetos e técnicos distintos. Comumente chamamos a nós antigos companheiros de aventuras infelizes, programando-lhes a volta ao nosso convívio, a prometer-lhes socorro e oportunidade, em que se lhes reedifique a esperança de elevação e resgate, burilamento e melhoria.¹³

É importante considerar, entretanto, que não [...] são os da consangüinidade os verdadeiros laços de família e sim os da simpatia e da comunhão de idéias, os quais prendem os Espíritos antes, durante e depois de suas encarnações. Segue-se que dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo Espírito, do que se fossem pelo sangue. Podem então atrair-se, buscar-se, sentir prazer quando juntos, ao passo que dois irmãos consangüíneos podem repelir-se, conforme se observa todos os dias: problema moral que só o Espiritismo podia resolver pela pluralidade das existências. Há, pois, duas espécies de famílias: as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais. Duráveis, as primeiras se fortalecem pela purificação e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através das várias migrações da alma; as segundas, frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e muitas vezes se dissolvem moralmente, já na existência atual.¹

Por intermédio da paternidade e da maternidade, o homem e a mulher adquirem mais amplos créditos da Vida Superior. [...] Os filhos são liames de amor conscientizado que lhes granjeiam proteção mais extensa do Mundo Maior, de vez que todos nós integramos grupos afins.

Na arena terrestre, é justo que determinada criatura se faça assistida por outras que lhe respiram a mesma faixa de interesse afetivo. De modo idêntico, é natural que as inteligências domiciliadas nas Esferas Superiores se consagrem a resguardar e guiar aqueles companheiros de experiência, volvidos à reencarnação para fins de progresso e burilamento.

A parentela no Planeta faz-se filtro da família espiritual sediada além da existência física, mantendo os laços preexistentes entre aqueles que lhe comungam o clima. Arraigada nas vidas passadas de todos aqueles que a compõem, a família terrestre é formada, assim, de agentes diversos, porquanto nela se reencontram, comumente, afetos e desafetos, amigos e inimigos, para os ajustes e reajustes indispensáveis, ante as leis do destino.¹¹

Formam famílias os Espíritos que a analogia dos gostos, a identidade do progresso moral e a afeição induzem a reunir-se. Esses mesmos Espíritos, em suas migrações terrenas, se buscam, para se gruparem, como o fazem no espaço, originando-se daí as famílias unidas e homogêneas. Se, nas suas peregrinações, acontecem ficarem temporariamente separados, mais tarde tornam a encontrar-se, venturosos pelos novos progressos que realizaram. Mas, como não lhes cumpre trabalhar apenas para si, permite Deus que Espíritos menos adiantados encarnem entre eles, a fim de receberem conselhos e bons exemplos, a bem de seu progresso. Esses Espíritos se tornam, por vezes, causa de perturbação no meio daqueles outros, o que constitui para estes a prova e a tarefa a desempenhar.²

Na [...] esfera do grupo consangüíneo o Espírito reencarnado segue ao encontro dos laços que entreteceu para si próprio, na linha mental em que se lhe caracterizam as tendências. A chamada hereditariedade psicológica é, por isso, de algum modo, a natural aglutinação dos Espíritos que se afinam nas mesmas atividades e inclinações.⁹

Modernamente, ante a precipitação dos conceitos que generalizam na vulgaridade os valores éticos, tem-se a impressão de que paira rude ameaça sobre a estabilidade da família. Mais do que nunca, porém, o conjunto doméstico se deve impor para a sobrevivência a benefício da soberania da própria Humanidade.⁷ Atualmente, na fase de aferição de valores morais por que passa a Humanidade, é comum ouvir a voz da imaturidade e do pessimismo anunciando a extinção da família. Entretanto, devemos tranquilizar [...] os nossos corações, porque a família não está em extinção, o processo é de transformação. A vulnerabilidade do bebê humano e sua dependência dos cuidados do adulto são indícios muito fortes de que a família é uma necessidade psicofísica do homem e, portanto, será difícil imaginar um sistema social sem essa instituição básica. O fato de ser a instituição familiar uma necessidade do homem não significa, contudo, que ela seja imutável. A família já se modificou muito desde a fase da sociedade predominantemente agrícola até os dias de hoje. Estamos assistindo a uma nova transformação. Toda mudança sempre acarreta um momento de desorganização e talvez daí tenha surgido a idéia de que a família está se desmoronando, desestruturando-se, extinguindo-se.

Algumas pessoas se sentem tão abaladas por essa desordem transitória, que se aferram a um modo de viver já ultrapassado, na tentativa de preservar valores decadentes, acreditando defender assim os interesses da coletividade. Outras se aproveitam da oportunidade para extravasar seus próprios impulsos desequilibrados. Entretanto, o indivíduo que consegue ver o panorama social de um ponto mais elevado, que já desenvolveu a capacidade de pensar criticamente, pode discernir com mais facilidade acerca dos valores a serem preservados, separando-os daqueles que devem ser descartados, contribuindo, desse modo, para a consolidação do progresso.⁸

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 123. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 14, item 8, p. 238.
2. _____. Item 9, p. 243.
3. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Questão 774, p. 361.
4. _____. Questão 775, p. 361.
5. CALLIGARIS, Rodolfo. *As leis morais*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004 (A Família), p. 115.
6. FRANCO, Divaldo Pereira. *Estudos espíritas*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Cap. 24, p. 175.
7. _____. p. 176.
8. SOUZA, Dalva Silva. *Os caminhos do amor*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997. Item: A família nos tempos modernos, p. 189-190.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 12 (Família), p. 60.
10. _____. *Vida e sexo*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 2, p. 13-14.
11. _____. p. 14.
12. _____. Cap. 17, p. 74-75.
13. _____. p. 75.

ROTEIRO 3

Necessidade do trabalho

Objetivos
específicos

- Justificar a necessidade do trabalho para o ser humano.
- Explicar como solucionar o problema da miséria social.

Conteúdo
básico

- *A necessidade do trabalho é lei da Natureza?*
O trabalho é lei da Natureza, por isso mesmo que constitui uma necessidade, e a civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque lhe aumenta as necessidades e os gozos. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 674.
- *O trabalho se impõe ao ser humano como uma necessidade porque é um [...] meio de aperfeiçoamento da sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria sempre na infância, quanto à inteligência. Por isso é que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade. Ao extremamente fraco do corpo outorgou Deus a inteligência, em compensação. Mas é sempre um trabalho. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 676.*
- *O trabalho do homem [...] visa duplo fim: a conservação do corpo e o desenvolvimento da faculdade de pensar, o que também é uma necessidade e o eleva acima de si mesmo [...]. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 677.*
- *Não basta se diga ao homem que lhe corre o dever de trabalhar. É preciso que aquele que tem de prover à sua existência por meio do trabalho encontre em que se ocupar, o que nem sempre acontece. Quando se generaliza, a suspensão do trabalho assume as proporções de um flagelo, qual a miséria. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 685 – comentário.*
- *Liberdade, igualdade, fraternidade. Estas três palavras constituem, por si sós, o programa de toda uma ordem social que realizaria o mais absoluto progresso da Humanidade, se os princípios que elas exprimem pudessem receber integral aplicação [...]. Allan Kardec. Obras póstumas. Primeira parte, item: Liberdade, Igualdade, Fraternidade.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Pedir à turma que explique o significado dos seguintes versos do Espírito Casimiro Cunha, psicografados por Francisco Cândido Xavier, encontrados no livro *Cartas do Evangelho*:
Não olvides que o trabalho
É fonte de paz e luz.
Jamais esqueças, meu filho,
Que teu modelo é Jesus.

Desenvolvimento:

- Dividir a turma em três grupos, orientando-os na realização das seguintes atividades:
 - a) Grupo 1: leitura dos *subsídios* – da página inicial até a continuação 1, finalizando na referência 5; troca de idéias sobre o assunto, e resumo escrito do texto estudado.
 - b) Grupo 2: leitura dos *subsídios* – da continuação 1, a partir do primeiro parágrafo, até a continuação 2, finalizando na referência 6; troca de idéias sobre o assunto, e resumo escrito do texto estudado.
 - c) Grupo 3: leitura dos *subsídios* – continuação 2, a partir do segundo parágrafo; troca de idéias sobre o assunto, e resumo escrito do texto estudado.
- Observação: Cada grupo deve indicar um participante para resumir as conclusões, e um relator para apresentá-las em plenário.
- Ouvir os relatos dos grupos, destacando os pontos mais importantes.

Conclusão:

- Fazer a integração do estudo, destacando a importância do trabalho (veja *O Livro dos Espíritos*, questões 676, 677 e 685).

Atividade extraclasse para a próxima reunião de estudo:

- Solicitar aos participantes leitura e resumo escrito do texto *O valor do trabalho*, de autoria do Espírito Humberto de Campos,

em anexo. Enfatizar que o resumo deve conter as principais idéias desenvolvidas pelo autor.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os relatos das conclusões do trabalho em grupo indicarem que houve entendimento do assunto.

Técnica(s): interpretação de poesia; trabalho em pequenos grupos.

Recurso(s): versos; subsídios deste roteiro; *O Livro dos Espíritos*.

Subsídios O trabalho [...] *é lei da Natureza, mediante a qual o homem forja o próprio progresso, desenvolvendo as possibilidades do meio ambiente em que se situa, ampliando os recursos de preservação da vida, por meio das suas necessidades imediatas na comunidade social onde vive. Desde as imperiosas necessidades de comer e beber, defender-se dos excessos climáticos até os processos de garantia e preservação da espécie, pela reprodução, o homem vê-se coagido à obediência à lei do trabalho.*⁹ Sendo assim, o trabalho se impõe ao ser humano como uma necessidade porque é um [...] *meio de aperfeiçoamento da sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria sempre na infância, quanto à inteligência. Por isso é que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade. Ao extremamente fraco de corpo outorgou Deus a inteligência, em compensação. Mas é sempre um trabalho.*²

O trabalho, entendido como lei da Natureza, [...] *é das maiores bênçãos de Deus no campo das horas. Em suas dádivas de realização para o bem, o triste se reconforta, o ignorante aprende, o doente se refaz, o criminoso se regenera.*¹² É [...] *o guia na descoberta de nossas possibilidades divinas, no processo evolutivo do aperfeiçoamento universal. Nele [...] a alma edifica a própria casa, cria valores para a ascensão sublime.*¹¹

Os Espíritos Orientadores nos esclarecem que o trabalho do homem [...] *visa duplo fim: a conservação do corpo e o desenvolvi-*

mento da faculdade de pensar, o que também é uma necessidade e o eleva acima de si mesmo.³ O trabalho, em tese, para o ser em processo de evolução, configura-se sob três aspectos principais: material, espiritual, moral. Através do trabalho material, propriamente dito, dignifica-se o homem no cumprimento dos deveres para consigo mesmo, para com a família que Deus lhe confiou, para com a sociedade de que participa. Pelo trabalho espiritual, exerce a fraternidade com o próximo e aperfeiçoa-se no conhecimento transcendente da alma imortal. No campo da atividade moral, lutar, simultaneamente, por adquirir qualidades elevadas, ou, se for o caso, por sublimar aquelas com que já se sente aquinhado.¹⁰

Devemos considerar, porém, que não [...] basta se diga ao homem que lhe corre o dever de trabalhar. É preciso que aquele que tem de prover à sua existência por meio do trabalho encontre em que se ocupar, o que nem sempre acontece. Quando se generaliza, a suspensão do trabalho assume as proporções de um flagelo, qual a miséria.⁴ Refletindo a respeito desse assunto, entendemos que os conflitos sociais representam uma das principais causas de sofrimento do mundo contemporâneo. Na verdade, é [...] bem sabido que a maior parte das misérias da vida tem origem no egoísmo dos homens. Desde que cada um pensa em si antes de pensar nos outros e cogita antes de tudo de satisfazer aos seus desejos, cada um naturalmente cuida de proporcionar a si mesmo essa satisfação, a todo custo, e sacrifica sem escrúpulo os interesses alheios, assim nas mais insignificantes coisas, como nas maiores, tanto de ordem moral, quanto de ordem material. Daí todos os antagonismos sociais, todas as lutas, todos os conflitos e todas as misérias, visto que cada um só trata de despojar o seu próximo.⁵

Os conflitos sociais não resolvidos, ou incorretamente administrados, podem gerar uma situação de pobreza generalizada, e todas as suas conseqüências calamitosas. Os espíritas, sabemos que as desigualdades sociais existentes no Planeta estão vinculadas a dois pontos fundamentais: a manifestação da lei de causa e efeito e a visão materialista da vida.

No primeiro caso, a pobreza e riqueza devem ser entendidas como instrumento de melhoria espiritual, pois a [...] pobreza é, para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação; a riqueza é, para outros, a prova da caridade e da abnegação.¹ A visão materialista da vida, alimentada pelo orgulho e egoísmo, estimula a permissibilidade moral, causa do relaxamento dos usos e costumes sociais. As pessoas tornam-se indolentes e omissas, nada fazendo para impedir ou minimizar o estado de sofrimento material e moral reinante ao seu redor. As desigualdades humanas trazem implicações de ordem econômico-social, em geral decorrentes da má distribuição de rendas, permitindo-se que uma minoria

humana viva em abundância, e uma maioria sofra os rigores da pobreza e da miséria. Uma sociedade estabelecida sob essas bases está marcada pelos contrastes sociais, estimuladores do desemprego, da violência e da miséria.

A ciência econômica procura remédio para isso no equilíbrio entre a produção e o consumo. Mas, esse equilíbrio, dado seja possível estabelecer-se, sofrerá sempre intermitências, durante as quais não deixa o trabalhador de ter que viver. Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a educação, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na arte de formar os caracteres, à que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto de hábitos adquiridos. Considerando-se a aluvião de indivíduos que todos os dias são lançados na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues a seus próprios instintos, serão de espantar as conseqüências desastrosas que daí decorrem? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de ordem e de previdência para consigo mesmo e para com os seus, de respeito a tudo o que é respeitável, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis.

A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos.⁴

Não podem os homens ser felizes, se não viverem em paz, isto é, se não os animar um sentimento de benevolência, de indulgência e de condescendência recíprocas; numa palavra: enquanto procurarem esmagar-se uns aos outros. A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e todos os deveres sociais; uma e outra, porém, pressupõem a abnegação. Ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho; logo, com esses vícios, não é possível a verdadeira fraternidade, nem, por conseguinte, igualdade, nem liberdade, dado que o egoísta e o orgulhoso querem tudo para si.

Eles serão sempre os vermes roedores de todas as instituições progressistas; enquanto dominarem, ruirão aos seus golpes os mais generosos sistemas sociais, os mais sabiamente combinados. É belo, sem dúvida, proclamar-se o reinado da fraternidade, mas, para que fazê-lo, se uma causa destrutiva existe? É edificar em terreno movediço; o mesmo fora decretar a saúde numa região malsã. Em tal região, para que os homens passem bem, não bastará se mandem médicos, pois que estes morrerão como os outros; insta destruir as causas da insalubridade. Para que os homens vivam na Terra como irmãos, não basta se lhes dêem lições de moral; importa destruir as causas de antagonismo, atacar a raiz do mal: o orgulho e o egoísmo.⁶

O Espiritismo nos apresenta uma solução para o problema da miséria social, expressa nas seguintes palavras de Allan Kardec: *Liberdade, igualdade, fraternidade. Estas três palavras constituem, por si sós, o programa de toda uma ordem social que realizaria o mais absoluto progresso da Humanidade, se os princípios que elas exprimem pudessem receber integral aplicação [...]. A fraternidade, na rigorosa acepção do termo, resume os deveres dos homens, uns para com os outros. Significa: devotamento, abnegação, tolerância, benevolência, indulgência. É, por excelência, a caridade evangélica e a aplicação da máxima: Proceder para com os outros, como quereríamos que os outros procedessem para conosco. O oposto do egoísmo [...]. Considerada do ponto de vista da sua importância para a realização da felicidade social, a fraternidade está na primeira linha: é a base. Sem ela, não poderiam existir a igualdade, nem a liberdade séria. A igualdade decorre da fraternidade e a liberdade é consequência das duas outras. Com efeito, suponhamos uma sociedade de homens bastante desinteressados, bastante bons e benévolos para viverem fraternalmente [...]. Num povo de irmãos, a igualdade será consequência de seus sentimentos, da maneira de procederem, e se estabelecerá pela força mesma das coisas. Qual, porém, o inimigo da igualdade? O orgulho, que faz queira o homem ter em toda parte a primazia e o domínio [...]. A liberdade [...] é filha da fraternidade e da igualdade [...]. Os homens que vivam como irmãos, com direitos iguais, animados do sentimento de benevolência recíproca, praticarão entre si a justiça, não procurarão causar danos uns aos outros e nada, por conseguinte, terão que temer uns dos outros. A liberdade nenhum perigo oferecerá, porque ninguém pensará abusar dela em prejuízo de seus semelhantes. [...].⁷*

Esses [...] três princípios são [...] solidários entre si e se prestam mútuo apoio; sem a reunião deles o edifício social não estaria completo. O da fraternidade não pode ser praticado em toda a pureza, com exclusão dos dois outros, porquanto, sem a igualdade e a liberdade, não há verdadeira fraternidade. A liberdade sem a fraternidade é rédea solta a todas as más paixões, que desde então ficam sem freio; com a fraternidade, o homem nenhum mau uso faz da sua liberdade: é a ordem; sem a fraternidade, usa da liberdade para dar curso a todas as suas torpezas: é a anarquia, a licença. Por isso é que as nações mais livres se vêem obrigadas a criar restrições à liberdade. A igualdade, sem a fraternidade, conduz aos mesmos resultados, visto que a igualdade reclama a liberdade; sob o pretexto de igualdade, o pequeno rebaixa o grande, para lhe tomar o lugar, e se torna tirano por sua vez; tudo se reduz a um deslocamento de despotismo.⁸

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 123. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 16, item 8, p. 260.
2. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 676, p. 328.
3. _____. Questão 677, p. 329.
4. _____. Questão 685, p. 331.
5. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Primeira Parte, item: O egoísmo e o orgulho, p. 225.
6. _____. p. 226.
7. _____. Item: Liberdade, igualdade, fraternidade, p. 233-234.
8. _____. p. 235.
9. FRANCO, Divaldo Pereira. *Estudos espíritas*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995. Cap. 11 (Trabalho), p. 91.
10. PERALVA, Martins. *Estudando o evangelho*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996. Cap. 3 (Renovação), p. 32-33.
11. XAVIER, Francisco Cândido. *Reportagens de além-túmulo*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1974. Cap. 20 (O valor do trabalho), p. 144.
12. _____. *Voltei*. Pelo Espírito Jacob. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 20 (Retorno à tarefa), p. 189.

Anexo

Texto para leitura e resumo

O VALOR DO TRABALHO *

Humberto de Campos

Ninguém contestava os nobres sentimentos de Cecília Montalvão; entretanto, era de todos sabida sua aversão ao trabalho. No fundo, excelente criatura cheia de conceitos filosóficos, por indicar ao próximo os melhores caminhos. Palestra fácil e encantadora, gestos espontâneos e afetuosos, seduzia quem lhe escutasse o verbo carinhoso. Se a família adotasse outros princípios que não fossem os do Espiritismo cristão, Cecília propenderia talvez à vida conventual. Assim, não ocultava sua admiração pelas moças que, até hoje, de quando em quando se recolhem voluntariamente à sombra do claustro. Mais por ociosidade que por espírito de adoração a Deus, entrevia nos véus freiráticos o refúgio ideal. No entanto, porque o Espiritismo não lhe possibilitava ensejo de ausentar-se do ambiente doméstico, a pretexto de fé religiosa, cobrava-se em longas conversações sobre os mundos felizes. Dedicava-se, fervorosa, a toda expressão literária referente às esferas de paz reservadas aos que muito sofreram nos serviços humanos. As mensagens do Além, que descrevessem tais lugares de repouso, eram conservadas com especial dedicação. As descrições dos planetas superiores causavam-lhe arrebatamentos indefiníveis. Cecília não cuidava de outra coisa que não fosse a antevisão das glórias celestiais. Em balde a velha mãezinha a convocava à lavandaria ou à copa. Nem mesmo nas ocasiões em que o genitor se recolhia ao leito, tomado de tenaz enxaqueca, a jovem abandonava semelhantes atitudes de alheamento às tarefas necessárias. Não raro discutia sobre as festividades magníficas a que teria direito, após a morte do corpo. Ao seu pensar, o círculo evolutivo que a esperava devia ser imenso jardim de Espíritos redimidos, povoado de perfumes e zéfiros harmoniosos.

No grupo íntimo de preces da família, costumava cooperar certa entidade generosa e evolvida, que se dava a conhecer pelo nome de Eliezer. Cecília interpretava-lhe as advertências de

modo puramente individual. Se o amigo exortava ao trabalho, não admitia que a indicação se referisse a serviços na Terra.

— Este planeta – dizia enfaticamente – é lugar indigno, escura paragem de almas criminosas e enfermas. Seria irrespirável o ar terrestre se não fora o antegoço dos mundos felizes. Oh! como deve ser sublime a vida em Júpiter, a beleza dos dias em Saturno, seguidos de noites iluminadas de anéis resplandecentes! O pântano terrestre envenena as almas bem formadas e não poderemos fugir à repugnância e ao tédio doloroso!...

— Mas, minha filha – objetava a genitora complacente –, não devemos adotar opiniões tão extremistas. Não é o planeta inútil e mau assim. Não será justo interpretar nossa existência terrena como fase de preparação educativa? Sempre notei que qualquer trabalho, desde que honesto, é título de glória para a criatura...

Todavia, antes que a velha completasse os conceitos, voltava a filha intempestivamente, olvidando carinhosas observações de Eliezer:

— Nada disso! A senhora, mamãe, cristalizada como se encontra, entre pratos e caçarolas, não me poderá compreender. Suas observações resultam na rotina cruel, que se esforça por não quebrar. Este mundo é cárcere sombrio, onde tudo é miséria angustiada e creio mesmo que o maior esforço, por extinguir sofrimentos, seria igual ao de alguém que desejasse apagar um vulcão com algumas gotas d'água. Tudo inútil. Estou convencida de que a Terra foi criada para triste destinação. Só a morte física pode restituir-nos a liberdade. Transportar-nos-emos a esferas ditosas, conheceremos paraísos iluminados e sem-fim.

A senhora Montalvão contemplava a filha, lamentando-lhe a atitude mental, e, espanando os móveis, por não perder tempo, respondia tranqüila, encerrando a conversa:

— Prefiro crer, minha filha, que tanto a vela de sebo, como a estrela luminosa, representam dádivas de Deus às criaturas. E, se não sabemos valorizar ainda a vela pequenina que está neste mundo, como nos atreveremos a invadir a grandeza dos astros?

E antes que a moça voltasse a considerações novas, a bondosa genitora corria à cozinha, a cuidar do jantar.

Qualquer tentativa, tendente a esclarecer a jovem, redundava infrutífera. Solicitações enérgicas dos pais, pareceres criteriosos dos amigos, advertências do plano espiritual, eram relegados a completo esquecimento.

Fervorosa admiradora da vida e obras de Teresa de Jesus, a notável religiosa da Espanha do século XVI, Cecília endereçava-lhe ardentes rogativas, idealizando

a missionária do Carmelo num jardim de delícias, diariamente visitada por Jesus e seus anjos. Não queria saber se a grande mística trabalhava, ignorava-lhe as privações e sofrimentos, para só recordá-la em genuflexão ao pé dos altares.

Acentuando-se-lhe a preguiça mental, vivia segregada, longe de tudo e de todos.

Essa atitude influía vigorosamente no seu físico, e muito antes de trinta anos Cecília regressava ao plano espiritual, absolutamente envolvida na atmosfera de ilusões. Por isso mesmo, dolorosas lhe foram as surpresas da vida real.

Despertou além-túmulo, sem lóbrigar vivalma. Depois de longos dias solitários e tristes, a caminhar sem destino, encontrou uma Colônia espiritual, onde, no entanto, não havia criaturas em ociosidade. Todos trabalhavam afanosamente. Pediu, receosa, admissão à presença do respectivo diretor. Recebeu-a generoso ancião, em espaçoso recinto. Observando-lhe, porém, as lânguidas atitudes, o velhinho amorável sentenciou:

— Minha filha, não posso hoje dispor de muito tempo ao seu lado, pelo que espero manifeste seus propósitos sem delongas.

Estupefata ante o que ouvia, ela expôs suas mágoas e desilusões, com lágrimas amargurosas. Supunha que após a morte do corpo não houvesse trabalho. Estava confundida em angustioso abatimento. Sorriu o ancião benévolo e acrescentou:

— Essas fantasias são neblinas no céu dos pensamentos. Esqueça-as, bondosa menina. Não se gaste em referências pessoais.

E entremostrando preocupação de serviço, concluíu:

— Por não termos descanso para hoje, gostaria dissesse em que lhe posso ser útil.

Desapontada, lembrou a jovem a bondade de Eliezer e explicou o desejo de encontrá-lo.

O velhinho pensou alguns momentos e esclareceu:

— Não disponho de auxiliares que possam ajudá-la, mas posso orientá-la quanto à direção que precisa tomar.

Colocada a caminho, Cecília Montalvão viu-se perseguida de elementos inferiores; figuras repugnantes apresentavam-se-lhe na estrada, perguntando pelas regiões de repouso. Depois de emoções amargas, chegou à antiga residência, onde os familiares não lhe perceberam a nova forma. Ia retirar-se em pranto, quando viu alguém sair da cozinha num halo de luz. Era o generoso Eliezer que a ela se dirigia com sorriso afetuoso. Cecília caiu-lhe nos braços fraternais e queixou-se, lacrimosa:

— Ah! meu venerando amigo, estou abandonada de todos. Compadecei-vos de mim!... Guiai-me, por caridade, aos caminhos da paz!...

— Acalma-te – murmurou o benfeitor plácido e gentil –, hoje estou bastante ocupado; entretanto, aconselho-te a orar fervorosamente, renovando resoluções.

— Ocupado? – bradou a jovem, desesperada – não sois instrutor na revelação espiritual?

— Sim, sim, de dias a dias coopero no serviço das verdades divinas, mas tenho outras responsabilidades a atender.

— E que tereis no dia de hoje, em caráter tão imperativo, abandonando-me também à maneira dos outros? – interrogou a recém-desencarnada revelando funda revolta.

— Devo auxiliar tua mãezinha nos encargos domésticos – ajuntou Eliezer brandamente –, logo mais tenho serviço junto a irmãos nossos. Não te recordas do tintureiro da esquina próxima? Preciso contribuir no tratamento da filha, que se feriu no trabalho, ontem à noite, por excesso de fadiga no ganha-pão. Lembra-te do nosso Natércio, o pedreiro? O pobrezinho caiu hoje de grande altura, machucou-se bastante e aguarda-me no hospital.

A interlocutora estava envergonhada. Somente agora se reconhecia vítima de si mesma.

— Não poderíeis localizar-me aqui, auxiliando a mamãe? – perguntou suplicante.

— É impossível, por enquanto – esclareceu o amigo solícito –, só podemos cooperar com êxito no trabalho para cuja execução nos preparamos devidamente. A preocupação de fugir aos espanadores e caçarolas tornou-te inapta ao concurso eficiente. Estiveste mais de vinte e cinco anos terrestres nesta casa e teimaste em não compreender a laboriosa tarefa da genitora. Não é possível que te habilites a ombrear com ela no trabalho, de um instante para outro.

A jovem compreendeu o alcance da observação e chorou amargamente. Abraçou-a Eliezer, com ternura fraternal, e falou:

— Procura o conforto da prece. Não eras tão amiga de Teresa? Esqueceste-a? Essa grande servidora de Jesus tem a seu cargo numerosas tarefas. Se puder, não te deixará sem a luz do serviço.

Cecília ouviu o conselho e orou como nunca havia feito. Lágrimas quentes lavavam-lhe o rosto entristecido. Incoercível força de atração requisitou-a a imenso núcleo de atividade espiritual, região essa, porém, que conseguiu atingir somente após dificuldades e obstáculos oriundos da influência de seres inferiores, identificados com as sombras que lhe envolviam o coração.

Em lugar de maravilhosos encantos naturais, a ex-religiosa de Espanha recebeu-a generosamente. Ante as angustiosas comoções que paralisavam a voz da recém-chegada, a servidora do Cristo esclareceu amorável:

— Nossas oficinas de trabalho estão hoje grandemente sobrecarregadas de compromissos; mas as tuas preces me tocaram o coração. Conforme vês, Cecília, depois de abandonares a oportunidade de realização divina, que o mundo te oferecia, só encontraste, sem deveres, as criaturas infernais. Onde haja noção do Bem e da Verdade, há imensas tarefas a realizar.

Vendo que a jovem soluçava, continuou:

— Estás cansada e abatida, enquanto os que trabalham no bem se envolvem no manto generoso da paz, mesmo nas esferas mais rudes do globo terrestre. Pedes medicamento para teus males e recurso contra tentações; no entanto, para ambos os casos eu somente poderia aconselhar o remédio do trabalho. Não aquele que apenas saiba receitar obrigações para outrem, ou que objetive remunerações e vantagens isoladas; mas o trabalho sentido e vivido dentro de ti mesma. Este é o guia na descoberta de nossas possibilidades divinas, no processo evolutivo do aperfeiçoamento universal. Nele, Cecília, a alma edifica a própria casa, cria valores para a ascensão sublime. Andaste enganada no mundo quando julgavas que o serviço fosse obrigação exclusiva dos homens. Ele é apanágio de todas as criaturas, terrestres e celestes. A verdadeira fé não te poderia ensinar tal fantasia. Sempre te ouvi as orações; no entanto, nunca abriste o espírito às minhas respostas fraternais. Ninguém vive aqui em beatitude descuidosa, quando tantas almas heróicas sofrem e lutam nobremente na Terra.

Enquanto a voz da bondosa serva do Evangelho fazia uma pausa, Cecília ajuntou de mãos postas:

— Beifeitora amada, concedei-me lugar entre aqueles que cooperam convosco!...

Teresa, sinceramente comovida, esclareceu com bondade:

— Os quadros dos meus serviços estão completos, mas tenho uma oportunidade a oferecer-te. Requisitam minha atenção num velho asilo de loucos, na Espanha. Desejas ajudar-me ali?

Cecília não cabia em si de gratidão e júbilo.

E, naquele mesmo dia, voltava à Terra com obrigações espirituais, convicta de que, auxiliando os desequilibrados, havia de encontrar o próprio equilíbrio.

XAVIER, Francisco Cândido. *Reportagens do além-túmulo*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997, p. 139-145.

Honra ao Trabalho

Trabalha e encontrarás o fio diamantino
Que te liga ao Senhor que nos guarda e governa,
Ante cuja grandeza o mundo se prosterna,
Buscando a solução da dor e do destino.

Desde o fulcro solar ao fundo da caverna,
Da beleza do herói ao verme pequenino,
Tudo se agita e vibra, em cântico divino
Do trabalho imortal, brunindo a vida eterna! . . .

Tudo na imensidão é serviço opulento,
Júbilo de ajudar, luta e contentamento,
Desde a flor da montanha às trevas do granito.

Trabalha e serve sempre, alheio à recompensa,
Que o trabalho, por si, é a glória que condensa
O salário da Terra e a bênção do Infinito.

Múcio Teixeira

ROTEIRO 4

Limite do trabalho e do repouso

- Objetivos específicos**
- Identificar o limite do trabalho e do repouso.
 - Justificar a necessidade do repouso.

- Conteúdo básico**
- *Qual o limite do trabalho?*
O das forças. Em suma, a esse respeito Deus deixa inteiramente livre o homem. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 683.
 - *Que se deve pensar dos que abusam de sua autoridade, impondo a seus inferiores excessivo trabalho?*
Isso é uma das piores ações. Todo aquele que tem o poder de mandar é responsável pelo excesso de trabalho que imponha a seus inferiores, porquanto, assim fazendo, transgride a lei de Deus. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 684.
 - *O repouso serve para reparação das forças do corpo e também é necessário para dar um pouco mais de liberdade à inteligência, a fim de que se eleve acima da matéria. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 682.*

- Sugestões didáticas**
- Introdução**
- Pedir a alguns participantes que leiam o resumo escrito do texto *O valor do trabalho*, de autoria do Espírito Humberto de Campos, solicitado na atividade extraclasse da reunião anterior (anexo do roteiro 3).
 - Fazer comentários a respeito dos resumos apresentados, prestando os esclarecimentos necessários.

Desenvolvimento

- Em seguida, solicitar aos alunos que façam leitura silenciosa dos subsídios.

- Após a leitura, apresentar-lhes uma caixa com recortes de pequenos textos dos subsídios, orientando-os na realização da seguinte atividade:
 - a) retirar um recorte da caixa;
 - b) ler em voz alta o seu conteúdo, e explicá-lo.
- Ouvir a leitura e as explicações dos participantes, esclarecendo dúvidas.

Conclusão

- Realizar, como fechamento do estudo, breve exposição sobre as questões 682, 683 e 684 de *O livro dos espíritos*.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os participantes demonstrarem, pelas explicações dadas aos textos lidos, que houve compreensão do assunto.

Técnica(s): interpretação de texto; leitura individual dos subsídios; exposição.

Recurso(s): subsídios; resumos; caixa com recortes de textos dos subsídios; *O Livro dos Espíritos*.

Subsídios

Sendo o trabalho uma lei natural, o repouso é a conseqüente conquista a que o homem faz jus para refazer as forças e continuar o ritmo de produtividade. O repouso se lhe impõe como prêmio ao esforço despendido, sendo-lhe facultando o indispensável sustento nos dias da velhice, quando diminuem o poder criativo, as forças e a agilidade na execução das tarefas ligadas à subsistência.⁵ Assim, o limite do trabalho é o das próprias forças. [...] Em suma, a esse respeito Deus deixa inteiramente livre o homem.¹

Isso deixa claro que, sendo, como é, fonte de equilíbrio físico e moral, o trabalho deve ser exercido por tanto tempo quanto nos mantenhemos válidos.³ É preciso buscar a medida do equilíbrio nessa questão, evitando, sempre que possível, comportamentos

extremos: nem nos entregar à ociosidade degradante, filha da preguiça, nem nos impor um ritmo excessivo de trabalho, causador de enfermidades. *A natureza exige o emprego de nossas energias e aqueles que se aposentam, sentindo-se ainda em pleno gozo de suas forças físicas e mentais, depressa caem no fastio, tornando-se desassossegados, irritadiços ou hipocondríacos. Alguns tentam eliminar o vazio de suas horas em viagens; outros, em diversões; quase todos, porém, se cansam de uma coisa e outra, entregando-se, por fim, ao alcoolismo, à jogatina e a outros vícios que lhes arruinam, de vez, tanto a saúde como a paz íntima. Abalizados psiquiatras e psicanalistas afirmam, com exato conhecimento de causa, que todos os seres humanos precisam encontrar alguma coisa que possam fazer, pois ninguém consegue ser feliz sem que se sinta útil ou necessário a alguém.*⁴ Por outro lado, as exigências e competições existentes no mundo moderno vêm contribuindo para que um número significativo de pessoas adotem comportamentos compulsivos, em relação à atividade laboral. São pessoas denominadas *Workaholics* (ou *Work-a-holics*), palavra inglesa usada para designar pessoas que têm compulsão por trabalho. Elas trabalham em excesso, vivem e respiraram trabalho vinte e quatro horas por dia.

*Dividido o tempo entre o trabalho e o lazer, ação e esparecimento, ampliam-se as possibilidades da existência do homem que, então, frui a decorrência do progresso na saúde, nas manifestações artísticas, na cultura, no prazer, dispondo de tempo para as atividades espirituais, igualmente valiosas, senão indispensáveis para a sua paz interior. Mediante o “trabalho-remunerado” o homem modifica o meio, transforma o habitat, cria condições de conforto. Através do “trabalho-abnegação”, do qual não decorre troca nem permuta remuneração, ele se modifica a si mesmo, crescendo no sentido moral e espiritual.*⁶

O limite do trabalho e do repouso é observado, inclusive, no plano espiritual. André Luiz nos faz inúmeras referências a respeito deste assunto em sua obra. Em *Nosso Lar*, por exemplo, nos informa: *Aqui, em verdade, a lei do descanso é rigorosamente observada, para que determinados servidores não fiquem mais sobrecarregados que outros; mas a lei do trabalho é também rigorosamente cumprida.*⁷ Em *Os Mensageiros*, há um relato do benfeitor Aniceto relacionado a uma específica distribuição de tarefas entre os colaboradores: *Na oficina – disse-nos, bondoso – encontramos revigoramento imprescindível ao trabalho. Recebemos reforços de energia, alimentando-nos convenientemente para prosseguir no esforço, mas convenhamos que, para muito de nós, a noite representou uma série de atividades longas e exaustivas. Necessitamos de algum descanso.*⁸

Se nos propomos retratar mentalmente a luz dos Planos Superiores, é indispensável que a nossa vontade abrace espontaneamente o trabalho por alimento de cada dia.

*No pretérito, apreciávamo-lo por atitude servil de quantos caíssem sob o fereite da injúria. A escola, as artes, as virtudes domésticas, a indústria e o amanhã do solo eram relegados a mãos escravas, reservando-se os braços supostos livres para a inércia dourada.*⁹

O trabalho escravo, ainda existente em muitas nações, inclusive no Brasil, foi uma prática muito comum no passado. Na época exclusivamente agrícola, a produção exigia uma mão-de-obra permanente, não-remunerada. Por muitos anos, após o período da revolução industrial, o trabalhador era remunerado, mas, em contrapartida, deveria assumir o ônus de uma desumana carga de trabalho, sem descanso ou com pouquíssimo tempo destinado ao repouso. Nesse sentido, o Espiritismo esclarece que devemos ser muito cuidadosos, pois não é correto abusar da autoridade, impondo aos subalternos excessivo trabalho. Segundo os Espíritos Orientadores, quem assim procede está cometendo [...] *uma das piores ações. Todo aquele que tem o poder de mandar é responsável pelo excesso de trabalho que imponha a seus inferiores, porquanto, assim fazendo, transgride a lei de Deus.*²

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 683, p. 330.
2. _____. Questão 684, p. 330.
3. CALLIGARIS, Rodolfo. *As leis morais*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Item: Limite do trabalho, p. 62.
4. _____. p. 63-64.
5. FRANCO, Divaldo Pereira. *Estudos espíritas*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995. Cap. 11 (Trabalho), p. 94.
6. _____. p. 95.
7. XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso lar*. Pelo Espírito André Luiz. 1. ed. especial, Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 11 (Notícias do Plano), p. 67-68.
8. _____. *Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 1. ed. especial, Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 40 (Rumo ao campo), p. 247.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e vida*. Pelo Emmanuel. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 7 (Trabalho), p. 35-36.

Trabalha Agora

Pondera o tempo — mar em que navegas,
Invisível apoio que te escora.
Não te afundes no abismo, senda afora,
Nem prossigas, em vão, tateando às cegas.

Glórias, delitos, lágrimas, refregas,
Tudo é feito no tempo, de hora a hora...
Estende o amor e a paz, semeando agora
As riquezas do tempo que carregas!

Inda que a dor te oprima e o mal te afronte,
Vive, qual novo dia no horizonte,
Sem que a névoa do mundo te abastarde. . .

Hoje! Trabalha agora, em cada instante;
Agora! trilha aberta ao sol triunfante!...
Muitas vezes, depois é muito tarde!...

Auta de Souza

XAVIER, Francisco Cândido & VIEIRA, Waldo. *Antologia dos imortais*. 4. ed. FEB, Rio de Janeiro, 2002, p. 269.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO XIII

Lei de destruição e Lei de conservação

OBJETIVO GERAL

*Possibilitar entendimento das leis de destruição e de
conservação*

ROTEIRO 1

Destruição necessária e destruição abusiva

Objetivos específicos ■ Indicar a finalidade da destruição existente na Natureza.
■ Estabelecer a diferença entre destruição necessária e destruição abusiva.

Conteúdo básico ■ *As criaturas são instrumentos de que Deus se serve para chegar aos fins que objetiva. Para se alimentarem, os seres vivos reciprocamente se destroem, destruição esta que obedece a um duplo fim: manutenção do equilíbrio na reprodução, que poderia tornar-se excessiva, e utilização dos despojos do invólucro exterior que sofre a destruição. Este invólucro é simples acessório e não a parte essencial do ser pensante. A parte essencial é o princípio inteligente, que não se pode destruir e se elabora nas metamorfoses diversas por que passa. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 728—a.*

■ A destruição necessária ocorre na Natureza, tendo em vista a natural transformação biológica, a renovação e até a melhoria das espécies. Dessa forma, os Espíritos Superiores nos esclarecem: *Preciso é que tudo se destrua para renascer e se regenerar. Porque, o que chamais destruição não passa de uma transformação, que tem por fim a renovação e melhoria dos seres vivos. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 728.*

■ A destruição abusiva não está prevista na lei natural porque coloca em risco a vida no Planeta. *Toda destruição antecipada obsta ao desenvolvimento do princípio inteligente. Por isso foi que Deus fez que cada ser experimentasse a necessidade de viver e de se reproduzir. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 729.*

Sugestões didáticas

Introdução:

- Apresentar em cartaz, ou projeção, o seguinte problema: *Deus criou a necessidade de os seres vivos se destruírem para se alimentarem uns à custa dos outros. Como conciliar esse fato com a bondade de Deus?*
- Pedir aos participantes que, em duplas, discutam e busquem resolver o problema, sem consulta aos subsídios do roteiro.
- Ouvir as conclusões das dúvidas, comentando-as sucintamente.

Desenvolvimento:

- Solicitar à turma divisão em pequenos grupos para realizar a seguinte tarefa:
 - a) leitura dos subsídios;
 - b) elaboração de argumentos, retirados do texto lido, que sustentam a tese: *A lei de destruição está de acordo com a bondade de Deus;*
 - c) listagem de exemplos que caracterizem a destruição abusiva existente no nosso Planeta.
 - d) Escolha de um ou dois colegas para apresentarem, em plenária, as conclusões do trabalho.
- Ouvir o relato dos grupos, prestando os esclarecimentos devidos.

Conclusão:

- Fazer a integração do assunto, reforçando os seguintes pontos:
 - a) finalidade da destruição existente na Natureza;
 - b) diferença entre destruição necessária e destruição abusiva.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os participantes realizarem corretamente as tarefas propostas para o trabalho em grupo.

Técnica(s): estudo em duplas; trabalho em pequenos grupos; exposição.

Recurso(s): cartaz ou projeção; subsídios do roteiro; papel; lápis.

Subsídios Há duas formas de destruição no Planeta: uma é benéfica, a outra é abusiva. A primeira [...] *não passa de uma transformação, que tem por fim a renovação e melhoria dos seres vivos.*⁷ A segunda, não prevista na lei de Deus, resulta da imperfeição moral e intelectual do homem, em razão da predominância [...] *da bestialidade sobre a natureza espiritual. Toda destruição que excede os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus.*¹⁰

*A destruição recíproca dos seres vivos é, dentre as leis da Natureza, uma das que, à primeira vista, menos parecem conciliar-se com a bondade de Deus. Pergunta-se por que lhes criou ele a necessidade de mutuamente se destruírem, para se alimentarem uns à custa dos outros. Para quem apenas vê a matéria e restringe à vida presente a sua visão, há de isso, com efeito, parecer uma imperfeição na obra divina. É que, em geral, os homens apreciam a perfeição de Deus do ponto de vista humano; medindo-lhe a sabedoria pelo juízo que dela formam, pensam que Deus não poderia fazer coisa melhor do que eles próprios fariam. Não lhes permitindo a curta visão, de que dispõem, apreciar o conjunto, não compreendem que um bem real possa decorrer de um mal aparente. Só o conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua verdadeira essência, e o da grande lei de unidade, que constitui a harmonia da criação, pode dar ao homem a chave desse mistério e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia, exatamente onde apenas vê uma anomalia e uma contradição.*¹

A verdadeira vida, tanto do animal como do homem, não está no invólucro corporal, do mesmo modo que não está no vestuário. Está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo. Esse princípio necessita do corpo, para se desenvolver pelo trabalho que lhe cumpre realizar sobre a matéria bruta. O corpo se consome nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta; ao contrário, sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais apto. [...] Por meio do incessante espetáculo da destruição, ensina Deus aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e lhes suscita a idéia da vida

espiritual, fazendo que a desejem como uma compensação. Objetar-se-á: não podia Deus chegar ao mesmo resultado por outros meios, sem constranger os seres vivos a se entredestruírem? Desde que na sua obra tudo é sabedoria, devemos supor que esta não existirá mais num ponto do que noutros; se não o compreendemos assim, devemos atribuí-lo à nossa falta de adiantamento. Contudo, podemos tentar a pesquisa da razão do que nos pareça defeituoso, tomando por bússola este princípio: Deus há de ser infinitamente justo e sábio. Procuremos, portanto, em tudo, a sua justiça e a sua sabedoria e curvemo-nos diante do que ultrapasse o nosso entendimento.²

Uma primeira utilidade que se apresenta de tal destruição, utilidade, sem dúvida, puramente física, é esta: os corpos orgânicos só se conservam com o auxílio das matérias orgânicas, matérias que só elas contêm os elementos nutritivos necessários à transformação deles. Como instrumentos de ação para o princípio inteligente, precisando os corpos ser constantemente renovados, a Providência faz que sirvam ao seu mútuo entretenimento. Eis por que os seres se nutrem uns dos outros. Mas, então, é o corpo que se nutre do corpo, sem que o Espírito se aniquile ou altere. Fica apenas despojado do seu envoltório.³

Há também considerações morais de ordem elevada. É necessária a luta para o desenvolvimento do Espírito. Na luta é que ele exercita suas faculdades. O que ataca em busca do alimento e o que se defende para conservar a vida usam de habilidade e inteligência, aumentando, em consequência, suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas, em realidade, que foi o que o mais forte ou o mais destro tirou ao mais fraco? A veste de carne, nada mais; ulteriormente, o Espírito, que não morreu, tomará outra.⁴

A [...] lei de destruição é, por assim dizer, o complemento do processo evolutivo, visto ser preciso morrer para renascer e passar por milhares de metamorfoses, animando formas corporais gradativamente mais aperfeiçoadas, e é desse modo que, paralelamente, os seres vão passando por estados de consciência cada vez mais lúcidos, até atingir, na espécie humana, o reinado da Razão.¹¹

*A denominada lei de destruição melhor se conceituaria, no dizer dos Instrutores Espirituais, como lei de transformação. O que ocorre, na realidade, é a transformação e não a destruição, tanto no que concerne à matéria, quanto no que se refere ao Espírito. A célebre anúncio de Lavoisier * — na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma — foi uma antevisão científica, no campo da matéria, do que os Espíritos viriam confirmar mais tarde ao Codificador. Tomada como transformação, a norma aplica-se também ao Espírito eterno, indestrutível, mas em contínua mutação, obedecendo à evolução e ao progresso sob os processos mais variados e complexos.¹²*

*Nos seres inferiores da criação, naqueles a quem ainda falta o senso moral, nos quais a inteligência ainda não substituiu o instinto, a luta não pode ter por móvel senão a satisfação de uma necessidade material.*⁵ A destruição mútua existente entre os animais, mantida às custas da cadeia alimentar, atende à lei natural de preservação e diversidade biológica das espécies da Natureza. *No homem, há um período de transição em que ele mal se distingue do bruto. Nas primeiras idades, domina o instinto animal e a luta ainda tem por móvel a satisfação das necessidades materiais. Mais tarde, contrabalançam-se o instinto animal e o sentimento moral; luta então o homem, não mais para se alimentar, porém, para satisfazer à sua ambição, ao seu orgulho, à necessidade, que experimenta, de dominar. Para isso, ainda lhe é preciso destruir. Todavia, à medida que o senso moral prepondera, desenvolve-se a sensibilidade, diminui a necessidade de destruir, acaba mesmo por desaparecer, por se tornar odiosa. O homem ganha horror ao sangue. Contudo, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, pois, mesmo chegando a esse ponto, que parece culminante, ele ainda está longe de ser perfeito. Só à custa de muita atividade adquire conhecimento, experiência e se despoja dos últimos vestígios da animalidade. Mas, nessa ocasião, a luta, de sangrenta e brutal que era, se torna puramente intelectual. O homem luta contra as dificuldades, não mais contra os seus semelhantes.*⁶

A sabedoria divina dotou os seres vivos de dois instintos opostos: o de destruição e o de conservação. Ambos funcionam como princípios da natureza. Pelo primeiro, os seres se destroem reciprocamente, visando diferentes fins, entre os quais a alimentação com os despojos materiais.¹² Deus coloca [...] o remédio ao lado do mal [...] para manter o equilíbrio e servir de contrapeso.⁹

É por essa razão que as [...] criaturas são instrumentos de que Deus se serve para chegar aos fins que objetiva. Para se alimentarem, os seres vivos reciprocamente se destroem, destruição esta que obedece a um duplo fim: manutenção do equilíbrio na reprodução, que poderia tornar-se excessiva, e utilização dos despojos do invólucro exterior que sofre a destruição. Esse invólucro é simples acessório e não a parte essencial do ser pensante. A parte essencial é o princípio inteligente, que não se pode destruir e se elabora nas metamorfoses diversas por que passa.⁸

A destruição abusiva é, sob qualquer pretexto, um atentado à lei de Deus. Nesse sentido, o [...] homem tem papel preponderante diante dos demais seres vivos,

* LAVOISIER, Antoine (1743-1794): químico francês, guilhotinado durante a Revolução Francesa, é considerado o Pai da Química Moderna. Este lúcido cientista muito contribuiu para o avanço da Ciência nos campos da química geral e da química orgânica.

ao dizimar, em larga escala, os demais seres da criação, seja buscando alimentar a crescente população humana, seja aproveitando os despojos animais e vegetais em inúmeras indústrias de transformação, que lhe proporcionam múltiplas utilidades.¹³

Infelizmente, existem significativas e graves destruições no nosso Planeta em razão da desmedida ambição humana. *A título de sustentação de preços de mercado, teóricos economistas, há algumas décadas, sustentavam a vantagem da destruição de produtos e colheitas, como aconteceu no Brasil, na década de 1930, quando milhares e milhares de toneladas de café foram queimadas, numa demonstração inequívoca de insensibilidade, de egoísmo e de ignorância dos responsáveis por tais desmandos. Enquanto se estendiam os campos de queima de café no Sul do país, em estúpida destruição, populações inteiras do Nordeste e do Norte não tinham meios de adquirir café para a sua alimentação. [...] Outros abusos que têm provocado a reação e os protestos das populações esclarecidas de todo o Planeta, por sua profunda repercussão no relacionamento entre os seres vivos e o meio ambiente, são os problemas ecológicos. Relativamente recente tem sido a conscientização das populações para esse tipo de destruição, que o homem, consciente ou inconscientemente, vem provocando na terra, nas águas e na atmosfera. [...] Não se pode deixar de reconhecer que os novos processos tecnológicos, aliados à enorme proliferação dos estabelecimentos fabris, sem os necessários cuidados capazes de evitar a poluição, vão causando a destruição da vida animal nos rios, lagos e mares, com o contínuo lançamento de dejetos e resíduos industriais nas águas, ao mesmo tempo que fábricas e máquinas de toda espécie contribuem para poluir a atmosfera. Some-se a tudo isso a destruição contínua das florestas e de muitas espécies animais e ainda a ameaça das bombas, usinas e lixo atômico e tem-se um quadro sombrio das condições materiais do mundo contemporâneo, agravando-se pelo descuido, imprevidência e deseducação, gerando o desequilíbrio mesológico e perspectivas pouco animadoras.¹⁴*

Sabemos, entretanto, que a destruição abusiva irá desaparecer, paulatinamente, da Terra, em razão do progresso moral e intelectual do ser humano. Atualmente já existe um número significativo de indivíduos e organizações, espalhados pelo mundo, seriamente trabalhando para que a vida no Planeta se desenvolva num clima de equilíbrio, o que demonstra uma conscientização mais ampla a respeito desse assunto.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 45. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap.3, item 20, p. 81.
2. _____. Item 21, p. 81-82.
3. _____. Item 22, p. 82.
4. _____. Item 23, p. 82-83.
5. _____. Item 24, p. 83.
6. _____. p. 83-84.
7. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 728, p. 346.
8. _____. Questão 728 – a, p. 346.
9. _____. Questão 731, p. 347.
10. _____. Questão 735, p. 348.
11. CALLIGARIS, Rodolfo. *As leis morais*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Item: A lei de destruição, p. 90.
12. SOUZA, Juvanir Borges de. *Tempo de transição*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 35 (A lei de destruição), p. 285.
13. _____. p. 285-286.
14. _____. 287-288.

Excesso

Estende a luz do progresso.
Quem serve, a si mesmo exalta.
Para quem foge do excesso,
O necessário não falta.

Sobriedade

Generoso e entusiasta,
Sê comedido também.
Àquele que nada basta,
Tendo tudo, nada tem.

Antônio Fernandes da Silveira Carvalho

XAVIER, Francisco Cândido & VIEIRA, Waldo. *Antologia dos imortais*. 4. ed. FEB, Rio de Janeiro, 2002, p. 245.

ROTEIRO 2

Flagelos destruidores

Objetivos específicos ■ Indicar os tipos de flagelos destruidores, descrevendo-os.
■ Analisar as consequências morais dos flagelos destruidores.

Conteúdo básico ■ Há dois tipos de flagelos destruidores: os naturais e os provocados pelos homens. *Na primeira linha dos flagelos destruidores, naturais e independentes do homem, devem ser colocados a peste, a fome, as inundações, as intempéries fatais às produções da terra [...]. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 741– comentário.*

■ Os flagelos destruidores provocados pelo homem revelam a predominância [...] *da natureza animal sobre a natureza espiritual e transbordamento das paixões. No estado de barbaria, os povos um só direito conhecem – o do mais forte. Por isso é que, para tais povos, o de guerra é um estado normal. À medida que o homem progride, menos freqüente se torna a guerra, porque ele lhe evita as causas, fazendo-a com humanidade, quando a sente necessária.* Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 742.

■ Deus permite que flagelos destruidores atinjam a Humanidade para [...] *fazê-la progredir mais depressa. Já não dissemos ser a destruição uma necessidade para a regeneração moral dos Espíritos, que, em cada nova existência, sobem um degrau na escala do aperfeiçoamento? [...]. Essas subversões, porém, são freqüentemente necessárias para que mais pronto se dê o advento de uma melhor ordem de coisas e para que se realize em alguns anos o que teria exigido muitos séculos.* Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 737.

■ *Que objetivou a Providência, tornando necessária a guerra? A liberdade e o progresso.* Allan Kardec. O livro dos espíritos, questão 744.

- Existirá um dia em que as guerras serão banidas da face do Planeta, [...] *quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Nessa época, todos os povos serão irmãos.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 743.

Sugestões didáticas

Introdução

- Escrever no quadro de giz as palavras: *Guerra e Paz*.
- Pedir aos participantes que expressem suas idéias a respeito das duas palavras.
- Ouvir as idéias emitidas, sem comentá-las.
- Logo após, explicar que há dois tipos de flagelos destruidores: os naturais e os provocados pelo ser humano, sendo a guerra um exemplo destes últimos.

Desenvolvimento

- Em seqüência, dividir a turma em pequenos grupos, para realizar a tarefa a seguir descrita:
 1. ler os subsídios do Roteiro;
 2. elaborar, com base no texto lido, um mural em que, em relação aos flagelos, constem: a) exemplos de flagelos destruidores: naturais ou provocados; b) causas mais comuns; c) possíveis conseqüências morais; d) a forma de evitá-los.
- Observação: colocar à disposição dos grupos o material necessário para a confecção do mural: folhas de papel pardo / cartolina; revistas e jornais; pincéis de cores variadas.
- Concluído o trabalho, convidar um representante de cada grupo para fazer a descrição do mural elaborado.
- Ouvir as exposições, esclarecendo possíveis dúvidas.

Conclusão

- Citar exemplos de pessoas ou organizações que desenvolvem trabalhos humanitários de preservação, manutenção e recuperação da harmonia planetária.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os participantes realizarem corretamente as tarefas propostas para o trabalho em grupo.

Técnica(s): exposição; trabalho em pequenos grupos; elaboração de mural.

Recurso(s): subsídios do Roteiro; materiais utilizados na confecção do mural.

Subsídios

Os flagelos fazem parte do processo provacional e expiatório do nosso Planeta, alcançando, indistintamente, grandes e pequenos, ricos e pobres. Jesus, conhecedor profundo das necessidades de aprendizado humano, já nos advertia no Sermão da Montanha (Mateus, 24:6-8): *Haveis de ouvir sobre guerras e rumores de guerra. Cuidado para não vos alarmardes. É preciso que aconteçam, mas ainda não é o fim. Pois se levantará nação contra nação e reino contra reino. E haverá fome e terremotos em todos os lugares. Tudo isso será o princípio das dores.*¹⁴

Os Espíritos Orientadores nos esclarecem que Deus permite ser a Humanidade atingida por flagelos, para [...] *fazê-la progredir mais depressa. Já não dissemos ser a destruição uma necessidade para a regeneração moral dos Espíritos, que, em cada nova existência, sobem um degrau na escala do aperfeiçoamento? Preciso é que se veja o objetivo, para que os resultados possam ser apreciados. Somente do vosso ponto de vista pessoal os apreciais; daí vem que os qualificaís de flagelos, por efeito do prejuízo que vos causam. Essas subversões, porém, são freqüentemente necessárias para que mais pronto se dê o advento de uma melhor ordem de coisas e para que se realize em alguns anos o que teria exigido muitos séculos.*⁶

Na verdade, o homem poderia evitar o sofrimento dos flagelos se fosse mais cuidadoso nas suas escolhas. Deus, em sua infinita bondade, oferece-nos inúmeros outros instrumentos de progresso, mas, como seres imperfeitos que ainda somos, optamos por seguir os caminhos mais ásperos e tortuosos da vida. Deus nos

dá [...] os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. O homem, porém, não se aproveita desses meios. Necessário, portanto, se torna que seja castigado no seu orgulho e que se lhe faça sentir a sua fraqueza.⁷

Dessa forma, os [...] flagelos são provas que dão ao homem ocasião de exercitar a sua inteligência, de demonstrar sua paciência e resignação ante a vontade de Deus e que lhe oferecem ensejo de manifestar seus sentimentos de abnegação, de desinteresse e de amor ao próximo, se o não domina o egoísmo.⁸

Há dois tipos de flagelos destruidores: os naturais e os provocados pelos homens. Na primeira linha dos flagelos destruidores, naturais e independentes do homem, devem ser colocados a peste [e outras doenças semelhantes], a fome, as inundações, as intempéries fatais às produções da terra.⁹ Os flagelos destruidores provocados pelos homens revelam predominância [...] da natureza animal sobre a natureza espiritual e transbordamento das paixões. No estado de barbaria, os povos um só direito conhecem — o do mais forte. Por isso é que, para tais povos, o de guerra é um estado normal.¹⁰

No que diz respeito aos flagelos naturais, tais como [...] as inundações, as intempéries fatais à produção agrícola, os terremotos, os vendavais etc., que soem causar tantas vítimas, instruem-nos, ainda, os mentores espirituais, são acidentes passageiros no destino da Terra (mundo expiatório), que haverão de cessar no futuro, quando a Humanidade que a habite haja aprendido a viver segundo os mandamentos de Deus, pautados no Amor, dispensando, então, os corretivos da Dor.¹⁵ Dessa forma, em face [...] do impositivo da evolução, o homem enfrenta os flagelos que fazem parte da vida. Os naturais surpreendem-no, sem que os possa evitar, não obstante a inteligência lhe haja facultado meios de os prevenir e até mesmo de remediar-lhes algumas conseqüências. Irrompem, de quando em quando, desafiando-lhe a capacidade intelectual, ao mesmo tempo estimulando-lhe os valores que deve aplicar para os conjurar e impedir. Enquanto isso não ocorre, constituem-lhe corretivos morais, mecanismos de reparação dos males perpetrados, recursos da Vida para impulsioná-lo ao progresso sem retentivas com a retaguarda. Inúmeros desses flagelos destruidores já podem ser previstos e alguns têm diminuídos os seus efeitos perniciosos, em razão das conquistas que a Humanidade vem alcançando. Outros, que constituíam impedimentos aos avanços e à saúde, têm sido minorados e até vencidos, quais a fertilização de regiões desérticas, o saneamento de áreas contaminadas, a correção de acidentes geográficos, a prevenção contra as epidemias que dizimariam multidões, assolando países e continentes inteiros, e, graças ao Espiritismo, a terapia preventiva em relação aos processos obsessivos que dominavam grupos e coletividades [...].¹⁶

O homem recebeu em partilha uma inteligência com cujo auxílio lhe é possível conjurar, ou, pelo menos, atenuar os efeitos de todos os flagelos naturais. Quanto

mais saber ele adquire e mais se adianta em civilização, tanto menos desastrosos se tornam os flagelos. Com uma organização sábia e providente, chegará mesmo a lhes neutralizar as conseqüências, quando não possam ser inteiramente evitados. Assim, com referência, até, aos flagelos que têm certa utilidade para a ordem geral da Natureza e para o futuro, mas que, no presente, causam danos, facultou Deus ao homem os meios de lhes paralisar os efeitos. Assim é que ele saneia as regiões insalubres, imuniza contra os miasmas pestíferos, fertiliza terras áridas e se industria em preservá-las das inundações; constrói habitações mais salubres, mais sólidas para resistirem aos ventos tão necessários à purificação da atmosfera e se coloca ao abrigo das intempéries. É assim, finalmente, que, pouco a pouco, a necessidade lhe fez criar as ciências, por meio das quais melhora as condições de habitabilidade do globo e aumenta o seu próprio bem-estar.²

Tendo o homem que progredir, os males a que se acha exposto são um estimulante para o exercício da sua inteligência, de todas as suas faculdades físicas e morais, incitando-o a procurar os meios de evitá-los. Se ele nada houvesse de temer, nenhuma necessidade o induziria a procurar o melhor; o espírito se lhe entorpeceria na inatividade; nada inventaria, nem descobriria. A dor é o agulhão que o impele para a frente, na senda do progresso.³

Os flagelos destruidores provocados pelo homem representam, ao contrário dos naturais, uma grave infração à lei de Deus. Sabemos que, de todos os sofrimentos existentes na Terra, [...] os males mais numerosos são os que o homem cria pelos seus vícios, os que provêm do seu orgulho, do seu egoísmo, da sua ambição, da sua cupidez, de seus excessos em tudo. Aí a causa das guerras e das calamidades que estas acarretam, das dissensões, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte, da maior parte, afinal, das enfermidades. Deus promulgou leis plenas de sabedoria, tendo por único objetivo o bem. Em si mesmo encontra o homem tudo o que lhe é necessário para cumpri-las. A consciência lhe traça a rota, a lei divina lhe está gravada no coração e, ao demais, Deus lha lembra constantemente por intermédio de seus messias e profetas, de todos os Espíritos encarnados que trazem a missão de o esclarecer, moralizar e melhorar e, nestes últimos tempos, pela multidão dos Espíritos desencarnados que se manifestam em toda parte. Se o homem se conformasse rigorosamente com as leis divinas, não há duvidar de que se pouparia aos mais agudos males e viveria ditoso na Terra. Se assim não procede, é por virtude do seu livre-arbítrio: sofre então as conseqüências do seu proceder.⁴

Entretanto, Deus, toda bondade, pôs o remédio ao lado do mal, isto é, faz que do próprio mal saia o remédio. Um momento chega em que o excesso do mal moral se torna intolerável e impõe ao homem a necessidade de mudar de vida. Instruído

*pela experiência, ele se sente compelido a procurar no bem o remédio, sempre por efeito do seu livre-arbítrio. Quando toma melhor caminho, é por sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes do outro. A necessidade, pois, o constrange a melhorar-se moralmente, para ser mais feliz, do mesmo modo que o constrangeu a melhorar as condições materiais da sua existência.*⁵

Esta é a explicação para a ocorrência de tragédias que, como se surgissem do nada, se abatem sobre indivíduos e coletividades. Na verdade, esses sofrimentos dolorosos, que assumem a feição de flagelos destruidores, fazem parte da programação reencarnatória, representando, em última análise, medidas de reajuste espiritual perante a Lei de Deus. São aflições que remontam às ações ocorridas no passado, em outras reencarnações. *Todavia, por virtude do axioma segundo o qual todo efeito tem uma causa, tais misérias são efeitos que não de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal; se esse mal não o fizemos na presente vida, tê-lo-emos feito noutra. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a justiça de Deus.*¹

De todos os flagelos destruidores, provocados pela incúria e imprevidência humanas, a guerra traduz-se, possivelmente, como sendo o mais doloroso. Contudo, à medida que [...] *o homem progride, menos freqüente se torna a guerra, porque ele lhe evita as causas, fazendo-a com humanidade, quando a sente necessária.*¹⁰

Infelizmente, o ser humano ainda não está preparado para viver a paz, de forma que a guerra representa, ao lado das graves tragédias, um doloroso processo de conquista da liberdade e do progresso.¹² Neste sentido, a principal causa [...] *da guerra está no atraso dos indivíduos e das sociedades humanas, donde derivam as paixões desordenadas, que tomam o caráter de violência e, com sua impetuosidade, produzem os conflitos que ensangüentam as páginas da história da Humanidade.*¹³

No futuro, quando a Terra passar, definitivamente, para a categoria de mundo de regeneração, estando o Planeta livre de expiações, as guerras serão banidas. Mas isto somente ocorrerá quando, efetivamente, [...] *os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Nessa época, todos os povos serão irmãos.*¹¹

Assim, [...] *a guerra-monstro de mil faces que começa no egoísmo de cada um, que se corporifica na discórdia do lar, e se prolonga na intolerância da fé, na vaidade da inteligência e no orgulho das raças, alimentando-se de sangue e lágrimas, violência*

*e desespero, ódio e rapina, tão cruel entre as nações supercivilizadas do século XX [e do atual], quanto já o era na corte obscurantista de Ramsés II – somente desaparecerá quando o Evangelho de Jesus iluminar o coração humano, fazendo com que os habitantes da Terra se amem como irmãos.*¹⁷

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 123. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 5, item 6, p. 101-102.
2. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 45. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. III, item 4, p. 70-71.
3. _____. Item 5, p. 71.
4. _____. Item 6, p. 71.
5. _____. Item 7, p. 72.
6. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 737, p. 348-349.
7. _____. Questão 738, p. 349.
8. _____. Questão 740, p. 350.
9. _____. Questão 741, p. 351.
10. _____. Questão 742, p. 351.
11. _____. Questão 743, p. 351.
12. _____. Questão 744, p. 351.
13. AGUAROD, Angel. *Grandes e pequenos problemas*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 6 (O problema da paz), p. 136.
14. BÍBLIA, Português. *A bíblia de Jerusalém*. Tradução Samuel Martins Barbosa. et. al. São Paulo: Edições Paulinas, 1981 (Mateus, 24:6-8), p. 1314.
15. CALLIGARIS, Rodolfo. *As leis morais*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Item: A lei de destruição, p. 92.
16. FRANCO, Divaldo Pereira. *Temas da vida e da morte*. Pelo Espírito de Manoel Philomeno de Miranda. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, p. 61.
17. XAVIER, Francisco Cândido. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Item: O caminho da paz, p. 102.

Guerra e Paz

Soldado após a rígida campanha,
Guardando as palmas de ilusória lida,
Marchei de peito arfante e face erguida,
Crendo-me herói de olímpica façanha.

Mas, varando os umbrais da morte estranha,
Revivi, descontente, a própria vida,
E, muito embora os louros da acolhida,
Senti-me verme alçado na montanha.

Alma tocada de arrependimento,
Desperdiçara, em vão, força e cultura,
Qual chama entregue ao temporal violento.

Assim, entre a ventura e a desventura,
Sou rei na guerra de cruel tormento,
E mendigo de paz na sorte escura.

José de Abreu Albano

XAVIER, Francisco Cândido & VIEIRA, Waldo. *Antologia dos imortais*. 4. ed. FEB, Rio de Janeiro, 2002, p. 189-190.

ROTEIRO 3

Instinto e inteligência

- Objetivos específicos**
- Conceituar instinto, instinto de conservação e inteligência.
 - Explicar a diferença existente entre instinto e inteligência.

- Conteúdo básico**
- *O instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a conservação deles. Allan Kardec: A gênese. Cap. 3, item 11.*
 - O instinto de conservação diz, especificamente, respeito à sobrevivência e à perpetuação das espécies. É uma lei da natureza e todos [...] os seres vivos o possuem, qualquer que seja o grau de sua inteligência. Nuns, é puramente maquinal, raciocinado em outros. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 702.
 - A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, de acordo com a oportunidade das circunstâncias. Allan Kardec: A gênese. Cap. 3, item 12.
 - Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, se volta para a luz, dirige suas raízes para a água e para a terra nutriente; que a flor se abre e se fecha alternativamente, conforme se lhe faz necessário [...]. É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes convém ou prejudica; que buscam, conforme a estação, os climas propícios [...]; que os sexos se aproximam; que a mãe choca os filhos e que estes procuram o seio materno. No homem, só em começo de vida o instinto domina com exclusividade; é por instinto que a criança faz os primeiros movimentos, que toma alimento, que grita para exprimir as suas necessidades, que imita o som da voz, que tenta falar e andar. No próprio adulto, certos atos são instintivos, tais como os movimentos espontâneos para evitar um risco, para fugir a um perigo, para manter o equilíbrio do corpo [...]. Allan Kardec: A gênese. Cap. 3, item 11.

- A inteligência é [...] *incontestavelmente um atributo exclusivo da alma. [...] O instinto é guia seguro, que nunca se engana; a inteligência, pelo simples fato de ser livre, está, por vezes, sujeita a errar. Ao ato instintivo falta o caráter do ato inteligente; revela, entretanto, uma causa inteligente, essencialmente apta a prever [...]. Allan Kardec: A gênese. Cap. 3, item 12.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Iniciar a aula solicitando a um dos participantes que escreva no quadro-de-giz ou *flipchart* as expressões: *instinto*, *instinto de conservação* e *inteligência*.
- Em seguida, fazer uma exposição – usando material ilustrativo – sobre *a evolução dos seres vivos*, com base nas considerações gerais dos subsídios do roteiro.

Desenvolvimento

- Dividir a turma em dois grupos, para realização das seguintes tarefas:

Grupo I:

1. ler os itens 1 e 2 dos subsídios do roteiro;
2. trocar idéias, com base nos textos lidos, a respeito dos conceitos de *instinto* e *instinto de conservação*, e dos exemplos de atos instintivos, ali citados;
3. elaborar uma síntese sobre o assunto para ser apresentada, em plenária, por um dos colegas indicado pelo grupo.

Grupo II:

1. ler os itens 3 e 4 dos subsídios do roteiro;
 2. trocar idéias, com base nos textos lidos, a respeito do conceito de *inteligência* e de *instinto e inteligência*;
 3. elaborar uma síntese sobre o assunto para ser apresentada, em plenária, por um dos colegas indicado pelo grupo.
- Ouvir os relatos, desenvolvendo um debate tipo *pinga-fogo*.

Conclusão

- Ao final, ressaltar o significado de instinto, instinto de conservação e inteligência, explicando a diferença que há entre instinto e inteligência.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os alunos realizarem adequadamente o trabalho em grupo e responderem, com acerto, as questões do *pinga-fogo*.

Técnica(s): exposição; trabalho em grupo; debate tipo *pinga-fogo*.

Recurso(s): subsídios do roteiro; material ilustrativo: revistas/imagens da *internet* / desenhos; papel; lápis/caneta.

Subsídios

A compreensão dos conceitos *instinto*, *instinto de conservação* e *inteligência* nos reporta, necessariamente, ao processo de evolução dos seres vivos. Para o Espiritismo a evolução biológica e espiritual representa um processo natural e contínuo, decorrente da lei do progresso. Neste sentido, os ensinamentos espíritas estão além dos atuais conhecimentos científicos, os quais, por não considerarem a sobrevivência do Espírito, focalizam seus estudos nos processos biológicos e fisiológicos. Em relação à evolução dos seres vivos há, entretanto, uma significativa concordância entre o pensamento espírita e o pensamento científico. Os seguintes esclarecimentos de Allan Kardec, anunciados na *Revista Espírita* de 1868, são, em essência, os mesmos que a Ciência divulga atualmente: *a escala dos seres é contínua; antes de ser o que o somos, passamos por todos os graus desta escala, que estão abaixo de nós, e continuaremos a subir os que estão acima. Antes que o nosso cérebro fosse réptil, foi peixe, e foi peixe antes de ser mamífero.*¹⁸ *Hoje é um fato cientificamente demonstrado que a vida orgânica nem sempre existiu na Terra, e que aí teve um começo; a geologia permite seguir o seu desenvolvimento gradual. Os primeiros seres do reino vegetal e do reino animal que então apareceram, se devem ter formado*

sem procriação, e pertencer às classes inferiores, como o constataam as observações geológicas. À medida que os elementos dispersos se reuniram, as primeiras combinações formaram corpos exclusivamente inorgânicos, isto é, pedras, águas e minerais de toda sorte. Quando esses mesmos elementos se modificaram pela ação do fluido vital – que não é o princípio inteligente – formaram corpos dotados de vitalidade, de uma organização constante e regular, cada um na sua espécie. Ora, assim como a cristalização da matéria bruta não ocorre senão quando uma causa accidental vem opor-se ao arranjo simétrico das moléculas, os corpos organizados se formam desde que circunstâncias favoráveis de temperatura, umidade, repouso ou movimento, e uma espécie de fermentação permitam que as moléculas da matéria, vivificadas pelo fluido vital, se reunam.¹⁹ É importante destacar, neste ponto, que a Ciência não aceita a idéia do fluido vital, na forma como o Espiritismo ensina.*

Existem também outras concordâncias entre o Espiritismo e a Ciência, especialmente no que diz respeito à biodiversidade dos seres existentes no Planeta. Allan Kardec nos esclarece desta forma: *Os seres não procriados formam, pois, o primeiro escalão dos seres orgânicos [...]. Quanto às espécies que se propagam por procriação*, uma opinião que não é nova [...], é que os primeiros tipos de cada espécie são o produto de uma modificação da espécie imediatamente inferior. Assim estabeleceu-se uma cadeia ininterrupta, desde o musgo e o líquen até o carvalho, e depois o zoofita, o verme de terra e o ácaro até o homem. Sem dúvida, entre o verme de terra e o homem, se se considerarem apenas os dois pontos extremos, há uma diferença que parece um abismo; mas quando se aproximam todos os elos intermediários, encontra-se uma filiação sem solução de continuidade.¹⁹*

Foi assim que, em linhas gerais em certo momento da caminhada evolutiva surgiram o instinto, o instinto de conservação e a inteligência nos seres vivos do Planeta. É nessa encruzilhada evolutiva que percebemos as grandes divergências existentes, ainda, entre a Ciência – que considera a evolução como um processo de natureza exclusivamente biológica, ou física – e o Espiritismo, que ensina que a evolução ocorre nos dois planos da vida: no espiritual e no físico, resultante da ação do princípio inteligente (veja o módulo VII deste Programa Fundamental).

* “Sem procriação”: é importante não considerar o significado desta expressão como sendo uma referência ao conceito de geração espontânea. Os seres vivos evolutivamente primitivos (micróbios e alguns vegetais) se reproduzem de forma assexuada (sem gametas) ou vegetativa. Nos seres superiores (plantas evoluídas e animais) a reprodução é sexuada. Assim, “sem procriação” = reprodução assexuada; “procriação” = reprodução sexuada. Este é o sentido que se quer transmitir.

Num esforço de síntese, o Espírito André Luiz nos apresenta um panorama geral da evolução, esclarecendo como e quando o instinto e a inteligência surgiram. O princípio inteligente afastou-se [...] *do leito oceânico, atingiu a superfície das águas protetoras, moveu-se em direção à lama das margens, debateu-se no charco, chegou à terra firme, experimentou na floresta copioso material de formas representativas, ergueu-se do solo, contemplou os céus e, depois de longos milênios, durante os quais aprendeu a procriar, alimentar-se, escolher, lembrar e sentir, conquistou a inteligência... Viajou de simples impulso para a irritabilidade, da irritabilidade para a sensação, da sensação para o instinto, do instinto para a razão. Nessa penosa romagem, inúmeros milênios decorreram sobre nós.*²²

1. Instinto

A Doutrina Espírita nos ensina que o [...] *instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a conservação deles. Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, se volta para a luz, dirige suas raízes para a água e para a terra nutriente; que a flor se abre e fecha alternativamente, conforme se lhe faz necessário; que as plantas trepadeiras se enroscam em torno daquilo que lhes serve de apoio, ou se lhe agarram com as gavinhas. É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes convém ou prejudica; que buscam, conforme a estação, os climas propícios; que constroem, sem ensino prévio, com mais ou menos arte, segundo as espécies, leitos macios e abrigos para as suas progênies, armadilhas para apanhar a presa de que se nutrem; que manejam destramente as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam; que a mãe choca os filhos e que estes procuram o seio materno. No homem, só em começo da vida o instinto domina com exclusividade; é por instinto que a criança faz os primeiros movimentos, que toma o alimento, que grita para exprimir as suas necessidades, que imita o som da voz, que tenta falar e andar. No próprio adulto, certos atos são instintivos, tais como os movimentos espontâneos para evitar um risco, para fugir a um perigo, para manter o equilíbrio do corpo; tais ainda o piscar das pálpebras para moderar o brilho da luz, o abrir maquinal da boca para respirar, etc.*⁴

As inúmeras e repetidas experiências vivenciadas pelo princípio inteligente, em sua longa ascensão na escala evolutiva ocorrida nos dois planos da vida, favoreceram a aquisição de automatismos biológicos necessários à expressão do instinto e da inteligência. Estes automatismos manifestam-se de forma precisa, no momento apropriado, independentemente das interferências da razão. É assim que o bebê apresenta, desde o nascimento, inúmeros reflexos instintivos,

tais como: sucção, batimento de pálpebras, movimento rítmico e coordenado dos membros inferiores e superiores, choro etc.

Sendo assim, o [...] *instinto é inato, atua à revelia da instrução, inexperiente e invariavelmente, e não realiza progresso algum. É em tudo a antítese da inteligência. Tanto mais notáveis são os fenômenos do instinto, quanto mais se afirmam inteiramente involuntários.*²⁰

2. Instinto de Conservação

O instinto de conservação é uma lei da Natureza, e diz respeito à sobrevivência e à perpetuação das espécies. *Todos os seres vivos o possuem, qualquer que seja o grau de sua inteligência. Nuns, é puramente maquinal, raciocinado em outros.*¹⁶ O instinto de conservação existe nos animais e na espécie humana, porque [...] *todos têm que concorrer para cumprimento dos desígnios da Providência. Por isso foi que Deus lhes deu a necessidade de viver. Acresce que a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres. Eles o sentem instintivamente, sem disso se aperceberem.*¹⁷

As manifestações primitivas do instinto de conservação são encontradas nos animais e no homem, principalmente quando este se encontra nas primeiras encarnações. Essa é a forma que Deus determina para garantir a sobrevivência e a perpetuação das espécies. Nas fases primárias, o instinto de conservação apresenta uma característica peculiar: o temor da morte. O medo da morte é tão marcante nos animais e no homem pouco espiritualizado que, ante uma ameaça iminente de risco de vida, eles reagem com agressividade, ferocidade mesmo, tentando defender a sua existência. No homem o [...] *temor da morte decorre, portanto, da noção insuficiente da vida futura, embora denote também a necessidade de viver e o receio da destruição total; igualmente o estimula secreto anseio pela sobrevivência da alma, velado ainda pela incerteza. Esse temor decresce, à proporção que a certeza aumenta, e desaparece quando esta é completa. Eis aí o lado providencial da questão. Ao homem não suficientemente esclarecido, cuja razão mal pudesse suportar a perspectiva muito positiva e sedutora de um futuro melhor, prudente seria não o deslumbrar com tal idéia, desde que por ela pudesse negligenciar o presente, necessário ao seu adiantamento material e intelectual.*²

Outra característica importante do instinto de conservação diz respeito ao atendimento das necessidades fisiológicas: *Nos seres inferiores da criação, naqueles a quem ainda falta o senso moral, nos quais a inteligência ainda não substituiu o instinto, a luta não pode ter por móvel senão a satisfação de uma necessidade material. Ora, uma das mais imperiosas dessas necessidades é a da alimentação. Eles,*

*pois, lutam unicamente para viver, isto é, para fazer ou defender uma presa, visto que nenhum móvel mais elevado os poderia estimular. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida.*⁸

O temor da morte e o suprimento das necessidades fisiológicas representam, portanto, [...] *um efeito da sabedoria da Providência e uma consequência do instinto de conservação comum a todos os viventes. Ele é necessário enquanto não se está suficientemente esclarecido sobre as condições da vida futura, como contrapeso à tendência que, sem esse freio, nos levaria a deixar prematuramente a vida e a negligenciar o trabalho terreno que deve servir ao nosso próprio adiantamento. Assim é que, nos povos primitivos, o futuro é uma vaga intuição, mais tarde tornada simples esperança e, finalmente, uma certeza apenas atenuada por secreto apego à vida corporal.*¹ No Espírito atrasado a vida material prevalece sobre a espiritual. Apegando-se às aparências, o homem não distingue a vida além do corpo, esteja embora na alma a vida real; aniquilado aquele, tudo se lhe afigura perdido, desesperador.²

3. Inteligência

*A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, de acordo com a oportunidade das circunstâncias.*⁵

Os Espíritos Superiores nos esclarecem: *A inteligência é um atributo essencial do espírito.*⁹ Sabemos, no entanto, que a inteligência não é um atributo exclusivo da espécie humana. Os animais também possuem inteligência, a despeito de ser uma inteligência rudimentar. Endossando essa afirmativa, os Espíritos Orientadores afirmam: *A inteligência é uma faculdade especial, peculiar a algumas classes de seres orgânicos e que lhes dá, com o pensamento, a vontade de atuar, a consciência de que existem e de que constituem uma individualidade cada um, assim como os meios de estabelecerem relações com o mundo exterior e de proverem às suas necessidades.*¹⁰ Entretanto, existe uma grande diferença entre a inteligência animal e a inteligência humana. Os [...] *animais só possuem a inteligência da vida material. No homem, a inteligência proporciona a vida moral.*¹⁵

Na verdade, é impossível negar que, [...] *além de possuírem o instinto, alguns animais praticam atos combinados, que denunciam vontade de operar em determinado sentido e de acordo com as circunstâncias. Há, pois, neles, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício quase que se circunscreve à utilização dos meios de satisfazerem às suas necessidades físicas e de proverem à conservação própria. [...]* O desenvolvimento intelectual de alguns, que se mostram suscetíveis de certa educação, desenvolvimento, aliás, que não pode ultrapassar acanhados limites, é devido a

*ação do homem sobre uma natureza maleável, porquanto não há aí progresso que lhe seja próprio.*¹⁴

O ser humano é um animal dotado de razão ou inteligência, isto é, possui a faculdade de conhecer, compreender, raciocinar e aprender. No entanto, observamos que nos Espíritos imperfeitos, a [...] *inteligência pode achar-se neles aliada à maldade ou à malícia; seja, porém, qual for o grau que tenham alcançado de desenvolvimento intelectual, suas idéias são pouco elevadas e mais ou menos abjetos seus sentimentos.*¹¹

Nos bons Espíritos há predominância [...] *do Espírito sobre a matéria. [...]* *Suas qualidades e poderes para o bem estão em relação com o grau de adiantamento que hajam alcançado; uns têm a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Os mais adiantados reúnem o saber às qualidades morais.*¹²

Nos Espíritos puros, não há nenhuma influência da matéria sobre eles. Possuem superioridade intelectual e moral absoluta, com relação aos Espíritos de outras ordens.¹³

4. Instinto e inteligência

*Todo ato maquinal é instintivo; o ato que denota reflexão, combinação, deliberação, é inteligente. Um é livre, o outro não o é. O instinto é guia seguro, que nunca se engana; a inteligência, pelo simples fato de ser livre, está, por vezes, sujeita a errar. Ao ato instintivo falta o caráter do ato inteligente; revela, entretanto, uma causa inteligente, essencialmente apta a prever.*⁵

É [...] *frequente o instinto e a inteligência se revelarem simultaneamente no mesmo ato. No caminhar, por exemplo, o movimento das pernas é instintivo; o homem põe maquinalmente um pé à frente do outro, sem nisso pensar; quando, porém, ele quer acelerar ou demorar o passo, levantar o pé ou desviar-se de um tropeço, há cálculo, combinação; ele age com deliberado propósito. A impulsão involuntária do movimento é o ato instintivo; a calculada direção do movimento é o ato inteligente. O animal carnívoro é impelido pelo instinto a se alimentar de carne, mas as precauções que toma e que variam conforme as circunstâncias, para segurar a presa, a sua previdência das eventualidades são atos da inteligência.*⁶

*O instinto é guia seguro, sempre bom. Pode, ao cabo de certo tempo, tornar-se inútil, porém nunca prejudicial. Enfraquece-se pela predominância da inteligência. As paixões, nas primeiras idades da alma, têm de comum com o instinto o serem as criaturas solicitadas por uma força igualmente inconsciente.*⁷

Em síntese, podemos afirmar: [...] *os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Em sua origem, o homem só tem instintos; quando mais*

avançado e corrompido, só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos [...].³ O instinto e a inteligência pouco a pouco se transformam em conhecimento e responsabilidade e semelhante renovação outorga ao ser mais avançados equipamentos de manifestação...²¹ De sorte que [...] uma inteligência profunda significa um imenso acervo de lutas planetárias. Atingida essa posição, se o homem guarda consigo uma expressão idêntica de progresso espiritual, pelo sentimento, então estará apto a elevar-se a novas esferas do Infinito, para a conquista de sua perfeição.²³

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 54. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 2, item 2, p. 20.
2. _____. Item 4, p. 21-22.
3. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 123. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 11, item 8, p. 186.
4. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 42. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 3, item 11, p. 74-75.
5. _____. Item 12, p. 75.
6. _____. Item 13, p. 76-77.
7. _____. Item 18, p. 80.
8. _____. Item 24, p. 83.
9. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 24, p. 59.
10. _____. Questão 71, p. 78.
11. _____. Questão 101, p. 89.
12. _____. Questão 107, p. 92-93.
13. _____. Questão 112, p. 94.
14. _____. Questão 593, p. 294.
15. _____. Questão 604-a, p. 298.
16. _____. Questão 702, p. 337.
17. _____. Questão 703, p. 337.

18. _____. *Revista espírita*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima Rio de Janeiro: FEB, 2005. Assunto: “Conferências”, ano décimo primeiro, 1868. Nº 6, mês de junho.
19. _____. Tema: A geração espontânea e a gênese, ano décimo primeiro, 1868. Nº7, mês de julho.
20. FLAMMARION, Camille. *Deus na natureza*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987. Tomo IV, cap. 2 (Plano da natureza. Instinto e inteligência), p. 351-352.
21. XAVIER, Francisco Cândido. *Entre a terra e o céu*. Pelo Espírito André Luiz. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 21 (Conversação edificante), p. 172.
22. _____. *No mundo maior*. Pelo Espírito André Luiz. 1ª edição especial, Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 4 (Estudando o cérebro), p. 58-59.
23. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 117, p. 78.

ROTEIRO 4

O necessário e o supérfluo

Objetivo específico

- Estabelecer uma relação entre o necessário e o supérfluo à vida humana.

Conteúdo básico

- Deus proveu a Natureza de todos os recursos para garantir a sobrevivência dos seres vivos no Planeta. *Não fora possível que Deus criasse para o homem a necessidade de viver, sem lhe dar os meios de consegui-lo. Essa a razão por que faz que a Terra produza de modo a proporcionar o necessário aos que a habitam, visto que só o necessário é útil. O supérfluo nunca o é.* Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 704.
- A terra produziria sempre o necessário, se com o necessário soubesse o homem contentar-se. Se o que ela produz não lhe basta a todas as necessidades, é que ele emprega no supérfluo o que poderia ser aplicado no necessário. [...] Em verdade vos digo, imprevidente não é a Natureza, é o homem, que não sabe reger o seu viver. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 705.
- A Terra produzirá o suficiente para alimentar a todos os seus habitantes, quando os homens souberem administrar, segundo as leis de justiça, de caridade e de amor ao próximo, os bens que ela dá. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 25, item 8.
- Não vos preocupeis com a vossa vida, quanto ao que haveis de comer, nem com o vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa? [...] Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça e todas essas coisas vos serão acrescentadas. Mateus, 6:25-26 e 33.

Sugestões didáticas

Introdução

- Iniciar a aula entregando duas tiras de papel a cada um dos participantes.
- Solicitar-lhes que escrevam, em uma das tiras, algo que lhes sejam *necessário*, e na outra o que lhes pareçam *supérfluo*.
- Em seguida, pedir que afixem as tiras de papel, à vista de todos, de modo que seja organizado um mural contendo duas colunas: uma com o *necessário* e a outra com o *supérfluo*.
- Observação: as tiras devem ser escritas com pincéis de cores variadas, e em letra de forma, tamanho grande, de modo que sejam visíveis a todos.

Desenvolvimento

- Realizar uma breve explanação a partir do conteúdo do mural, estabelecendo – com base nos subsídios do roteiro – uma relação entre o necessário e o *supérfluo* à vida humana.
- Em sequência, dividir a turma em quatro grupos para leitura e troca de idéias sobre trechos dos referidos subsídios, assim especificados:
 - Grupo 1: mensagem de Bezerra de Menezes (primeira e segunda páginas dos subsídios).
 - Grupo 2: mensagem de um Espírito Protetor (segunda página dos subsídios).
 - Grupo 3: citação evangélica de Mateus (terceira página dos subsídios).
 - Grupo 4: mensagem de André Luiz (última página dos subsídios).
- Pedir aos grupos que indiquem um colega para apresentar, em plenária, um resumo do assunto lido.
- Ouvir os relatos dos representantes dos grupos, fazendo comentários pertinentes.

Conclusão

- Apresentar, em cartaz ou projeção, a idéia central de cada texto estudado em grupo e dos pontos principais dos subsídios que

estabelecem uma relação entre o necessário e o supérfluo à vida humana.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os alunos realizarem corretamente as tarefas que lhes foram solicitadas.

Técnica(s): elaboração de mural; exposição; trabalho em grupo.

Recurso(s): tiras de papel; subsídios do roteiro; mural; cartaz / projeção; papel; lápis / caneta; pincéis de cores variadas.

Subsídios *A natureza dual do homem – corpo e espírito – impõe-lhe a necessidade de sustentação da vida no seu duplo aspecto. Acontece que a maioria dos habitantes deste Planeta preocupa-se somente com a materialidade da vida, relegando e negligenciando, por ignorância ou indiferença, os interesses espirituais. Entretanto, o Criador dotou todos os seres vivos, particularmente o homem, dos instintos e da inteligência apropriados à conservação da vida, facultando-lhes os meios para tanto.⁹*

Tudo o que o homem necessita para manutenção da vida encontra-se na Terra. É admirável a providência e a sabedoria divina, manifestada na Natureza, para o atendimento de todas as necessidades do homem, primitivo ou civilizado, em qualquer época. De um lado, todos os recursos naturais, ao alcance da criatura, na atmosfera, no solo, nas águas e nas entranhas da Terra; de outro, a necessidade do esforço, do trabalho, da aplicação da inteligência, da luta contra os elementos, para fruição dos meios de manutenção.¹⁰

É importante que o ser humano aprenda a estabelecer um limite entre o supérfluo e o necessário, evitando, na medida do possível, os apelos da sociedade de consumo. Sabemos, entretanto, que não é fácil a definição precisa deste limite, porque o processo civilizatório [...] criou necessidades que o selvagem desconhece [...]. Tudo é relativo, cabendo à razão reger as coisas. A Civilização desenvolve o senso moral e, ao mesmo tempo, o sentimento de caridade,

que leva os homens a se prestarem mútuo apoio. Os que vivem à custa das privações dos outros exploram, em seu proveito, os benefícios da Civilização. Desta têm apenas o verniz, como muitos há que da religião só têm a máscara.³ Compreendemos que é [...] natural o desejo do bem-estar. Deus só proíbe o abuso, por ser contrário à conservação. Ele não condena a procura do bem-estar, desde que não seja conseguido à custa de outrem e não venha a diminuir-vos nem as forças físicas, nem as forças morais.⁴ Neste sentido, sempre há mérito quando se aprende a abrir mão do supérfluo, porque isso [...] desprende da matéria o homem e lhe eleva a alma. Meritório é resistir à tentação que arrasta ao excesso ou ao gozo das coisas inúteis; é o homem tirar do que lhe é necessário para dar aos que carecem do bastante.⁵

Segundo o Espírito Bezerra de Menezes, o mundo [...] está repleto de ouro. Ouro no solo. Ouro no mar. Ouro nos cofres. Mas o ouro não resolve o problema da miséria. O mundo está repleto de espaço. Espaço nos continentes. Espaço nas cidades. Espaço nos campos. Mas o espaço não resolve o problema da cobiça. O mundo está repleto de cultura. Cultura no ensino. Cultura na técnica. Cultura na opinião. Mas cultura da inteligência não resolve o problema do egoísmo. O mundo está repleto de teorias. Teorias na ciência. Teorias nas escolas filosóficas. Teorias nas religiões. Mas as teorias não resolvem o problema do desespero. O mundo está repleto de organizações. Organizações administrativas. Organizações econômicas. Organizações sociais. Mas as organizações não resolvem o problema do crime.¹¹ Qual seria, pois, a solução para esse estado de coisas? Bezerra nos dá, evidentemente, a resposta correta: Para extinguir a chaga da ignorância, que acalenta a miséria; para dissipar a sombra da cobiça, que gera a ilusão; para exterminar o monstro do egoísmo, que promove a guerra; para anular o verme do desespero, que promove a loucura, e para remover o charco do crime, que carrega o infortúnio, o único remédio eficiente é o Evangelho de Jesus no coração humano.¹²

Ainda dentro desse contexto do que é supérfluo e do que é necessário à nossa existência, fazem-nos eco as seguintes ponderações de um Espírito Protetor, o qual, em mensagem ditada no ano de 1861, já dizia: Quando considero a brevidade da vida, dolorosamente me impressiona a incessante preocupação de que é para vós objeto o bem-estar material, ao passo que tão pouca importância dais ao vosso aperfeiçoamento moral, a que pouco ou nenhum tempo consagrais e que, no entanto, é o que importa para a eternidade. Dir-se-ia, diante da atividade que desenvolveis, tratar-se de uma questão do mais alto interesse para a Humanidade, quando não se trata, na maioria dos casos, senão de vos pordes em condições de satisfazer a necessidades exageradas, à vaidade, ou de vos entregardes a excessos. Que de penas, de amofinações, de tormentos cada um se impõe; que de noites de insônia,

*para aumentar haveres muitas vezes mais que suficientes! Por cúmulo de cegueira, freqüentemente se encontram pessoas escravizadas a penosos trabalhos pelo amor imoderado da riqueza e dos gozos que ela proporciona, a se vangloriarem de viver uma existência dita de sacrifício e de mérito – como se trabalhassem para os outros e não para si mesmas! Insensatos! Credes, então, realmente, que vos serão levados em conta os cuidados e os esforços que despendeis movidos pelo egoísmo, pela cupidez ou pelo orgulho, enquanto negligenciais do vosso futuro, bem como dos deveres que a solidariedade fraterna impõe a todos os que gozam das vantagens da vida social? Unicamente no vosso corpo haveis pensado; seu bem-estar, seus prazeres foram o objeto exclusivo da vossa solicitude egoística. Por ele, que morre, desprezastes o vosso Espírito, que viverá sempre. Por isso mesmo, esse senhor tão amimado e acariciado se tornou o vosso tirano; ele manda sobre o vosso Espírito, que se lhe constituiu escravo. Seria essa a finalidade da existência que Deus vos outorgou?*¹

Aprendendo a estabelecer um limite entre o necessário e o supérfluo, não devemos temer o futuro, imaginando que iremos passar privações. Os Espíritos Superiores nos afirmam que a Terra [...] *produzirá o suficiente para alimentar a todos os seus habitantes, quando os homens souberem administrar, segundo as leis de justiça, de caridade e de amor ao próximo, os bens que ela dá. Quando a fraternidade reinar entre os povos, como entre as províncias de um mesmo império, o momentâneo supérfluo de um suprirá a momentânea insuficiência do outro; e cada um terá o necessário. O rico, então, considerar-se-á como um que possui grande quantidade de sementes; se as espalhar, elas produzirão pelo cêntuplo para si e para os outros; se, entretanto, comer sozinho as sementes, se as desperdiçar e deixar se perca o excedente do que haja comido, nada produzirão, e não haverá o bastante para todos, Se as amontoar no seu celeiro, os vermes a devorarão. Daí o haver Jesus dito: Não acumuleis tesouros na Terra, pois que são perecíveis; acumulai-os no céu, onde são eternos. Em outros termos: não ligueis aos bens materiais mais importância do que aos espirituais e sabeis sacrificar os primeiros aos segundos.*²

Considerando a importância da nossa felicidade espiritual, algo devemos fazer para educar os nossos impulsos consumistas, refreando o desejo de posse e de acúmulo de haveres. É necessário confiar mais na Providência Divina, aceitando a orientação segura de Jesus: *Por isso vos digo: Não vos preocupeis com a vossa vida, quanto ao que haveis de comer, nem com o vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa? Olhai as aves do céu: não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros. E, no entanto, vosso Pai celeste as alimenta. Ora, não valeis vós mais do que elas? Quem dentre vós, com as suas preocupações, pode acrescentar um côvado* à duração da*

*sua vida? E com a roupa, por que andais preocupados? Aprendei dos lírios do campo, como crescem, e não trabalham e nem fiam. E, no entanto, eu vos asseguro que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que existe hoje e amanhã será lançada ao forno, não fará ela muito mais por vós, homens fracos na fé? Por isso, não andeis preocupados, dizendo: Que iremos comer? Ou, que iremos beber? Ou, que iremos vestir? De fato, são os gentios que estão à procura de tudo isso: o vosso Pai celeste sabe que tendes necessidade de todas as coisas. Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã se preocupará consigo mesmo. A cada dia basta o seu mal.*⁶

Analisando essas orientações de Jesus, entendemos que um dos grandes problemas do ser humano, no que diz respeito à preocupação com o acúmulo de bens, é a insegurança. *A origem da insegurança está no fato de superestimarmos nossas necessidades essenciais. Pensamos demasiado em nós mesmos e vivemos tão angustiados, tão tensos, tão preocupados com pequenos problemas, a fermentarem em nossa mente por lhes darmos excessiva atenção, que não temos tempo para parar e pensar: em Deus, que alimenta à saciedade a ave humilde e veste de beleza incomparável a erva do campo, está o nosso apoio decisivo, nossa bênção, mais autêntica, nosso futuro mais promissor, nossa felicidade verdadeira. Poder-se-ia argumentar: se tudo esperarmos do Criador, estaremos condenados à indolência, causa geratriz de problemas mais sérios que a própria insegurança. Trata-se de um engano. O que Jesus pretende é que não guardemos temores em nosso coração, vendo em Deus a nossa providência, o nosso apoio, a fim de que vivamos em paz. Ao recomendar que busquemos, acima de tudo, o Reino de Deus, onde todos os nossos anseios serão realizados, estava longe de convidar-nos à inércia. Sendo o Reino um estado de consciência, uma espécie de limpar e pôr em ordem a casa mental, é evidente que não se trata de tarefa para o indolente, porquanto exige férrea disciplina interior, ingente trabalho de auto-renovação, exaustiva luta contra nossas tendências inferiores.*⁷

*Para viver a mensagem evangélica, é preciso aproveitar a bênção do tempo, valorizando as oportunidades que chegam. A cada dia, explica o Mestre, bastam seus males. Quem se preocupa muito com o futuro, compromete o presente. Hoje é a nossa oportunidade mais autêntica de aprender e trabalhar, servir e edificar.*⁸

Apresentamos, a seguir, algumas medidas que nos são sugeridas pelo Espírito André Luiz. São medidas que podem nos servir de roteiro para auxiliar a

⁶ Côvado: antiga medida de comprimento, fora de uso, igual a 66 centímetros.

educação da nossa ânsia de consumo e de acúmulo de bens, de forma a investir com mais segurança no nosso crescimento espiritual:

Não converta o próprio lar em museu. Utensílio inútil em casa será utilidade na casa alheia. O desapego começa das pequeninas coisas, e o objeto conservado, sem aplicação no recesso da moradia, explora os sentimentos do morador. A verdadeira morte começa na estagnação. Quem faz circular os empréstimos de Deus, renova o próprio caminho. Transfigure os apetrechos, que lhe sejam inúteis, em forças vivas do bem. Retire da despensa os gêneros alimentícios, que descansam esquecidos, para a distribuição fraterna aos companheiros de estômago atormentado. Reviste o guarda-roupa, libertando os cabides das vestes que você não usa, conduzindo-as aos viajores desnudos da estrada. Estenda os pares de sapatos, que lhe sobram, aos pés descalços que transitam em derredor. Elimine do mobiliário as peças excedentes, aumentando a alegria das habitações menos felizes. Revolva os guardados em gavetas ou porões, dando aplicação aos objetos parados de seu uso pessoal. Transforme em patrimônio alheio os livros empoeirados que você não consulta, endereçando-os ao leitor sem recursos. Examine a bolsa, dando um pouco mais que os simples compromissos da fraternidade, mostrando gratidão pelos acréscimos da Divina Misericórdia [...]. Previna-se hoje contra o remorso amanhã. O excesso de nossa vida cria a necessidade do semelhante.¹³

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 123. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 16, item 12, p. 263-264.
2. _____. Cap. XXV, item 8, p. 359.
3. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 717, p. 342.
4. _____. Questão 719, p. 342-343.
5. _____. Questão 720-a, p. 343.
6. BÍBLIA. Português. *A bíblia de Jerusalém*. Tradução de Estevão Bettencourt et al. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, (Mateus, 6:25-34), p. 33.
7. SIMONETTI, Richard. *A voz do monte*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Item: A distância do reino, p. 151-152.
8. _____. p. 152.
9. SOUZA, Juvanir Borges de. *Tempo de transição*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 5 (Necessário e supérfluo), p. 50.
10. _____. p. 50-51.
11. XAVIER, Francisco Cândido & VIEIRA, Waldo. *O Espírito da Verdade*. Por diversos Espíritos. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 1 (Problemas do mundo – mensagem do Espírito Bezerra de Menezes), p. 15-16.
12. _____. p. 16.
13. _____. Cap. 2 (Excesso e você – mensagem do Espírito André Luiz), p. 17-18.

Simplifica

Clamas que o tempo está curto;
Contudo, o tempo replica:
— “Não me gastes sem proveito,
Simplifica, simplifica.”

É muita conta a buscar-te. . .
Armazém, loja, botica. . .
Aprende a viver com pouco,
Simplifica, simplifica.

Incompreensões, chicotadas?
Calúnia, miséria, trica?
Não carregues fardo inútil,
Simplifica, simplifica.

Encontras no próprio lar
Parente que fere e implica?
Desculpa sem reclamar,
Simplifica, simplifica.

Se alguém te injuria em rosto,
Se te espanca ou sacrifica,
Olvida a loucura e segue. . .
Simplifica, simplifica.

Recebes dos mais amados
Ofensa que não se explica?
Esquece a lama da estrada,
Simplifica, simplifica.

Alegas duro cansaço,
Queres casa imensa e rica;
Foge disso enquanto é tempo,
Simplifica, simplifica.

Crês amparar a família
Pelo vintém que se estica?
Excesso cria ambição.
Simplifica, simplifica.

Dizes que o mundo é de pedra,
Que as provas chegam em bica;
Não deites limão nos olhos,
Simplifica, simplifica.

Recorres, em pranto, ao Mestre,
Na luta que te complica,
E Jesus pede em silêncio:
Simplifica, simplifica.

Casimiro Cunha

XAVIER, Francisco Cândido & VIEIRA, Waldo. *Antologia dos imortais*. 4. ed. FEB, Rio de Janeiro, 2002, p. 279-281.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO XIV

Lei de Igualdade

OBJETIVO GERAL

Possibilitar entendimento da lei de igualdade e das desigualdades existentes entre os homens

ROTEIRO 1

Igualdade natural e desigualdade de aptidões

Objetivos específicos

- Esclarecer por que, perante a lei, são iguais todos os homens.
- Explicar a razão das desigualdades de aptidões entre os seres humanos.
- Justificar a necessidade da desigualdade de aptidões.

Conteúdo básico

- *Todos os homens estão submetidos às mesmas leis da Natureza. Todos nascem igualmente fracos, acham-se sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Deus a nenhum homem concedeu superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte: todos, aos seus olhos, são iguais.* Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 803 – comentário.
- *Por que não outorgou Deus as mesmas aptidões a todos os homens?*
Deus criou iguais todos os Espíritos, mas cada um destes vive há mais ou menos tempo, e, conseqüentemente, tem feito maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade dos graus da experiência alcançada e da vontade com que obram, vontade que é o livre-arbítrio. Daí o se aperfeiçoarem uns mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas [...]. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 804.
- *Necessária é a variedade das aptidões, a fim de que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais. O que um não faz, fá-lo outro. Assim é que cada qual tem seu papel útil a desempenhar. Demais, sendo solidários entre si todos os mundos, necessário se torna que os habitantes dos mundos superiores, que, na sua maioria, foram criados antes do vosso, venham habitá-lo, para vos dar o exemplo.* Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 804.

Sugestões didáticas

Introdução

- Introduzir o assunto da aula fazendo a seguinte pergunta: *Todos nós somos iguais? Por quê?*
- Ouvir as respostas, comentando-as rapidamente.

Desenvolvimento

- Expor a matéria, resumindo o conteúdo dos subsídios deste roteiro. Para dinamizar esta explanação, sugerimos o seguinte:
 - a) utilizar projeções ou cartazes;
 - b) fazer perguntas aos participantes, de modo que os objetivos da aula sejam contemplados;
 - c) comentar as respostas, inserindo-as no contexto do assunto;
 - d) citar exemplos que ilustrem as diferentes aptidões humanas, explicando como elas podem concorrer para a execução dos desígnios da Providência Divina.
- Pedir, então, aos participantes que formem um semicírculo, para que, um a um, responda, oralmente, à seguinte pergunta: *Como a desigualdade de aptidões pode concorrer para o progresso moral dos homens?*
- Registrar as respostas, resumidamente, em folhas de cartolina / papel pardo, ou no próprio quadro-de-giz.
- Observação: durante a sessão de respostas, é desejável que cada um contribua para a resolução da questão apresentada. Caso o participante não tenha uma idéia naquele momento, o próximo colega do grupo deve emitir a sua, e assim sucessivamente.

Conclusão

- Encerrar a aula, analisando, juntamente com a turma, as contribuições registradas, aprimorando as respostas, e prestando os esclarecimentos cabíveis.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os alunos participaram ativamente da exposição e responderem corretamente às perguntas que lhes foram propostas.

Técnica(s): explosão de idéias; exposição; discussão circular adaptada.

Recurso(s): projeção / cartazes / quadro-de-giz; pincel atômico / caneta hidrográfica; cartolina / papel pardo.

Subsídios De acordo com a Doutrina Espírita todos os homens são iguais, uma vez que [...] *tendem para o mesmo fim e Deus fez suas leis para todos.*⁷ Assim é que, criando os Espíritos simples e ignorantes³, possibilitou-lhes Deus que, na condição de homens, através de múltiplas existências corporais, atingissem a perfeição⁴, submetendo-se a leis [...] *apropriadas à natureza de cada mundo e adequadas ao grau de progresso dos seres que os habitam.*⁶

Dessa forma, na Terra, todos [...] *os homens estão submetidos às mesmas leis da Natureza. Todos nascem igualmente fracos, acham-se sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Deus a nenhum homem concedeu superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte: todos, aos seus olhos, são iguais.*⁷

Muito embora a existência de igualdade entre os homens, não têm eles as mesmas aptidões. Isto porque, como ensinam os Espíritos Superiores, [...] *Deus criou iguais todos os Espíritos, mas cada um destes vive há mais ou menos tempo, e, conseqüentemente, tem feito maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade dos graus da experiência alcançada e da vontade com que obram, vontade que é o livre-arbítrio. Daí o se aperfeiçoarem uns mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas.*⁸ Nesse contexto, convém se ressalve que, por vezes, mesmo possuindo determinada aptidão, em virtude do progresso alcançado, esta [...] *pode permanecer adormecida durante uma existência, por querer o Espírito exercitar outra, que nenhuma relação tem com aquela. Esta, então, fica em estado latente, para reaparecer mais tarde.*⁵

Necessária é a variedade das aptidões, a fim de que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais. O que um não faz, fá-lo outro. Assim é que cada qual tem seu papel útil a

desempenhar.⁹ Portanto, o homem, à medida que progride, torna-se, segundo os desígnios de Deus, colaborador na obra da criação.⁴

*Demais, sendo solidários entre si todos os mundos, necessário se torna que os habitantes dos mundos superiores, que, na sua maioria, foram criados antes do vosso, venham habitá-lo, para vos dar o exemplo.*⁹ Essa passagem dos Espíritos de um mundo superior para um outro inferior, porém, não afeta as faculdades por eles adquiridas, uma vez que [...] *o Espírito que progrediu não retrocede.*¹⁰ A vinda desses Espíritos de mundos superiores para a Terra pode dar-se de forma individual ou coletiva. Individualmente, podem ser identificados, através dos tempos, como os grandes líderes da Humanidade, em todas as áreas do conhecimento, embora nem todos tenham atingido altos níveis de progresso moral. Coletivamente, entretanto, conforme instruções recebidas do plano espiritual, vieram para a Terra, nos primórdios do planeta, o que [...] *deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão mesma, chamada raça adâmica. Quando ela aqui chegou, a Terra já estava povoada desde tempos imemoriais, como a América, quando aí chegaram os europeus. Mais adiantada do que as que a tinham precedido neste planeta, a raça adâmica é, com efeito, a mais inteligente, a que impele ao progresso todas as outras.*¹ Ela se mostra [...] *, desde os seus primórdios, industriosa, apta às artes e às ciências, sem haver passado aqui pela infância espiritual, o que não se dá com as raças primitivas [...].*¹ Esse fato demonstra [...] *que ela [a raça adâmica] se compunha de Espíritos que já tinham progredido bastante.* (2)

A propósito, registra Emmanuel:

*Há muitos milênios, um dos orbes da Capela [grande estrela da constelação do Cocheiro], que guarda muitas afinidades com o globo terrestre, atingira a culminância de um dos seus extraordinários ciclos evolutivos. As lutas finais de um longo aperfeiçoamento estavam delineadas, como ora acontece convosco, relativamente às transições esperadas no século XX, neste crepúsculo de civilização. Alguns milhões de Espíritos rebeldes lá existiam, no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das penosas conquistas daqueles povos cheios de piedade e virtudes, mas uma ação de saneamento geral os alijaria daquela humanidade, que fizera jus à concórdia perpétua, para a edificação dos seus elevados trabalhos. As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmo, deliberam, então, localizar aquelas entidades, que se tornaram pertinazes no crime, aqui na Terra longínqua, onde aprenderiam a realizar, na dor e nos trabalhos penoso do seu ambiente, as grandes conquistas do coração e impulsionando, simultaneamente, o progresso dos seus irmãos inferiores.*¹¹

Assim, pode-se dizer que [...] *a diversidade das aptidões entre os homens não deriva da natureza íntima da sua criação, mas do grau de aperfeiçoamento a que*

*tenham chegado os Espíritos encarnados neles. Deus, portanto, não criou faculdades desiguais; permitiu, porém, que os Espíritos em graus diversos de desenvolvimento estivessem em contacto, para que os mais adiantados pudessem auxiliar o progresso dos mais atrasados e também para que os homens, necessitando uns dos outros, compreendessem a lei de caridade que os deve unir.*¹⁰

Esses ensinamentos revelam que a [...] *concepção igualitária absoluta é um erro grave dos sociólogos, em qualquer departamento da vida. A tirania política poderá tentar uma imposição nesse sentido, mas não passará das espetaculosas uniformizações simbólicas para efeitos exteriores, porquanto o verdadeiro valor de um homem está no seu íntimo, onde cada espírito tem sua posição definida pelo próprio esforço.*¹²

*A harmonia do mundo não virá por decretos, nem de parlamentos que caracterizam sua ação por uma força excessivamente passageira.*¹³ Temos observado a desilusão de muitos estadistas e condutores de multidões que propugnam bem-estar social, por processos mecânicos de aplicação, sem atender à iluminação espiritual dos indivíduos. Sonharam [...] *com a igualdade irrestrita das criaturas, sem compreender que, recebendo os mesmos direitos de trabalho e de aquisição perante Deus, os homens, por suas próprias ações, são profundamente desiguais entre si, em inteligência, virtude, compreensão e moralidade.*¹⁴

Sabemos que [...] *existe uma igualdade absoluta de direitos dos homens perante Deus, que concede a todos os seus filhos uma oportunidade igual nos tesouros inapreciáveis do tempo. Esses direitos são os da conquista da sabedoria e do amor, através da vida, pelo cumprimento do sagrado dever do trabalho e do esforço individual. Eis por que cada criatura terá o seu mapa de méritos nas sendas evolutivas, constituindo essa situação, nas lutas planetárias, uma grandiosa escala progressiva em matéria de raciocínios e sentimentos, em que se elevará naturalmente todo aquele que mobilizar as possibilidades concedidas à sua existência para o trabalho edificante na iluminação de si mesmo, nas sagradas expressões do esforço individual.*¹²

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 43. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 11, item 38, p. 226.
2. _____. Item 38, p. 226-227.
3. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 115, p. 95.
4. _____. Questão 132, p. 103.
5. _____. Questão 220, p. 141.
6. _____. Questão 618, p. 306.
7. _____. Questão 803, p. 375.
8. _____. Questão 804, p. 375-376.
9. _____. p. 376.
10. _____. Questão 805, p. 376.
11. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 3 (Um mundo em transições), p. 34-35.
12. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 56, p. 46.
13. _____. Questão 234, p. 140.
14. _____. p.140-141.

Onde Estiveres

Enquanto o dia canta, enquanto o dia
Esperanças e flores te revela,
Segue na estrada primorosa e bela
Da bondade que atende, ampara e cria.

Não desprezes o tempo que te espia
Por santa e infatigável sentinela...
E, alma do amor que se desencastela,
Perdoa, alenta e crê, serve e confia.

Lembra-te, enquanto é cedo! Tudo, tudo
O tempo extingue generoso e mudo,
Menos o Eterno Bem que, excelso, arde...

E onde estiveres, torturado embora,
Faze do bem a luz de cada hora,
Antes que a dor te ajude, triste e tarde!

Auta de Souza

ROTEIRO 2

Desigualdades sociais. Igualdade de direitos do homem e da mulher

Objetivos específicos ■ Identificar as causas das desigualdades sociais.
■ Explicar as razões da igualdade de direitos do homem e da mulher.

Conteúdo básico ■ As desigualdades sociais não estão na lei da natureza, são obra do homem e não de Deus. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 806.

■ As desigualdades sociais desaparecerão quando (...) *o egoísmo e o orgulho deixarem de predominar. Restará apenas a desigualdade do merecimento. Dia virá em que os membros da grande família dos filhos de Deus deixarão de considerar-se como de sangue mais ou menos puro. Só o Espírito é mais ou menos puro e isso não depende da posição social.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 806-a.

■ *São iguais perante Deus o homem e a mulher e têm os mesmos direitos?*
Não outorgou Deus a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir? Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 817.

■ *Todo privilégio a um ou a outro concedido é contrário à justiça. A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização. [...] Visto que os Espíritos podem encarnar num e noutro, sob esse aspecto nenhuma diferença há entre eles. Devem, por conseguinte, gozar dos mesmos direitos.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 822-a.

Sugestões didáticas

Introdução

- Iniciar a aula apresentando os objetivos do roteiro e tecer comentários gerais sobre o tema.

Desenvolvimento

- Solicitar aos participantes que leiam os subsídios do roteiro, destacando as idéias principais, e recorrendo à bibliografia indicada (*O evangelho segundo o espiritismo* e *O livro dos espíritos*) para maiores esclarecimentos do assunto, se necessário.
- Pedir aos participantes que se organizem em duplas para seleção, ao acaso, de um trecho dos subsídios.
- Em seguida, pedir-lhes que realizem a seguinte tarefa:
 - a) uma das duplas faz leitura, em voz alta, do trecho selecionado;
 - b) outra dupla comenta as idéias expressas no texto anteriormente lido;
 - c) concluída a exposição, esta dupla faz então leitura do trecho, previamente escolhido, aos demais colegas.
- Prosseguir, assim, com a realização da dinâmica, até que todas as duplas tenham lido e comentado o trecho selecionado.

Conclusão

- Encerrar a aula, ressaltando que as desigualdades e os privilégios sociais desaparecerão com o progresso moral da humanidade.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- todas as duplas participarem da atividade, contribuindo com as leituras e interpretações dos trechos, demonstrando que houve entendimento sobre as *desigualdades sociais e a igualdade de direitos do homem e da mulher*.

Técnica(s): exposição; leitura; estudo em duplas.

Recurso(s): subsídios do roteiro.

Subsídios 1. Desigualdades sociais

*As questões sociais preocupam vivamente a nossa época. Vê-se, não sem espanto, que os progressos da civilização, o aumento enorme dos agentes produtivos e da riqueza, o desenvolvimento da instrução não têm podido extinguir o pauperismo nem curar os males do maior número. Entretanto, os sentimentos generosos e humanitários não desapareceram. No coração dos povos aninham-se instintivas aspirações para a justiça e bem assim anseios vagos de uma vida melhor. Compreende-se geralmente que é necessária uma divisão mais eqüitativa dos bens da Terra. Daí mil teorias, mil sistemas diversos, tendentes a melhorar a situação das classes pobres, a assegurar a cada um os meios do estritamente necessário. Mas, a aplicação desses sistemas exige da parte de uns muita paciência e habilidade; da parte de outros, um espírito de abnegação que lhes é absolutamente essencial. Em vez dessa mútua benevolência que, aproximando os homens, lhes permitiria estudar em comum e resolver os mais graves problemas, é com violência e ameaças nos lábios que o proletário reclama seu lugar no banquete social; é com acrimônia que o rico se confina no seu egoísmo e recusa abandonar aos famintos as menores migalhas da sua fortuna. Assim, um abismo abre-se; as desavenças, as cobiças, o furores acumulam-se de dia em dia.*¹⁰

A causa do mal e o seu remédio estão, muitas vezes, onde não são procurados, e por isso é em vão que muitos se têm esforçado por criar combinações engenhosas. Sistemas sucedem a sistemas, instituições dão lugar a instituições, mas o homem permanece desgraçado, porque se conserva mau. A causa do mal está em nós, em nossas paixões e em nossos erros. Eis o que se deve transformar. Para melhorar a sociedade, é preciso melhorar o indivíduo; é necessário o conhecimento das leis superiores de progresso e de solidariedade, a revelação da nossa natureza e dos nossos destinos, e isso somente pode ser obtido pela filosofia dos Espíritos.

Talvez haja quem não admita essa idéia. Acreditar que o Espiritismo possa influenciar sobre a vida dos povos, facilitar a solução dos problemas sociais é ainda muito incompreensível para as idéias da época. Mas, por pouco que se reflita, seremos forçados a reconhecer que as crenças têm uma influência considerável sobre

a forma das sociedades. Na Idade Média, a sociedade [ocidental] era a imagem fiel das concepções católicas. A sociedade moderna, sob a inspiração do materialismo, vê apenas [...] a luta dos seres, luta ardente, na qual todos os apetites estão em liberdade. Tende a fazer do mundo atual a máquina formidável e cega que tritura as existências, e onde o indivíduo não passa de partícula, ínfima e transitória, saída do nada para, em breve, a ele voltar. Mas, quanta mudança nesse ponto de vista, logo que o novo ideal vem esclarecer-nos o ser e regular-nos a conduta! Convencido de que esta vida é um meio de depuração e de progresso, que não está isolada de outras existências, ricos e pobres, todos ligarão menos importância aos interesses do presente. Em virtude de estar estabelecido que cada ser humano deve renascer muitas vezes sobre este mundo, passar por todas as condições sociais, sendo as existências obscuras e dolorosas então as mais numerosas e a riqueza mal empregada, acarretando gravosas responsabilidades, todo homem compreenderá que, trabalhando em benefício da sorte dos humildes, dos pequenos, dos deserdados, trabalhará para si próprio, pois lhe será preciso voltar à Terra e haverá nove probabilidades sobre dez de renascer pobre.

Graças a essa revelação, a fraternidade e a solidariedade impõem-se; os privilégios, os favores, os títulos perdem sua razão de ser. A nobreza dos atos e dos pensamentos substitui a dos pergaminhos. Assim concebida, a questão social mudaria de aspecto; as concessões entre classes tornar-se-iam fáceis e veríamos cessar todo o antagonismo entre o capital e o trabalho. Conhecida a verdade, compreender-se-ia que os interesses de uns são os interesses de todos e que ninguém deve estar sob a pressão de outros. Daí a justiça distributiva, sob cuja ação não mais haveria ódios nem rivalidades selvagens, porém, sim, uma confiança mútua, a estima e a afeição recíprocas; em uma palavra, a realização da lei de fraternidade, que se tornará a única regra entre os homens.¹¹

Como se vê, muitos [...] fatores importantes entram na composição ou delineamento do problema [social] [...] e, deles, os que pela generalidade sobrelevam aos demais são o capital e o trabalho. Mas, se não considerarmos outro fator, de si importantíssimo, será impossível a solução.⁹ É de [...] ética o problema social, sem a qual não pode ser solucionado. Juntemos, pois, esse outro fator importantíssimo aos primeiros e teremos a chave da solução. O amor: eis aí o importantíssimo fator, que, com o capital e o trabalho, forma a trindade da questão.⁹

Pelo exposto, pode dizer-se que desigualdades sociais são [...] o mais elevado testemunho da verdade da reencarnação, mediante a qual cada espírito tem sua posição definida de regeneração e resgate.¹⁵ Dessa forma, aqueles que, por exemplo, [...] numa existência, ocuparam as mais elevadas posições, descem, em existência seguinte, às mais ínfimas condições, desde que os tenham dominado o orgulho e a ambição.¹

Consideradas sob esse ponto de vista [...] a pobreza, a miséria, a guerra, a ignorância, como outras calamidades coletivas, são enfermidades do organismo social, devido à situação de prova da quase generalidade dos seus membros. Cessada a causa patogênica com a iluminação espiritual de todos em Jesus-Cristo, a moléstia coletiva estará eliminada dos ambientes humanos.¹⁵

Por outro lado, as desigualdades sociais não estão na lei da natureza, são obra do homem e não de Deus.² Assim, desaparecerão um dia, quando [...] o egoísmo e o orgulho deixarem de predominar. Restará apenas a desigualdade de merecimento. Dia virá em que os membros da grande família dos filhos de Deus deixarão de considerar-se como de sangue mais ou menos puro. Só o Espírito é mais ou menos puro e isso não depende da posição social.³

2. Igualdade de direitos do homem e da mulher

A questão social não abrange somente as relações das classes entre si, abrange também a mulher [...] à qual seria equitativo restituir-se os direitos naturais, uma situação digna, para que a família se torne mais forte, mais moralizada e mais unida.¹²

Com efeito, o homem e a mulher são iguais perante Deus, tendo, pois os mesmos direitos, uma vez que a ambos Deus outorgou a inteligência do bem e do mal, assim como a faculdade de progredir.⁴ A inferioridade da mulher em alguns países é devido ao [...] *predomínio injusto e cruel que sobre ela assumiu o homem. É resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Entre homens moralmente pouco adiantados, a força faz o direito.*⁵ Note-se, entretanto, que a constituição física mais fraca da mulher, em relação ao homem, tem a finalidade de [...] *lhe determinar funções especiais. Ao homem, por ser mais forte, os trabalhos rudes; à mulher, os trabalhos leves; a ambos, o dever de se ajudarem mutuamente a suportar as provas de uma vida cheia de amargor.*⁶ Assim, Deus apropriou a organização de cada ser às funções que lhe cumpre desempenhar. Tendo dado à mulher menor força física, deu-lhe ao mesmo tempo maior sensibilidade, em relação com a delicadeza das funções maternas e com a fraqueza dos seres confiados aos seus cuidados.⁷

Em decorrência desses ensinamentos, Kardec pergunta aos Espíritos Superiores se uma legislação, para ser justa, deve prever a igualdade dos direitos do homem e da mulher. Respondem eles: *Dos direitos, sim; das funções, não. Preciso é que cada um esteja no lugar que lhe compete. Ocupe-se do exterior o homem e do interior a mulher, cada um de acordo com a sua aptidão. A lei humana, para ser equitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher. Todo privilégio a um*

*ou a outro concedido é contrário à justiça. A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização. Sua escravização marcha de par com a barbaria. [...] Visto que os Espíritos podem encarnar num e noutro, sob esse aspecto nenhuma diferença há entre eles. Devem, por conseguinte, gozar dos mesmos direitos.*⁸

De fato, a [...] *mulher é um espírito reencarnado, com uma considerável soma de experiências em seu arquivo perispiritual. Quantas dessas experiências já vividas terão sido em corpos masculinos? Impossível precisar, mas, seguramente, muitas, se levarmos em conta os milênios que a Humanidade já conta de experiência na Terra. Para definir a mulher moderna, precisamos acrescentar às considerações anteriores o difícil caminho da emancipação feminina. A mulher de hoje não vive um contexto cultural em que os papéis de ambos os sexos estejam definidos por contornos precisos. A sociedade atual não espera da mulher que ela apenas abrigue e alimente os novos indivíduos, exige que ela seja também capaz de dar sua quota de produção à coletividade.*¹³

Em síntese, pode-se dizer que o [...] *homem e a mulher, no instituto conjugal, são como o cérebro e o coração do organismo doméstico. Ambos são portadores de uma responsabilidade igual no sagrado colégio da família [...].*¹⁶ *Uma e outro [a mulher e o homem] são iguais perante Deus [...] e as tarefas de ambos se equilibram no caminho da vida, completando-se perfeitamente, para que haja, em todas as ocasiões, o mais santo respeito mútuo.*¹⁴

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 123. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 7, item 6, p. 136.
2. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 806, p. 376.
3. _____. Questão 806-a, p. 376-377.
4. _____. Questão 817, p. 380.
5. _____. Questão 818, p. 380.
6. _____. Questão 819, p. 380.
7. _____. Questão 820, p. 380-381.
8. _____. Questão 822-a, p. 381.
9. AGUAROD, Angel. *Grandes e pequenos problemas*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 8 (O problema social), item III, p. 179.
10. DENIS, Léon. *Depois da Morte*. Tradução de João Lourenço de Souza. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Cap. 55 (Questões sociais), p. 312-313.
11. _____. p. 314-315.
12. _____. p. 316.
13. SOUZA, Dalva Silva. *Os caminhos do amor*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997. Item: Quem é a mulher? p. 25.
14. XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 32. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 22, p. 148-149.
15. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 55, p. 45.
16. _____. Questão 67, p. 53.

ROTEIRO 3

Desigualdade das riquezas: as provas da riqueza e da pobreza

- Objetivos específicos**
- Explicar a razão da desigualdade das riquezas.
 - Justificar a necessidade das provas da riqueza e da pobreza.

- Conteúdo básico**
- *A desigualdade das riquezas não se originará da das faculdades, em virtude da qual uns dispõem de mais meios de adquirir bens do que outros? Sim e não. Da velhacaria e do roubo, que dizes?* Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 808.
 - *Mas, a riqueza herdada, essa não é fruto de paixões más. Que sabes a respeito? Busca a fonte de tal riqueza e verás que nem sempre é pura. Sabes, porventura, se não se originou de uma espoliação ou de uma injustiça? [...] Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 808-a.*
 - *Os bens da Terra pertencem a Deus, que os distribui a seu grado, não sendo o homem senão o usufrutuário, o administrador mais ou menos íntegro e inteligente desses bens.* Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 16, item 10.
 - *Por que Deus a uns concedeu as riquezas e o poder, e a outros, a miséria?*
Para experimentá-los de modos diferentes. Além disso, como sabeis, essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos, que nelas, entretanto, sucumbem com frequência. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 814.
 - *A miséria provoca as queixas contra a Providência, a riqueza incita a todos os excessos.* Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 815.
 - *A alta posição do homem neste mundo e o ter autoridade sobre os seus semelhantes são provas tão grandes e tão escorregadias como a desgraça, porque, quanto mais rico e poderoso é ele, tanto mais obrigações tem que cumprir e tanto mais abundantes são os meios de que dispõe para fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo emprego que dá aos seus bens e ao seu poder. A riqueza e o poder fazem nascer todas as paixões que nos prendem à matéria e nos afastam da perfeição espiritual.* Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 816 – comentário.

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar os objetivos da aula.
- Em seguida, lançar no quadro-de-giz / *flip-chart* a seguinte pergunta: *Riqueza ou pobreza – qual a prova mais difícil?*
- Ouvir as respostas, comentando-as.

Desenvolvimento

- Dividir a turma em pequenos grupos.
- Entregar a cada grupo uma ficha com um texto retirado dos subsídios.
- Pedir aos participantes que façam o seguinte:
 - a) leitura das fichas;
 - b) análise e discussão das idéias aí expressas;
 - c) preparação de mini-aula em que conste defesa ou refutação dessas idéias;
 - d) apresentação da mini-aula, não ultrapassando o tempo de cinco minutos.
- Observações:
- Cada ficha deve conter numa face o texto selecionado e, no verso, a fonte bibliográfica (os livros destas referências podem ser colocados a disposição dos grupos para consultas).
- Os textos escolhidos deverão abranger, em seu conjunto, todo o conteúdo dos subsídios.
- Cada grupo pode utilizar esquemas, diagramas ou outros recursos didáticos disponíveis na apresentação da mini-aula.
- Ouvir as apresentações dos grupos, comentando-as.

Conclusão

- Encerrar a aula, destacando os aspectos mais relevantes do estudo.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os participantes interpretarem corretamente as idéias contidas nas fichas.

Técnica(s): explosão de idéias; estudo em grupo.

Recurso(s): fichas com textos; subsídios e bibliografia do roteiro; quadro-de-giz / *flip-chart*; outros recursos didáticos disponíveis.

Subsídios 1. Desigualdades das riquezas

Para trabalhos que são obra dos séculos, teve o homem de extrair os materiais até das entranhas da terra; procurou na Ciência os meios de os executar com maior segurança e rapidez. Mas, para os levar a efeito, precisa de recursos: a necessidade fê-lo criar a riqueza, como o fez descobrir a Ciência.³ A riqueza, contudo, nunca esteve repartida igualmente entre os homens, fato que sempre preocupou os pensadores de todos os tempos.

Nesse aspecto, porém, é importante, observar que inutilmente se buscará resolver o problema da desigualdade das riquezas [...] *desde que se considere apenas a vida atual. A primeira questão que se apresenta é esta: Por que não são igualmente ricos todos os homens? Não o são por uma razão muito simples: por não serem igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e previdentes para conservar. É, aliás, ponto matematicamente demonstrado que a riqueza, repartida com igualdade, a cada um daria uma parcela mínima e insuficiente; que, supondo efetuada essa repartição, o equilíbrio em pouco tempo estaria desfeito, pela diversidade dos caracteres e das aptidões; que, supondo-a possível e durável, tendo cada um somente com que viver, o resultado seria o aniquilamento de todos os grandes trabalhos que concorrem para o progresso e para o bem-estar da Humanidade; que, admitido desse ela a cada um o necessário, já não haveria o aguilhão que impele os homens às grandes descobertas e aos empreendimentos úteis.⁴*

Nada obstante, deve-se considerar, na análise dessa questão, o fato de que nem sempre a causa da desigualdade das riquezas está na diversidade das faculdades, em virtude da qual uns dispõem de mais condições de adquirir bens do que outros. Muitas vezes, a desigualdade na repartição das riquezas se origina, como dizem os Espíritos Superiores, da velhacaria e do roubo.⁹ Mesmo a riqueza herdada não está isenta dessa origem, uma vez que pode

ter sido fruto da espoliação ou da injustiça.¹⁰ Entretanto, acima de tudo se vê a ação de Deus, que distribui entre os homens, a seu grado, os bens da Terra, que lhe pertencem, [...] *não sendo o homem senão o usufrutuário, o administrador mais ou menos íntegro e inteligente desses bens. Tanto eles não constituem propriedade individual do homem, que Deus freqüentemente anula todas as previsões e a riqueza foge àquele que se julga com os melhores títulos para possuí-la. Direis, porventura, que isso se compreende no tocante aos bens hereditários, porém, não relativamente aos que são adquiridos pelo trabalho. Sem dúvida alguma, se há riquezas legítimas, são estas últimas, quando honestamente conseguidas, porquanto uma propriedade só é legitimamente adquirida quando, da sua aquisição, não resulta dano para ninguém. [...] Mas, do fato de um homem dever a si próprio a riqueza que possua, seguir-se-á que, ao morrer, alguma vantagem lhe advenha desse fato? Não são amiúde inúteis as precauções que ele toma para transmiti-la a seus descendentes? Decerto, porquanto, se Deus não quiser que ela lhes vá ter às mãos, nada prevalecerá contra a sua vontade.*⁶

A riqueza é poderoso instrumento de progresso. Desse modo, [...] *não quer Deus que ela permaneça longo tempo improdutiva, pelo que incessantemente a desloca. Cada um tem de possuí-la, para se exercitar em utilizá-la e demonstrar que uso sabe fazer dela. Sendo, no entanto, materialmente impossível que todos a possuam ao mesmo tempo, e acontecendo, além disso, que, se todos a possuíssem, ninguém trabalharia, com o que o melhoramento do planeta ficaria comprometido, cada um a possui por sua vez. Assim, um que não na tem hoje, já a teve ou terá noutra existência; outro, que agora a tem, talvez não na tenha amanhã. Há ricos e pobres, porque sendo Deus justo, como é, a cada um prescreve trabalhar a seu turno.*⁵

2. As provas da riqueza e da miséria

Ensina o Espiritismo que Deus concedeu as riquezas e o poder a uns e a miséria a outros para [...] *experimentá-los de modos diferentes. Além disso, como sabeis, essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos, que nelas, entretanto, sucumbem com freqüência.*¹¹

Pode parecer estranho que os Espíritos escolham provas dolorosas, como a da miséria. Com efeito, sob [...] *a influência das idéias carnavais, o homem, na Terra, só vê das provas o lado penoso. Tal a razão de lhe parecer natural sejam escolhidas as que, do seu ponto de vista, podem coexistir com os gozos materiais. Na vida espiritual, porém, compara esses gozos fugazes e grosseiros com a inalterável felicidade que lhe é dado entrever e desde logo nenhuma impressão mais lhe causam os passageiros sofrimentos terrenos. Assim, pois, o Espírito pode escolher prova muito rude*

*e, conseqüentemente, uma angustiada existência, na esperança de alcançar depressa um estado melhor, como o doente escolhe muitas vezes o remédio mais desagradável para se curar de pronto.*⁸

Contudo, tanto a prova da miséria como a da riqueza são difíceis de serem suportadas, porque, enquanto a [...] *miséria provoca as queixas contra a Providência, a riqueza incita a todos os excessos.*¹² O rico entretanto possui, de um modo geral, mais instrumentos para fazer o bem do que o pobre. Todavia, nem sempre o faz. [...] *Torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. Com a riqueza, suas necessidades aumentam e ele nunca julga possuir o bastante para si unicamente.*¹³

Em verdade, a [...] *alta posição do homem neste mundo e o ter autoridade sobre os seus semelhantes são provas tão grandes e tão escorregadias como a desgraça, porque, quanto mais rico e poderoso é ele, tanto mais obrigações tem que cumprir e tanto mais abundantes são os meios de que dispõe para fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo emprego que dá aos seus bens e ao seu poder.*

*A riqueza e o poder fazem nascer todas as paixões que nos prendem à matéria e nos afastam da perfeição espiritual. Por isso foi que Jesus disse: “Em verdade vos digo que mais fácil é passar um camelo por um fundo de agulha do que entrar um rico no reino dos céus.”*¹³

*Qual, então, o melhor emprego que se pode dar à riqueza? Procurai – nestas palavras: “Amai-vos uns aos outros”, a solução do problema. Elas guardam o segredo do bom emprego das riquezas. Aquele que se acha animado do amor do próximo tem aí toda traçada a sua linha de proceder. Na caridade está, para as riquezas, o emprego que mais apraz a Deus. [...] Rico!... dá do que te sobra; faz mais: dá um pouco do que te é necessário, porquanto o de que necessitas ainda é supérfluo. Mas, dá com sabedoria. Não repilas o que se queixa, com receio de que te engane; vai às origens do mal. Alivia, primeiro; em seguida, informa-te, e vê se o trabalho, os conselhos, mesmo a afeição não serão mais eficazes do que a tua esmola. Difunde em torno de ti, como os socorros materiais, o amor de Deus, o amor do trabalho, o amor do próximo. [...] A riqueza da inteligência debes utilizá-la como a do ouro. Derrama em torno de ti os tesouros da instrução; derrama sobre teus irmãos os tesouros do teu amor e eles frutificarão.*⁷

Ressalte-se, no entanto, que somente a fé inabalável na vida futura – fé que o Espiritismo faculta – propiciará melhores condições de enfrentamento, tanto da prova da miséria quanto a da riqueza.¹ É que para [...] *quem se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual, que é indefinida, a vida corpórea se torna simples passagem, breve estada num país ingrato. As vicissitudes e tribulações dessa vida não*

passam de incidentes que ele suporta com paciência, por sabê-las de curta duração, devendo seguir-se-lhes um estado mais ditoso.¹ Passa a perceber, então, [...] que grandes e pequenos estão confundidos, como formigas sobre um montículo de terra; que proletários e potentados são da mesma estatura, e lamenta que essas criaturas efêmeras a tantas canseiras se entregam para conquistar um lugar que tão pouco as elevará e que por tão pouco tempo conservarão. Daí se segue que a importância dada aos bens terrenos está sempre em razão inversa da fé na vida futura.²

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 123. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 2, item 5, p. 66.
2. _____. p. 67.
3. _____. Cap. 16, item 7, p. 258.
4. _____. Item 8, p. 259.
5. _____. Item 8, p. 259-260.
6. _____. Item 10, p. 261-262.
7. _____. Item 11, p. 263.
8. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 266, p. 174.
9. _____. Questão 808, p. 377.
10. _____. Questão 808-a, p. 377.
11. _____. Questão 814, p. 379.
12. _____. Questão 815, p. 379.
13. _____. Questão 816, p. 379-380.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO XV

Lei de Reprodução

OBJETIVO GERAL

Possibilitar entendimento da lei de reprodução, ressaltando as consequências físicas e morais do seu descumprimento

ROTEIRO 1

Casamento e celibato

Objetivos específicos

- Dizer qual é a visão espírita do casamento e do celibato.
- Refletir sobre a inconveniência da abolição e da dissolução do casamento.

Conteúdo básico

- O Espiritismo esclarece que o [...] *estado de natureza é o da união livre e fortuita dos sexos. O casamento constitui um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se observa entre todos os povos, se bem que em condições diversas [...]*. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 696 – comentário.
- Segundo os Espíritos Superiores, o celibato pode traduzir-se como ação de egoísmo ou de benevolência, pois, [...] *se o celibato, em si mesmo, não é um estado meritório, outro tanto não se dá quando constitui, pela renúncia às alegrias da família, um sacrifício praticado em prol da Humanidade. Todo sacrifício pessoal, tendo em vista o bem e sem qualquer idéia egoísta, eleva o homem acima da sua condição material*. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 699 – comentário.
- Qual das duas, a poligamia ou a monogamia, é mais conforme à lei da Natureza?
A poligamia é lei humana cuja abolição marca um progresso social. O casamento, segundo as vistas de Deus, tem que se fundar na afeição dos seres que se unem. Na poligamia não há afeição real: há apenas sensualidade. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 701.
- Se a poligamia fosse conforme à lei da Natureza, deveria ter possibilidade de tornar-se universal, o que seria materialmente impossível, dada a igualdade numérica dos sexos [...]. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 701- comentário.
- A abolição do casamento seria, pois, regredir à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 696 – comentário.

- *O matrimônio na Terra é sempre uma resultante de determinadas resoluções, tomadas na vida do Infinito, antes da reencarnação dos Espíritos, seja por orientação dos mentores mais elevados [...] ou em consequência de compromissos livremente assumidos pelas almas, antes de suas novas experiências no mundo [...]. Emmanuel: O consolador, questão 179.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar um cartaz contendo a seguinte questão: *Casamento e celibato — opção ou imposição?*
- Solicitar aos participantes que, em grupos de três, discutam a questão proposta e apresentem as suas opiniões, em plenário.
- Ouvir as respostas dadas à questão, comentando-as brevemente.

Desenvolvimento:

- Pedir à turma que se divida em quatro grupos e que realize as seguintes tarefas:
 1. ler e discutir um dos itens dos subsídios da aula, indicados abaixo;
 2. redigir pequeno texto no qual constem as principais idéias do assunto lido e discutido;
 3. apresentar, em plenária, os resultados do trabalho por um relator indicado pelo grupo.

Grupo I:

- Leitura e discussão de: *Visão espírita do casamento* (item 1 dos subsídios).

Grupo II:

- Leitura e discussão de: *Visão espírita do celibato* (item 1 dos subsídios).

Grupo III:

- Leitura e discussão de: *Monogamia entendida como uma lei da natureza* (item 2 dos subsídios).

Grupo IV:

- Leitura e discussão de: *Inconveniência da abolição e da dissolução do casamento* (item 3 dos subsídios).
- Concluídos os relatos dos grupos, apresentar os gráficos (veja anexo) que fazem referências às taxas de casamento e divórcio, ocorridos em nosso país nos anos de 1991 a 2000, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Conclusão

- Tendo como base as orientações constantes nos subsídios e as apresentações dos grupos, explicar de que forma pode o Espiritismo contribuir para manter as expectativas positivas, indicadas nos dados estatísticos dos gráficos.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os alunos realizarem corretamente as tarefas propostas para o trabalho em grupo.

Técnica(s): zum-zum; trabalho em pequenos grupos; exposição.

Recurso(s): cartaz; subsídios do roteiro; gráficos.

Subsídios 1. Visão espírita do casamento e do celibato

O Espiritismo esclarece que o [...] *casamento constitui um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se observa entre todos os povos, se bem que em condições diversas.*⁶ Elucida igualmente que o [...] *casamento ou a união permanente de dois seres, como é óbvio, implica o regime de vivência pelo qual duas criaturas se confiam uma à outra, no campo da assistência mútua. Essa união reflete as Leis Divinas que permitem seja dado um esposo para uma esposa, um companheiro para uma companheira, um coração para outro coração ou vice-versa, na criação e desenvolvimento de valores para a vida.*¹⁵

O casamento deve ser, pois, [...] *a união permanente de um homem e uma mulher, atraídos por interesses afetivos e vínculos sexuais profundos. Essa união não é uma invenção humana, mas, sim, o resultado da Lei Divina que nos criou para o regime de interdependência*⁹ Imperioso, porém, que a ligação se baseie na responsabilidade recíproca, de vez que na comunhão sexual um ser humano se entrega a outro ser humano e, por isso mesmo, não deve haver qualquer desconsideração entre si.¹⁶ Dessa forma, o [...] *casamento será sempre um instituto benemérito, acolhendo, no limiar, em flores de alegria e esperança, aqueles que a vida aguarda para o trabalho do seu próprio aperfeiçoamento e perpetuação. Com ele, o progresso ganha novos horizontes e a lei do renascimento atinge os fins para os quais se encaminha.*¹⁷ *Com a união conjugal, nasce automaticamente o compromisso de um para com o outro, pois ambos viverão na dependência um do outro. [...] O casamento não é, pois, somente um contrato de compromisso jurídico, mas, muito mais, um contrato espiritual de consciência para consciência, de coração para coração, onde surgem compromissos mútuos: materiais, afetivos, morais, espirituais e cármicos, determinando responsabilidades intransferíveis de apoio mútuo.*¹⁰ *A responsabilidade conjugal não se resume simplesmente em adquirir um título de mulher e de marido, de mãe e de pai, mas, muito mais, o desenvolvimento da compreensão precisa, do desejo sincero e do esforço constante para cumprir da melhor maneira possível os compromissos individuais, visando a um fim único, que é a sustentação da união para a felicidade mútua dos cônjuges e, conseqüentemente, a dos filhos.*¹¹ Essas são, pois, as razões de os Espíritos Superiores afirmarem incisivamente que o casamento é [...] *um progresso na marcha da Humanidade.*⁵

Sabemos, no entanto, que existem muitas pessoas que preferem não se casar, optando pela vida celibatária. A propósito, Emmanuel assim nos esclarece a respeito: *Abstinência, em matéria de sexo e celibato, na vida de relação pressupõe experiências da criatura em duas faixas essenciais — a daqueles Espíritos que escolhem semelhantes posições voluntariamente para burilamento ou serviço, no curso de determinada reencarnação, e a daqueles outros que se vêem forçados a adotá-las, por força de inibições diversas. Indubitavelmente, os que consigam abster-se da comunhão afetiva, embora possuindo em ordem todos os recursos instrumentais para se aterem ao conforto de uma existência a dois, com o fim de se fazerem mais úteis ao próximo, decerto que traçam a si mesmos escaladas mais rápidas aos cimos do aperfeiçoamento.*¹⁸ *Ao agirem [...] assim, por amor, doando o corpo a serviço dos semelhantes, e, desse modo, amparando os irmãos de Humanidade, através de variadas maneiras, convertem a existência, sem ligações sexuais, em caminho de acesso à sublimação, ambientando-se em climas diferentes de criatividade, porquanto*

a energia sexual neles não estancou o próprio fluxo; essa energia simplesmente se canaliza para outros objetivos – os de natureza espiritual.¹⁹

Existem, porém, aqueles que [...] já renasceram no corpo físico induzidos ou obrigados à abstinência sexual, atendendo a inibições irreversíveis ou a processos de inversão pelos quais sanam erros do pretérito ou se recolhem a pesadas disciplinas que lhes facilitem a desincumbência de compromissos determinados, em assuntos de espírito.¹⁹ As criaturas com vida celibatária na Terra muito dificilmente são compreendidas e normalmente sofrem críticas e acusações, por parte de familiares e amigos, de possuírem indiferença, frieza, preguiça, irresponsabilidade ou de serem afeitos à vida fácil, porque não se casaram, fugindo das obrigações sagradas do matrimônio. São acusações que não retratam a realidade espiritual destas criaturas, na maioria dos casos. Não podemos taxar as pessoas que vivem em solidão afetiva, sejam homens ou mulheres, servindo a uma ordem religiosa qualquer ou participando da vida em sociedade, como criaturas sem necessidades afetivas, assexuais e sem anseios do coração.¹²

Sendo assim, é necessário compreender que [...] se o celibato, em si mesmo, não é um estado meritório, outro tanto não se dá quando constitui, pela renúncia às alegrias da família, um sacrifício praticado em prol da Humanidade. Todo sacrifício pessoal, tendo em vista o bem e sem qualquer idéia egoísta, eleva o homem acima da sua condição material.⁷

2. A monogamia entendida como uma lei da natureza

A monogamia está de acordo com a lei da Natureza. A poligamia é lei humana, cuja abolição marca um progresso social. O casamento, segundo as vistas de Deus, tem que se fundar na afeição dos seres que se unem. Na poligamia não há afeição real: há apenas sensualidade. Se a poligamia fosse conforme à lei da Natureza, deveria ter possibilidade de tornar-se universal, o que seria materialmente impossível, dada a igualdade numérica dos sexos. Deve ser considerada como um uso ou legislação especial apropriada a certos costumes e que o aperfeiçoamento social fez que desaparecesse pouco a pouco.⁸

O ser humano pouco espiritualizado possui acentuado instinto sexual, fundamental à perpetuação da espécie no Planeta. É necessário que seja assim, pois, como sabemos, em [...] sua origem, o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido [pelos prazeres materiais], só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor

substitui a personalidade pela fusão dos seres [...].¹ Por força da lei de progresso [...] tem a criatura que vencer os instintos, em proveito dos sentimentos, isto é, [tem] que aperfeiçoar estes últimos, sufocando os germes latentes da matéria. Os instintos são a germinação e os embriões do sentimento; trazem consigo o progresso, como a glândula encerra em si o carvalho, e os seres menos adiantados são os que, emergindo pouco a pouco de suas crisálidas, se conservam escravizados aos instintos.²

A passagem da poligamia para a monogamia, nas vinculações sexuais e afetivas humanas, acontece de forma paulatina, porque [...] *à medida que se nos dilata o afastamento da animalidade quase absoluta, para a integração com a Humanidade, o amor assume dimensões mais elevadas, tanto para os que se verticalizam na virtude como para os que se horizontalizam na inteligência. Nos primeiros, cujos sentimentos se alteiam para as Esferas Superiores, o amor se ilumina e purifica, mas ainda é o instinto sexual nos mais nobres aspectos, imanizando-se às forças com que se afina em radiante ascensão para Deus. Nos segundos, cujas emoções se complicam, o amor se requinta, transubstanciando-se o instinto sexual em constante exigência de satisfação imoderada do eu.²¹ O instinto sexual, então, a desvairar-se na poligamia, traça para si mesmo largo roteiro de aprendizagem a que não escapará pela matemática do destino que nós mesmos criamos. Entretanto, quanto mais se integra a alma no plano da responsabilidade moral para com a vida, mais apreende o impositivo da disciplina própria, a fim de estabelecer, com o dom de amar que lhe é intrínseco, novos programas de trabalho que lhe facultem acesso aos planos superiores. O instinto sexual nessa fase da evolução não encontra alegria completa senão em contacto com outro ser que demonstre plena afinidade [...].²²*

Em semelhante eminência, a monogamia é o clima espontâneo do ser humano, de vez que dentro dela realiza, naturalmente, com a alma eleita de suas aspirações a união ideal do raciocínio e do sentimento, com a perfeita associação dos recursos ativos e passivos, na constituição do binário de forças, capaz de criar não apenas formas físicas, para a encarnação de outras almas na Terra, mas também as grandes obras do coração e da inteligência, suscitando a extensão da beleza e do amor, da sabedoria e da glória espiritual que vertem, constantes, da Criação Divina.²³

3. A inconveniência da abolição e da dissolução do casamento

A despeito das uniões matrimoniais representarem, na maioria, instâncias de reajustes espirituais, a [...] *abolição do casamento seria, pois, regredir à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes.⁶ Para o espírita, o [...] matrimônio na Terra é sempre resultante de determinadas resoluções, tomadas na vida do Infinito, antes da*

reencarnação dos Espíritos, seja por orientação dos mentores mais elevados, quando a entidade não possui a indispensável educação para manejar as suas próprias faculdades, ou em consequência de compromissos livremente assumidos pelas almas, antes de suas novas experiências no mundo; razão pela qual os consórcios humanos estão previstos na existência dos indivíduos, no quadro escuro das provas expiatórias, ou no acervo de valores das missões que regeneram e santificam.¹⁴ Casais que orientam a vida conjugal, no que toca à coexistência íntima, segundo os padrões do amor que ultrapassam as fronteiras do interesse corporal, que se põem acima do desejo e da posse, exercitam, no dia-a-dia de santificantes renúncias, valores eternos que engrandecem corações em trânsito para o Supremo Bem. Espiritismo e Evangelho contribuem, assim, de maneira inigualável, para que os alicerces do instituto do matrimônio se consolidem na esfera terrestre e se prolonguem nos Planos Espirituais, por ensinarem que as ligações humanas respeitáveis objetivam, em princípio, redimir almas.¹³

Infelizmente, constatamos que é elevada a taxa de dissolução de uniões matrimoniais no mundo atual. Essas dissoluções matrimoniais, contudo, deixarão de existir quando a humanidade estiver mais moralizada. Os Espíritos Superiores nos orientam que [...] *na união dos sexos, a par da lei divina material, comum a todos os seres vivos, há outra lei divina, imutável como todas as leis de Deus, exclusivamente moral: a lei de amor. Quis Deus que os seres se unissem, não só pelos laços da carne, mas também pelos da alma, a fim de que a afeição mútua dos esposos se lhes transmitisse aos filhos e que fossem dois, e não um somente, a amá-los, a cuidar deles e a fazê-los progredir. Nas condições ordinárias do casamento, a lei de amor é tida em consideração? De modo nenhum! Não se leva em conta a afeição de dois seres que, por sentimentos recíprocos, se atraem um para o outro, visto que, as mais das vezes, essa afeição é rompida. O de que se cogita não é da satisfação do coração e sim da do orgulho, da vaidade, da cupidez, numa palavra: de todos os interesses materiais. Quando tudo vai pelo melhor consoante esses interesses, diz-se que o casamento é de conveniência e, quando as bolsas estão bem aquinhoadas, diz-se que os esposos igualmente o são e muito felizes hão de ser. Nem a lei civil, porém, nem os compromissos que ela faz se contraíam podem suprir a lei do amor, se esta não preside à união, resultando, freqüentemente, separarem-se por si mesmos os que à força se uniram [...]. Daí as uniões infelizes, que acabam tornando-se criminosas, dupla desgraça que se evitaria se, ao estabelecerem-se as condições do matrimônio, se não abstraísse da única que o sanciona aos olhos de Deus: a lei de amor.*³

Outro ponto importante que devemos considerar é que o casamento, no sentido de organização social, não deverá desaparecer da face do Planeta porque

faz parte do processo civilizatório. Existirá sempre uma fórmula normativa para regulamentar as relações humanas, uma vez que a [...] *lei civil tem por fim regular as relações sociais e os interesses das famílias, de acordo com as exigências da civilização; por isso, é útil, necessária, mas variável. Deve ser previdente, porque o homem civilizado não pode viver como selvagem; nada, entretanto, nada absolutamente se opõe a que ela seja um corolário da lei de Deus.*⁴

Em suma, temos consciência à luz do entendimento espírita, [...] *que há casamento de amor, de fraternidade, de provação, de dever [...]. O matrimônio espiritual realiza-se, alma com alma, representando os demais simples conciliações indispensáveis à solução de necessidades ou processos retificadores, embora todos sejam sagrados.*²⁰

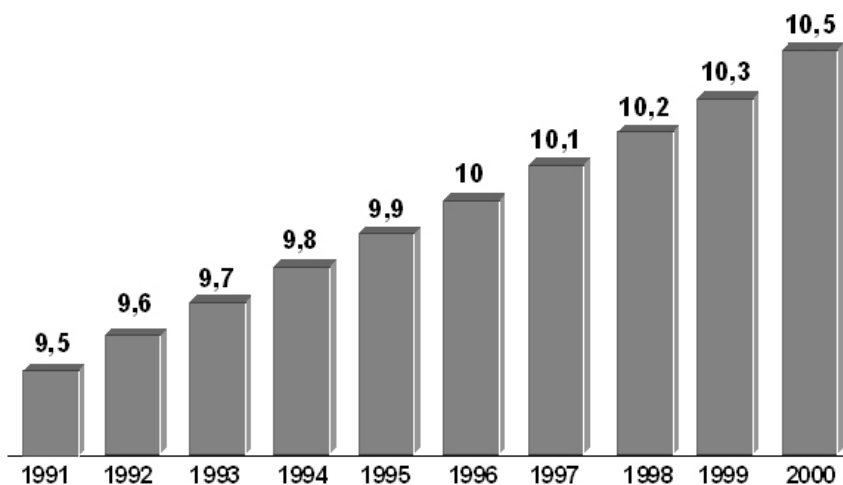
Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 123. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 11, item 8, p. 186.
2. _____. p. 187.
3. _____. Cap. 22, item 3, p. 330-331.
4. _____. Item 4, p. 331.
5. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 695, p. 335.
6. _____. Questão 696, p. 335.
7. _____. Questão 699, p. 336.
8. _____. Questão 701, p. 336.
9. BARCELOS, Walter. *Sexo e evolução*. 5. ed. (1. Ed. FEB). Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 18 (Sexo e matrimônio), p. 218.
10. _____. p. 219.
11. _____. p. 219-220.
12. _____. Cap. 21 (Abstinência sexual e aperfeiçoamento), p. 266.
13. PERALVA, Martins. *O pensamento de Emmanuel*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Cap. 27 (Casamento e sexo), p. 174.
14. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 179, p. 109.

15. _____. *Vida e sexo*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 7 (Casamento), p. 33.
16. _____. p. 33-34.
17. _____. Cap. 8 (Divórcio), p. 37.
18. _____. Cap. 23 (Abstinência e celibato), p. 97-98.
19. _____. p. 98.
20. _____. *Nosso lar*. Pelo Espírito André Luiz. 53. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 38, p. 212.
21. XAVIER, Francisco Cândido & VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 18, item: Evolução do amor, p. 138.
22. _____. p. 139.
23. _____. Item: Poligamia e monogamia, p. 139-140.

Anexo Média de duração das uniões matrimoniais no Brasil

Além de estar casando mais tarde, o brasileiro está vivendo mais tempo junto. Em 1991, um casamento durava, em média, 9,5 anos. Em 2000, este índice passou para 10,5 anos. Para os técnicos do IBGE, o fenômeno reflete uma tendência para o século XXI: quanto mais velhos os noivos, mais estável tem chance de ser o casamento.



Fonte: IBGE

Taxa geral de divórcios

Entre os anos de 1991 e 2000, a taxa de divórcios manteve-se estável no país, apresentando um crescimento quase imperceptível. O maior número de divórcios ocorre no Centro-Oeste, numa proporção de 1,8 caso para cada mil.

	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-oeste
1991	1,0	0,5	0,7	1,2	1,0	1,3
1992	1,0	0,4	0,6	1,3	1,2	1,4
1993	1,1	0,5	0,7	1,3	1,2	1,6
1994	1,1	0,5	0,7	1,3	1,2	1,5
1995	1,1	0,6	0,8	1,3	1,1	1,5
1996	1,0	0,5	0,7	1,2	1,0	1,7
1997	1,1	0,6	0,7	1,3	1,2	1,7
1998	1,0	0,7	0,7	1,3	1,1	1,5
1999	1,2	0,7	0,8	1,5	1,2	1,9
2000	1,2	0,7	0,9	1,4	1,1	1,9

Fonte: IBGE

ROTEIRO 2

Obstáculos à reprodução

Objetivos específicos

- Esclarecer em que condições os obstáculos à reprodução são compatíveis com a lei natural.
- Analisar, à luz do Espiritismo, a utilização de anticonceptivos no planejamento familiar.

Conteúdo básico

- Dizem os Espíritos que tudo (...) *o que embaraça a Natureza em sua marcha é contrário à lei geral*. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 693.
- *Deus concedeu ao homem, sobre todos os seres vivos, um poder de que ele deve usar, sem abusar. Pode, pois, regular a reprodução, de acordo com as necessidades. Não deve opor-se-lhe sem necessidade. A ação inteligente do homem é um contrapeso que Deus dispôs para restabelecer o equilíbrio entre as forças da Natureza e é ainda isso o que o distingue dos animais, porque ele obra com o conhecimento de causa. Mas, os mesmos animais também concorrem para a existência desse equilíbrio, porquanto o instinto de destruição que lhes foi dado faz com que, provendo à própria conservação, obstem ao desenvolvimento excessivo, quiçá perigoso, das espécies animais e vegetais de que se alimentam*. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 693-a.

Sugestões didáticas

Introdução

- Iniciar a aula fazendo uma ligeira revisão sobre o tema *Planejamento reencarnatório* (veja roteiro 3 do Módulo VI).

Desenvolvimento

- Em seguida, pedir à turma que se divida em pequenos grupos para, com base nos subsídios do Roteiro, resolver as seguintes questões:

1. Em *O Livro dos Espíritos* (questão 693-a), dizem os Espíritos Superiores que tudo (...) *o que embarça a Natureza em sua marcha é contrário à lei geral*. Estas palavras podem ser entendidas como uma censura às medidas adotadas pelo homem para regular a reprodução? Justificar a resposta.
 2. Como conciliar o controle da natalidade com o planejamento reencarnatório?
 3. Analisar, à luz do Espiritismo, o uso de anticoncepcionais no planejamento familiar.
- Após o trabalho em grupo, discutir com os participantes cada uma das questões propostas, fazendo a integração do assunto.

Conclusão:

- Encerrar a aula destacando a nossa responsabilidade no uso do livre-arbítrio, uma vez que nada nos afastará das provas necessárias ao progresso espiritual.

Atividade extraclasse para a próxima reunião de estudo:

- Solicitar aos participantes que, após a leitura dos subsídios do roteiro 3, façam uma pesquisa nos artigos 125 e 128-I e II do Código Penal Brasileiro, elaborando um resumo escrito sobre o assunto.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os alunos resolverem corretamente as questões propostas, participando, com interesse, da discussão.

Técnica(s): trabalho em pequenos grupos; discussão; exposição.

Recurso(s): subsídios do roteiro 3 do Módulo VI; *O Livro dos Espíritos*; questões para o trabalho em grupo; lápis / caneta; papel.

Subsídios Vimos no Módulo VI, roteiro 3, que não há improvisação nos procedimentos que antecedem as experiências reencarnatórias. Existe, na verdade, uma planificação fundamentada na lógica e na moralidade, tendo em vista o progresso espiritual da criatura humana. Dessa forma, estarão previstos no planejamento reencarnatório não somente o tipo e o número de Espíritos reencarnantes, mas também as características de cada renascimento. Trata-se, obviamente, de uma planificação flexível, adaptável à realidade da vida no plano físico e de acordo com as provações programadas para o Espírito, uma vez que os Orientadores Espirituais compreendem que uma série de interferências pode ocorrer, independentemente da vontade do reencarnante. Entretanto, sabemos que um compromisso dessa envergadura é concretizado cedo ou tarde. Se um Espírito, por exemplo, não pode renascer como filho de um casal, por força das circunstâncias, retornará como neto, sobrinho, filho adotivo ou sob outra forma que a Providência Divina determinar. O importante é que os planos definidos no planejamento reencarnatório sejam atendidos.

A rigor, não deveria haver um controle da natalidade, consoante o entendimento espírita que temos sobre o planejamento reencarnatório. Entretanto, Joanna de Ângelis nos elucida: *Alegações ponderosas que merecem consideração vêm sendo arroladas para justificar-se a planificação familiar através do uso dos anticonceptivos de variados tipos. São argumentos de caráter sociológico, ecológico, econômico, demográfico, considerando-se com maior vigor os fatores decorrentes das possibilidades de alimentação numa Terra tida como semi-exaurida de recursos para nutrir aqueles que se multiplicam geometricamente com espantosa celeridade... [...] Sem dúvida, estamos diante de um problema de alta magnitude, que deve ser, todavia, estudado à luz do Evangelho e não por meio dos complexos cálculos frios da precipitação materialista. O homem pode e deve programar a família que deseja e lhe convém ter: número de filhos, período propício para a maternidade; nunca, porém, se eximirá aos imperiosos resgates a que faz jus, tendo em vista o seu próprio passado.*⁵

Em *O Livro dos Espíritos*, questão 693, há a seguinte indagação de Allan Kardec: *São contrários à lei da Natureza as leis e os costumes humanos que têm por fim ou por efeito criar obstáculos à*

*reprodução?*¹ Os Espíritos Superiores, respondendo à pergunta do Codificador, afirmam: *Tudo o que embaraça a Natureza em sua marcha é contrário à lei geral.*¹ Essa afirmativa merece maior reflexão, a fim de que possamos apreender o seu verdadeiro significado. Por meio de um simples exercício mental, poderíamos reescrever dessa forma o texto: “São contrários à lei da Natureza as leis e os costumes humanos que, efetivamente, têm por fim ou por efeito criar obstáculos à reprodução porque, sendo contrários à lei geral, embaraçam a Natureza em sua marcha”. Em outras palavras, podemos também dizer que, desde que os obstáculos à reprodução não firam a moral nem a ética, podem ser utilizados como, por exemplo, nos casos de gestação que põem em risco a vida da gestante. Sabemos, entretanto, que estas são situações específicas, solicitando uma análise mais apurada, envolvendo a opinião dos cônjuges e dos profissionais da Medicina e da Psicologia. Dessa forma, retornando ao questionamento inicial, desenvolvido por Kardec, constata-se a lucidez e a objetividade dos Espíritos Orientadores, os quais, ao mesmo tempo em que nos esclarecem a respeito de um assunto tão complexo, não deixam de considerar as implicações das leis de causa e efeito, de liberdade e de progresso, importantes na elaboração do planejamento reencarnatório.

Assim é que, atentos às dificuldades e obstáculos que a criatura humana enfrenta no dia-a-dia da existência planetária, os Espíritos Orientadores nos ensinam, de forma ponderada, que *Deus concedeu ao homem, sobre todos os seres vivos, um poder de que ele deve usar, sem abusar. Pode, pois, regular a reprodução, de acordo com as necessidades. Não deve opor-se-lhe sem necessidade. A ação inteligente do homem é um contrapeso que Deus dispôs para restabelecer o equilíbrio entre as forças da Natureza e é ainda isso o que o distingue dos animais, porque ele obra com conhecimento de causa.*² Sendo assim, no [...] *que tange ao controle da natalidade humana, objeto, hoje, de complexas pesquisas nos campos da Biologia, da Genética, da Farmacologia, da Sociologia etc, e de acalorados debates entre teólogos e moralistas de várias tendências, a Doutrina Espírita nos autoriza a afirmar que, em havendo razões realmente justas para isso, pode o homem limitar sua prole, evitando a concepção.*⁴

Dessa forma, o controle da natalidade passa a ser legítimo quando há justificativas de ordem superior que impeçam ou dificultem o renascimento de Espíritos. No entanto, criar obstáculos à reprodução em atendimento aos anseios da sensualidade e da luxúria [...] *prova a predominância do corpo sobre a alma e quanto o homem é material.*⁴ Analisando, especificamente, os efeitos da pílula anticoncepcional no controle da natalidade, Jorge Andréa nos esclarece: *No caso da utilização das pílulas anticonceptivas (anuvolatório oral), no seio das*

quais se encontram combinados estrógenos e progestágeno, haverá inibição dos hormônios gonadotróficos (FSH* e LH**) secretados pela hipófise. Conseqüentemente, não existirá, também, estimulação para a maturação dos folículos ovarianos com a respectiva ovulação [...]. Pelo exposto, podemos avaliar o processo agressivo nas estruturas gonádicas, no organismo feminino, que as pílulas anticoncepcionais podem determinar. [...] Se as pílulas atuassem, exclusivamente, nas regiões materiais, estaríamos, de modo irrestrito, ligados aos conceitos defendidos pela ciência, quanto ao seu uso; entretanto, a existência dos campos perispirituais, praticamente a zona de acoplamento com a matéria, possibilita novos pensamentos indispensáveis à própria biologia que, por enquanto, não possui condições de mais precisa abordagem.⁶

A utilização de anovulatórios tem indicação da regularização do ciclo menstrual, podendo ser estendida a um equacionamento de planejamento familiar, dentro de certas medidas, nas quais possamos avaliar não só as influências nas estruturas funcionais do corpo físico, como também, e principalmente, na posição ética e moral pelos seus efeitos nos campos espirituais. Conhecer essas posições, na avaliação de utilização adequada de anticoncepcionais, é permitir-se um conhecimento mais profundo das leis morais e da própria vida que uma universalidade de posição pode propiciar. Por tudo isso, o controle da natalidade só poderá ter sentido quando avaliado de muitos ângulos, onde as diversas estruturas individuais, físicas e psíquicas, possam ser devidamente apreciadas e bem equacionadas. Mas, o que se está presenciando é a degradação de costumes ampliando e destruindo a organização genética, com imensos reflexos nos futuros desajustes familiares, onde os mecanismos da reencarnação respondem com severas reações.⁷

A título de ilustração, inserimos, em seguida, pequeno trecho de um diálogo ocorrido entre o Assistente Silas e o Espírito Hilário, relatado por André Luiz no livro *Ação e Reação*:

— Já que nos detemos, em matéria de sexologia, na lei de causa e efeito, como interpretar a atitude dos casais que evitam os filhos, dos casais dignos e respeitáveis, sob todos os pontos de vista, que sistematizam o uso dos anticoncepcionais?

Silas sorriu de modo estranho e falou:

— Se não descambam para a delinquência do aborto, na maioria das vezes são trabalhadores desprevenidos que preferem poupar o suor, na fome de conforto

* FSH / HFE: Abreviatura de hormônio-folículo-estimulante (*follicle-stimulating-hormone*) ovariano.

** LH / HL: Abreviatura de hormônio luteinizante (*lutein hormone*) ovariano.

*imediatista. Infelizmente para eles, porém, apenas adiam realizações sublimes, às quais deverão fatalmente voltar, porque há tarefas e lutas em família que representam o preço inevitável de nossa regeneração. Desfrutam a existência, procurando inutilmente enganar a si mesmos, no entanto, o tempo espera-os, inexorável, dando-lhes a conhecer que a redenção nos pede esforço máximo. Recusando acolhimento a novos filhinhos, quase sempre programados para eles antes da reencarnação, emaranham-se nas futilidades e preconceitos das experiências de subnível, para acordarem, depois do túbulo, sentindo frio o coração...*⁸

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 693, p. 334.
2. _____. Questão 693-a, p. 334.
3. _____. Questão 694, p. 334.
4. CALLIGARIS, Rodolfo. *As leis morais*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Item: A lei de reprodução, p. 71.
5. FRANCO, Divaldo Pereira. *S.O.S família*. Por diversos Espíritos. 3. ed. Salvador [BA]: LEAL, 1994. Item: Anticonceptivos e planejamento familiar (mensagem do Espírito Joanna de Ângelis), p. 41.
6. SANTOS, Jorge Andréa. *Forças sexuais da alma*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. III, item: Pílula anticoncepcional. Controle de natalidade, p. 94.
7. _____. p. 94-95.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Ação e reação*. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 15 (Anotações oportunas), p. 267.

ROTEIRO 3

O aborto

- Objetivo específico**
- Analisar o aborto sob a ótica espírita.
 - Relacionar as conseqüências físicas e espirituais do aborto.

- Conteúdo básico**
- *Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 358.
 - *E o aborto provocado? [...] É de se presumir seja ele falta grave... Falta grave? Será melhor dizer doloroso crime. Arrancar uma criança ao materno seio é infanticídio [...].* André Luiz: *Ação e reação*, cap. 15.
 - *Dado o caso que o nascimento da criança pusesse em perigo a vida da mãe dela, haverá crime em sacrificar-se a primeira para salvar a segunda? Preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 359.
 - *A mulher que o promove [o aborto] ou que venha a coonestar semelhante delito é constrangida, por leis irrevogáveis, a sofrer alterações deprimentes no centro genésico de sua alma, predispondo-se geralmente a dolorosas enfermidades, [...] flagelos esses com os quais, muita vez, desencarna, demandando o Além para responder, perante a Justiça Divina, pelo crime praticado.* André Luiz: *Ação e reação*, cap. 15.
 - *O aborto delituoso representa [...] um dos grandes fornecedores das moléstias de etiologia obscura e das obsessões catalogáveis na patologia da mente, ocupando vastos departamentos de hospitais e prisões.* Emmanuel: *Vida e sexo*, cap. 17.

Sugestões didáticas

Introdução

- Solicitar aos participantes que releiam, silenciosa e individualmente, os subsídios do Roteiro e, em seguida, apresentem os resultados da pesquisa feita no Código Penal Brasileiro, solicitada na atividade extraclasse da reunião anterior (veja o anexo do roteiro 2).
- Ouvir as apresentações, evitando comentá-las neste momento.

Desenvolvimento

- Em seguida, fazer breve exposição sobre o tema *aborto*, tendo como base as idéias desenvolvidas nos subsídios e os resultados da pesquisa apresentados pela turma.
- Propor, então, uma discussão mais aprofundada do assunto, solicitando aos participantes que formem um grande círculo.
- Informar-lhes que a discussão será desenvolvida de forma objetiva, a partir da leitura de 12 pequenos textos (veja anexo), entregues a alguns participantes, escolhidos ao acaso.
- Iniciar a discussão, pedindo ao participante que tem o trecho de número um para fazer a leitura. Terminada esta leitura, ouvir as opiniões dos demais. A discussão deve prosseguir até que todos os textos tenham sido lidos e discutidos pelo grupo.
- Observação: o monitor deve continuamente utilizar um tom moderado, acalmar ânimos, incentivando a emissão de idéias positivas, contendo com firmeza e delicadeza os mais falantes e, sempre que necessário, tecer apreciações em torno de idéias relevantes ao entendimento do assunto.

Conclusão

- Alinhar, ao final do estudo, os pontos principais da discussão, entregando aos participantes uma síntese dos esclarecimentos espíritas sobre o aborto.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os alunos realizarem, de forma correta, a atividade extraclasse e a discussão circular, participando ativamente da mesma.

Recurso(s): subsídios do roteiro; questões para a discussão circular; resumo doutrinário sobre aborto.

Técnica(s): exposição; discussão circular.

Subsídios 1. O aborto sob a ótica espírita

O termo aborto que, cientificamente, indica o produto do abortamento, foi popularmente usado como sinônimo deste, confundindo-se, assim, a ação com o resultado dela, o ato de abortar com seu cadáver, o aborto. [...] Assim, aborto ou abortamento seria a expulsão do conceito, antes da sua viabilidade, esteja ele representado pelo ovo, pelo embrião ou pelo feto; a expulsão do feto viável, antes de alcançado o termo, denomina-se parto prematuro. É, pois, a interrupção da gravidez antes da prematuridade – abortamento; durante – parto prematuro; completada – parto a termo; ultrapassada – parto serotino. Pode ser o aborto, sob o ponto de vista médico, espontâneo ou provocado, e a diferença está na intenção, pois que este último é devido à interferência intencional da gestante, do médico ou de qualquer outra pessoa, visando ao extermínio do conceito.⁵

Neste roteiro procuramos focalizar o aborto delituoso que é o que resulta em sofrimentos para todos os Espíritos que direta ou indiretamente adotam tal prática.

A Doutrina Espírita procura esclarecer que o aborto é crime, que pode ter atenuantes ou agravantes, como todo desrespeito à lei. Antes de ser transgressão à lei humana, o abortamento provocado constitui crime perante a Lei Divina ou Natural, ficando os infratores sujeitos à infalível lei de ação e reação. [...] Interromper a gestação de um filho é decisão de grande responsabilidade. Entretanto, há quem o faça sem quaisquer considerações de natureza médica, legal, moral ou espiritual, porque considera a gestação um fato meramente biológico e que somente as pessoas nela diretamente envolvidas têm o direito de decidir pelo seu desenvolvimento natural ou pela interrupção, sem culpa legal ou moral. Outros há que, envolvidos numa situação de gravidez inesperada, imprevista, indesejada, inconveniente ou mesmo delituosa, gostariam de “resolver a situação” dentro de um contexto familiar, social, médico e legal não sujeito à censura, risco ou sanção.⁸

O aborto delituoso, resultante de uma ação não justificada pela moral e pela lei de amor, é considerado um equívoco gravíssimo, pelas seguintes razões, entre outras:

- *A [...] vítima não tem voz para suplicar piedade e nem braços robustos com que se confie aos movimentos da reação.*¹⁹
- *É [...] um verdadeiro infanticídio que se abriga nas malhas do materialismo e dos interesses inconfessáveis.*⁹
- *Todo [...] filho é um empréstimo sagrado que, como tal, precisa ser valorizado, trabalhado através do amor e da devoção dos pais, para posteriormente ser devolvido ao Pai Celestial em condição mais elevada. Assim, mesmo que a gravidez possa prenunciar à mulher, ou ao casal, dificuldades, aflições, é preciso levar em conta que não devemos somar à nossa caminhada [...] novas culpas ou débitos [...].*¹⁰
- *A [...] mulher não é dona da vida que foi gerada em seu ventre [...]. Buscando exterminar a vida que se forma dentro do seu ventre, a mulher estará não só negando o direito à vida de um outro ser, impedindo-o de mais uma oportunidade de evolução, como também contribuindo para lesar o próprio corpo, e sobre o qual tem plena responsabilidade.*¹¹
- *Ao desalojar o feto [conceito], o aborto, provoca, de forma violenta, sua desencarnação.*¹² Tal situação causa muito sofrimento ao Espírito.
- *O [...] aborto é violação do direito básico da vida.*¹²
- *Não [...] volvemos à Terra para satisfazer ao gozo irresponsável dos nossos sentidos na busca de prazeres efêmeros. A irresponsabilidade atual leva-nos a ver que muitos casais buscam praticar apenas o sexo, mas sem a menor intenção de ter filhos.*¹²
- *Qualquer [...] raciocínio cristão jamais poderá compactuar com um homicídio deliberado. Não devemos considerar a esdrúxula proposta, que nos é colocada freqüentemente, de consulta à sociedade, para saber se estamos ou não de acordo com a legalização do aborto. Isso é partir da falsa premissa de que matar é coisa natural! Qualquer cristão jamais poderia aceitar tal legalização, consciente que somos de que só Deus tem o direito de decidir a respeito de nossas vidas.*¹²
- *É preciso entender que [...] é mais fácil para nós a convivência com filhos-problema que com inimigos ferrenhos. Os primeiros podem gerar inquietação e trabalho constantes, mas, os segundos, inimigos recalcados, poderão trazer sofrimentos e aflições em grau maior às nossas vidas [...].*¹³

Sendo assim, é importante considerar que [...] o aborto não é uma solução, é um adiamento doloroso, uma porta aberta de entrada no crime e no mal, e um

rompimento de compromissos estabelecidos pelo Espírito, ora delituoso, com Deus, com o reencarnante, e em última análise, consigo mesmo.⁶ Dessa forma, sendo o aborto uma transgressão à Lei de Deus, uma [...] mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.¹

De maneira geral, as justificativas utilizadas para a prática do aborto não encontram apoio no Plano Espiritual. A propósito, em *Os Missionários da Luz*, André Luiz nos transmite as seguintes informações, registradas do diálogo que ele teve com Apuleio, Espírito construtor (responsável pelo preparo e acompanhamento de reencarnações): *O [...] aborto muito raramente se verifica obedecendo a causas de nossa esfera de ação. Em regra geral, origina-se do recuo inesperado dos pais terrestres, diante das sagradas obrigações assumidas ou aos excessos de levianidade e inconsciência criminosa das mães, menos preparadas na responsabilidade e na compreensão para este ministério divino. Entretanto, mesmo aí, encontrando vasos maternos menos dignos, tudo fazemos, por nossa vez, para opor-lhes resistência aos projetos de fuga ao dever, quando essa fuga representa mero capricho da irresponsabilidade, sem qualquer base em programas edificantes. Claro, porém, que a nossa interferência no assunto, em se tratando de luta aberta contra nossos amigos reencarnados, transitoriamente esquecidos da obrigação a cumprir, tem igualmente os seus limites. Se os interessados, retrocedendo nas decisões espirituais, perseveram sistematicamente contra nós, somos compelidos a deixá-los entregues à própria sorte.¹⁶*

De acordo com a Doutrina Espírita, o aborto não encontra justificativa perante Deus, a não ser nos casos especialíssimos, quando o médico honrado, sincero e consciente, sentencia que “o nascimento da criança põe em perigo a vida da mãe dela”. Somente ao médico – e a mais ninguém! – dá a Ciência autoridade para emitir esse parecer.⁷ Apenas neste contexto – de evitar a morte da gestante – aceita-se a realização do aborto. Os Espíritos Superiores assim nos esclarecem: Preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe.²

2. As conseqüências físicas e espirituais do aborto

As conseqüências do aborto delituoso podem, na maioria, explicar a existência de [...] *muitos casais humanos, absolutamente sem a coroa dos filhos, visto que anularam as próprias faculdades geradoras. Quando não procederam de semelhante modo no presente, sequiosos de satisfação egoística, agiram assim, no passado, determinando sérias anomalias na organização psíquica que lhes é peculiar. Neste último caso, experimentam dolorosos períodos de solidão e sede afetiva, até que refaçam, dignamente, o patrimônio de veneração que todos nós devemos às leis de Deus.¹⁶*

As conseqüências imediatas do aborto delituoso logicamente se refletem, primeiro e em maior grau, no organismo fisiopsicossomático da mulher, pois abortar é arrancar violentamente um ser vivo do claustro materno. O centro genésico, que é o santuário das energias criadoras do sexo e tem sua contraparte na organização perispiritual da mulher, com a prática do aborto condenável sofre desequilíbrios profundos, ainda desconhecidos da ciência terrena.³ Para a mulher que praticou o aborto, injustificadamente, os sofrimentos continuarão na próxima encarnação, através dos desequilíbrios psíquicos diversos, enfermidades do útero e a grande frustração pela impossibilidade de gerar filhos. Mesmo a mulher que praticou o aborto, após já ter concebido o primeiro ou o segundo filho, receberá, na próxima encarnação, os sintomas perturbatórios do seu crime, justamente depois do primeiro ou do segundo filho, período exato em que praticou o aborto na existência anterior. Diversos problemas que sofrem hoje as mulheres no exercício da maternidade têm suas causas profundas nos deslizes do passado, que hoje surgem no corpo físico como reflexo positivo da desorganização perispiritica.⁴

Sendo assim, a mulher que promove o aborto [...] ou que venha a coonestar semelhante delito é constrangida, por leis irrevogáveis, a sofrer alterações deprimentes no centro genésico de sua alma, predispondo-se geralmente a dolorosas enfermidades, quais sejam a metrite, o vaginismo, a metralgia, o enfarte uterino, a tumoração cancerosa, flagelos esses com os quais, muita vez, desencarna, demandando o Além para responder, perante a Justiça Divina, pelo crime praticado. É, então, que se reconhece rediviva, mas doente e infeliz, porque, pela incessante recapitulação mental do ato abominável, através do remorso, reterá por tempo longo a degenerescência das forças genitais.¹⁵

Quem quer que venha praticar esse delito [aborto] ou com ele colaborar predispõe-se a alterações significativas do centro genésico, em seu perispírito, com conseqüências atuais e posteriores, na esfera patológica de seus órgãos sexuais e também, por vezes, dos centros de força coronário, cardíaco e esplênico com todas as repercussões pertinentes. Nós estamos preparando hoje a reencarnação de amanhã; um aborto provocado agora se refletirá no chacra genésico, e será mais além o aborto espontâneo, pois a paternidade e a maternidade não valorizados hoje, o serão com certeza amanhã, noutra encarnação, mas agora por um processo educativo que passa pela dor e pelo sofrimento redentor. Em igual patamar, como conseqüência, estão a prenhez tubária, a placentária prévia, o deslocamento prematuro da placenta, a esterilidade, a impotência, entre outras causas que atingem a esfera do aparelho reprodutor masculino e feminino.⁶

A mulher que corrompeu voluntariamente o seu centro genésico receberá de futuro almas que viciaram a forma que lhes é peculiar, e será mãe de criminosos e suicidas, no campo da reencarnação, regenerando as energias sutis do perispírito, através do sacrifício nobilitante com que se devotará aos filhos torturados e infelizes

*de sua carne, aprendendo a orar, a servir com nobreza e a mentalizar a maternidade pura e sadia, que acabará reconquistando, ao preço de sofrimento e trabalhos justos...*¹⁵

As pessoas que fazem aborto carregam consigo, no além-túmulo, marcas estigmatizantes no perispírito. A este respeito, André Luiz nos relata a impressionante história de uma mulher desencarnada que foi impedida de ser acolhida na colônia espiritual “Nosso Lar”, em virtude do baixo teor vibratório de suas irradiações espirituais, em razão dos abortos por ela cometidos. A título de ilustração, e considerando a importância do assunto, citamos, a seguir, trechos do relato.

Logo após as vinte e uma horas, chegou alguém dos fundos do enorme parque [de Nosso Lar]. Era um homenzinho de semblante singular, evidenciando a condição de trabalhador humilde. Narcisa [enfermeira, benfeitora espiritual] recebeu-o com gentileza, perguntando:

— *Que há Justino? Qual é a sua mensagem?*

O operário [...] respondeu aflito:

— *Venho participar que uma infeliz mulher está pedindo socorro, no grande portão que dá para os campos de cultura. Creio tenha passado despercebida aos vigilantes das primeiras linhas...*

— *E por que não a atendeu? – interrogou a enfermeira.*

O servidor fez um gesto de escrúpulo e explicou:

— *Segundo as ordens que nos regem, não pude fazê-lo, porque a pobrezinha está rodeada de pontos negros.*

— *Que me diz? – revidou Narcisa, assustada.*

— *Sim, senhora.*

— *Então, o caso é muito grave.*

Curioso, segui a enfermeira, através do campo enluarado [...]. Havíamos percorrido mais de um quilômetro, quando atingimos a grande cancela a que se referia o trabalhador. Deparou-se-nos, então, a miserável figura da mulher que implorava socorro do outro lado. Nada vi, senão o vulto da infeliz, coberta de andrajos, rosto horrendo e pernas em chaga viva; mas Narcisa parecia divisar outros detalhes, imperceptíveis ao meu olhar, dado o assombro que estampou na fisionomia, ordinariamente calma. [...] Narcisa [...] mostrava-se comovida, mas falou em tom confidencial:

— *Não está vendo os pontos negros?*

— *Não – respondi.*¹⁷

Prosseguindo o relato, André Luiz nos informa que Narcisa, tendo dúvida de como agir em benefício do Espírito necessitado, recorreu ao Irmão Paulo, vigilante-chefe de plantão, transferindo-lhe a incumbência de atender a mulher. Chegando à cancela, o Irmão Paulo [...] examinou atentamente a recém-chegada do Umbral, e disse:

— *Esta mulher, por enquanto, não pode receber nosso socorro. Trata-se de um dos mais fortes vampiros que tenho visto até hoje. É preciso entregá-la à própria sorte.*

Senti-me escandalizado [afirma André Luiz]. Não seria faltar aos deveres cristãos abandonar aquela sofredora ao azar do caminho? Narcisa, que me pareceu compartilhar da mesma impressão, adiantou suplicante:

— *Mas, Irmão Paulo, não há um meio de acolhermos essa miserável criatura nas Câmaras?*

— *Permitir essa providência – esclareceu ele –, seria trair minha função de vigilante.*

E indicando a mendiga que esperava a decisão, a gritar impaciente, exclamou [...]:

— *Já notou, Narcisa, alguma coisa além dos pontos negros? [...] Baixando o tom de voz, recomendou:*

— *Conte as manchas pretas.*

Narcisa fixou o olhar na infeliz e respondeu, após alguns instantes:

— *Cinqüenta e oito.*

O Irmão Paulo, com a paciência dos que sabem esclarecer com amor, explicou [...]:

— *Esses pontos escuros representam cinqüenta e oito crianças assassinadas ao nascerem. Em cada mancha vejo a imagem mental de uma criancinha aniquilada, umas por golpes esmagadores, outras por asfixia. Essa desventurada criatura foi profissional de ginecologia. [...] A situação dela é pior que a dos suicidas e homicidas, que, por vezes, apresentam atenuantes de vulto.¹⁸*

É importante considerar também que todos [...] *aqueles que induzem ou auxiliam a mulher na eliminação do nascituro possuem também a sua culpabilidade no ato criminoso: maridos ou namorados que obrigam as esposas, médicos que estimulam e o realizam, enfermeiras e parteiras inconscientes. Para a justiça humana, não há crime, nem processo, nem punição, na maioria dos casos, mas para a JUSTIÇA DIVINA todos os envolvidos no ato criminoso sofrerão as conseqüências sombrias, imediatas ou a longo prazo, de acordo com o seu grau de culpabilidade. Emmanuel nos esclarece bem isso: O aborto oferece conseqüências dolorosas especiais para os pais? Resposta – Os pais que cooperam nos delitos do aborto, tanto quanto os ginecologistas que o favorecem, vêm a sofrer os resultados da crueldade que praticam, atraindo sobre as próprias cabeças os sofrimentos e os desesperos das próprias vítimas, relegadas por eles aos percalços e sombras da vida espiritual de esferas inferiores.¹⁴*

Os Espíritos abortados são almas que estão vinculadas aos nossos compromissos cármicos. De uma maneira geral, somente quando nos encontramos no plano espiritual, após a desencarnação, é que damos conta da extensão das nossas falhas. Auxiliados então pelos benfeitores espirituais e animados do desejo de reparar as nossas faltas em relação ao próximo, comumente [...] *chamamos a*

nós antigos companheiros de aventuras infelizes, programando-lhes a volta ao nosso convívio, a prometer-lhes socorro e oportunidade, em que se lhes reedifique a esperança de elevação e resgate, burilamento e melhoria. Criamos projetos, aventamos sugestões, articulamos providências e externamos votos respeitáveis, englobando-nos com eles em salutareis compromissos que, se observados, redundarão em bênçãos substanciais para todo o grupo de corações a que se nos vincula a existência. Se, porém, quando instalados na Terra [em nova reencarnação], anestesiarmos a consciência, expulsando-os de nossa companhia, a pretexto de resguardar o próprio conforto, não lhes podemos prever as reações negativas e, então, muitos dos associados de nossos erros de outras épocas, ontem convertidos, no Plano Espiritual, em amigos potenciais, à custa das nossas promessas de compreensão e de auxílio, fazem-se hoje [...] inimigos recalcados que se nos entranham à vida íntima com tal expressão de desencanto e azedume que, a rigor, nos infundem mais sofrimento e aflição que se estivessem conosco em plena experiência física, na condição de filhos-problema, impondo-nos trabalhos e inquietação.²⁰

O aborto delituoso representa, pois, [...] *um dos grandes fornecedores das moléstias de etiologia obscura e das obsessões catalogáveis na patologia da mente, ocupando vastos departamentos de hospitais e prisões.*²¹

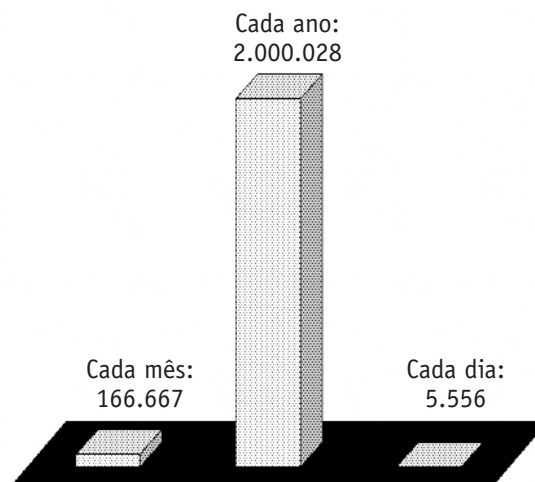
Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 358, p. 202.
2. _____. Questão 359, p. 202.
3. BARCELOS, Walter, *Sexo e evolução*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 20 (Aborto e justiça divina), p. 253.
4. _____. p. 261-262.
5. MOREIRA, Fernando A. *Aborto – crime e conseqüências*. Reformador, Rio de Janeiro: FEB, ano 119, n. 2.068, julho, 2001, p. 18.
6. _____. p. 19
7. PERALVA, Martins. *O pensamento de Emmanuel*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Cap. 18 (Aborto delituoso), p. 125.
8. SOUZA, Juvanir Borges et al. (compilação). *O que dizem os Espíritos sobre o aborto*. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001. Item: Introdução, p. 11-12.

9. _____. Cap. I (Aborto – considerações gerais), p. 14.
10. _____. p. 14-15.
11. _____. p. 15.
12. _____. p. 16.
13. _____. p. 16-17.
14. _____. Cap. XI (Cúmplices do aborto), p. 191-192.
15. XAVIER, Francisco Cândido. *Ação e reação*. Pelo Espírito André Luiz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 15 (Anotações oportunas), p. 268.
16. _____. *Os missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 14 (Proteção), p. 299.
17. _____. *Nosso lar*. Pelo Espírito André Luiz. 54. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 31 (Vampiro), p. 199-201.
18. _____. p. 201-203.
19. _____. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Item: Aborto delituoso, p. 17.
20. _____. *Vida e sexo*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 17 (Aborto), p. 75-76.
21. _____. p. 76.

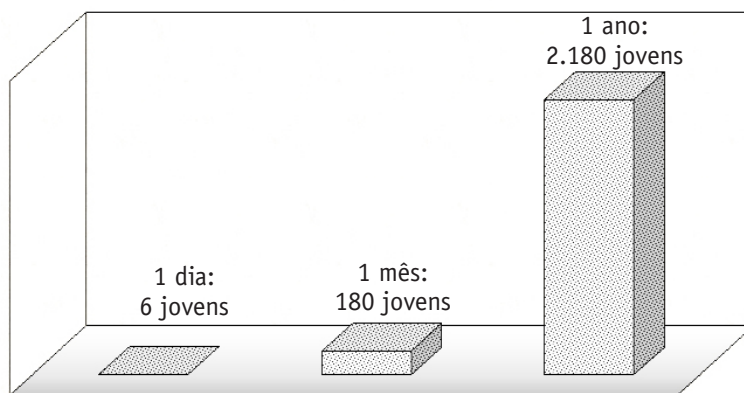
Anexo Aborto

1 – Média de ocorrência de abortos no mundo



- 2 – No mundo, o aborto é a quinta causa de morte de adolescentes. O aborto é a terceira causa de morte de mulheres grávidas no Brasil. 1.400.000 mulheres fazem aborto ilegal no nosso país.
- 3 – Causas do aborto: a) mal-formação do aparelho reprodutor; b) uso de substâncias químicas; c) processos obsessivos; d) rejeições, conscientes e inconscientes, dos pais ou do Espírito reencarnante.
- 4 – O aborto terapêutico é indicado quando há risco à vida da mãe. O Espiritismo ensina: “É preferível se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe”. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 359.
- 5 – O aborto é condenado porque há [...] “crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.” Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 358.
- 6 – “Todos tem direito à vida”. *Constituição Brasileira*, art. 5º.
- 7 – “O aborto é doloroso crime. Arrancar uma criança ao materno seio é infanticídio confesso. A mulher que o promove ou que venha a coonestar semelhante delito é constrangida, por leis irrevogáveis, a sofrer alterações deprimentes no centro genésico de sua alma, predispondo-se geralmente a dolorosas enfermidades.” André Luiz: *Ação e reação*, cap. 15.

- 8 – São conseqüências do aborto: “metrite, vaginismo, metralgia, infarto uterino, tumoração cancerosa.” André Luiz: *Ação e reação*. Cap. 15, p. 268.
- 9 – As doenças decorrentes do aborto são flagelos que podem conduzir a mulher à desencarnação e, no plano espiritual, reconhecendo o ato abominável, através do remorso, reterá por tempo longo a degenerescência das forças genitais. André Luiz: *Ação e reação*, cap. 15, p. 268.
- 10 – “A mulher que corrompeu voluntariamente o seu centro genésico [pelo aborto] receberá de futuro almas que viciaram a forma que lhes é peculiar, e será mãe de criminosos e suicidas, no campo da reencarnação, regenerando as energias sutis do perispírito, através do sacrifício nobilitante”. André Luiz: *Ação e reação*, cap. 15, p. 268-269.
- 11 – Que conseqüências tem para o Espírito o aborto? “É uma existência nulificada e que ele terá de recomeçar.” Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 357.
- 12 – Mortes por aborto no Brasil em jovens de 10 a 19 anos de idade



A Lei

Em reflexões misérrimas, absorto,
Raciocinava: — “O último tormento
É regressar à carne e ao sofrimento
Sem o triste fenômeno do aborto! . . .

Toda a amargura dalma é o desconforto
De retornar ao corpo famulento,
E apagar toda a luz do pensamento
Nas células de um mundo amargo e morto!...”

Mas, uma voz da luz dos grandes mundos,
Em conceitos sublimes e profundos,
Respondeu-me em acentos colossais:

— “Verme que volves dos esterquilínios,
Cessa a miséria de teus raciocínios,
Não insultes as leis universais.”

Augusto dos Anjos

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO XVI

Lei de Justiça, Amor e Caridade

OBJETIVO GERAL

Possibilitar entendimento da lei de justiça, amor e caridade, destacando a sua supremacia sobre as outras leis naturais

ROTEIRO 1

Justiça e direitos naturais

Objetivo específico

- Explicar a relação existente entre a justiça e os direitos naturais.

Conteúdo básico

- *Os direitos naturais são os mesmos para todos os homens, desde os de condição mais humilde até os de posição mais elevada. Deus não fez uns de limo mais puro do que o de que se serviu para fazer os outros, e todos, aos seus olhos, são iguais. Esses direitos são eternos.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 878-a.
- *O sentimento da justiça está em a natureza, ou é resultado de idéias adquiridas?*
Está de tal modo em a natureza, que vos revoltais à simples idéia de uma injustiça. É fora de dúvida que o progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o dá. Deus o pôs no coração do homem. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 873.
- *Como se pode definir a justiça?*
A justiça consiste em cada um respeitar os direitos dos demais. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 875.
- *Qual [...] a base da justiça, segundo a lei natural?*
Disse o Cristo: Queira cada um para os outros o que quereria para si mesmo. No coração do homem imprimiu Deus a regra da verdadeira justiça, fazendo que cada um deseje ver respeitados os seus direitos. Na incerteza de como deva proceder com o seu semelhante, em dada circunstância, trate o homem de saber como quereria que com ele procedessem, em circunstância idêntica. Guia mais seguro do que a própria consciência não lhe podia Deus haver dado. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 876.

Sugestões didáticas

Introdução

- Perguntar à turma no início da reunião:
Como se pode definir a justiça?
- Ouvir as respostas, apresentando, em seguida, a definição espírita de justiça (veja *O livro dos espíritos*, questão 875).

Desenvolvimento

- Pedir aos participantes que formem grupos para leitura das questões 873, 876 e 878-a de *O Livro dos Espíritos*, realizando, após, o seguinte exercício:
 - a) troca de idéias sobre o assunto lido;
 - b) registro escrito e sintético da relação existente entre a justiça e os direitos naturais;
 - c) relato das conclusões, em plenária, por um participante indicado pelo grupo.
- Ouvir os relatos, destacando os pontos relevantes.
- Em seguida, fazer uma exposição integratória do tema, tendo como base as idéias desenvolvidas nos subsídios.

Conclusão

- Terminada a explanação, entregar a cada participante uma cópia da mensagem de Emmanuel, *Caridade e Esperança* (veja anexo), esclarecendo que esta mensagem também representa uma introdução ao tema que será estudado na próxima reunião.
- Pedir a um dos participantes que leia o texto em voz alta, dando, então, por encerrada a aula.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os participantes conseguirem explicar corretamente a relação existente entre a justiça e os direitos naturais.

Técnica(s): leitura; trabalho em pequenos grupos; exposição.

Recurso(s): *O livro dos espíritos*; subsídios do roteiro.

Subsídios Os direitos naturais são os instituídos pela lei divina ou natural. Sendo assim, [...] *são os mesmos para todos os homens, desde os de condição mais humilde até os de posição mais elevada. Deus não fez uns de limo mais puro do que o de que se serviu para fazer os outros, e todos, aos seus olhos, são iguais. Esses direitos são eternos. Os que o homem estabeleceu perecem com as suas instituições.*⁷ Dentre os direitos naturais, destacam os Espíritos Superiores, entre outros, o de viver – o primeiro de todos –,⁹ e o de legítima propriedade – aquela que é adquirida sem prejuízo de ninguém.¹⁰

Estando a lei de Deus escrita na consciência¹, possuímos todos o sentimento dos direitos que esta lei nos dá, o que nos leva a preservá-los a todo custo. Por outro lado, não nos enganaremos a respeito da extensão dos nossos direitos, se considerarmos que eles devem ter os mesmos limites dos direitos que, com relação a nós mesmos, reconhecemos ao nosso semelhante, em circunstâncias idênticas e de forma recíproca.⁶

Esse reconhecimento dos direitos naturais é a base do sentimento de justiça, o qual está de tal maneira na natureza que nos revoltamos [...] *à simples idéia de uma injustiça. É fora de dúvida que o progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o dá. Deus o pôs no coração do homem. Daí vem que, freqüentemente, em homens simples e incultos [...]*² *constatam-se [...] noções mais exatas da justiça do que nos que possuem grande cabedal de saber.*²

Pode dizer-se que a [...] *justiça consiste em cada um respeitar os direitos dos demais.*³ Tais direitos são determinados pela lei humana e pela lei natural. *Tendo os homens formulado leis apropriadas a seus costumes e caracteres, elas estabeleceram direitos mutáveis com o progresso das luzes. [...] Nem sempre, pois, é acorde com a justiça o direito que os homens prescrevem. Demais, este direito regula apenas algumas relações sociais, quando é certo que, na vida particular, há uma imensidade de atos unicamente da alçada do tribunal da consciência.*⁴

Direito e Justiça deveriam ser sinônimos perfeitos, ou seja, deveriam expressar a mesma virtude, pois, se aquele significa “o que é justo”, esta se traduz por “conformidade com o direito”. Lamentavelmente, porém, aqui na Terra, Direito e Justiça nem sempre se correspondem, porque, ignorando ou desprezando a Lei de Deus,

outorgada para a felicidade universal, a justiça humana há feito leis prescrevendo como direitos umas tantas práticas que favorecem apenas os ricos e poderosos, em detrimento dos pobres e dos fracos, o que implica tremenda iniquidade, assim como há concedido a alguns certas prerrogativas que de forma nenhuma poderiam ser generalizadas, constituindo-se, por conseguinte, em privilégios, quando se sabe que todo privilégio é contrário ao direito comum.¹²

O sentimento de justiça desenvolve-se [...], paulatinamente, no ente humano, começando este por aplicar a si, como justo, tudo quanto ache que lhe convenha, e acabando por exprimi-lo da maneira mais elevada e pura. Assim, o conceito da justiça varia nos indivíduos, segundo o desenvolvimento que neles alcançou esse sentimento. Varia, pois, num mesmo indivíduo, conforme ao seu progresso espiritual. Comparados dois períodos da existência de uma criatura, em cada um se deparará com um conceito diferente da justiça. O modo de exprimir-se esse sentimento também guarda relação com a compreensão das coisas, dos indivíduos e dos acontecimentos. Sobre um mesmo caso, o juízo individual pode apresentar diversidades, segundo o conhecimento que do caso tenha a criatura. Se o conhecimento não é completo e exato, à medida que ele se for aprofundando e ampliando, depois de emitido o primeiro juízo, também se irá modificando o conceito formado acerca do aludido caso. Não obstante terem todos a retidão por mira, numa coletividade de indivíduos [...] observamos, assim, que, [...] sobre casos, coisas e pessoas, são diferentes os juízos que se emitem. É que o sentimento de justiça não é do mesmo grau em todos. Crê o indivíduo obrar com justiça, até quando comete as maiores atrocidades. Vem depois a reflexão, melhor conhecimento do fato, e o que lhe pareceu justo se lhe torna abominável.¹¹

Von Liszt, eminente criminalista dos tempos modernos, observa que o Estado, em sua expressão de organismo superior, e excetuando-se, como é claro, os grupos criminosos que por vezes transitoriamente o arrastam a funestos abusos do poder, não prescinde da pena, a fim de sustentar a ordem jurídica. A necessidade da conservação do próprio Estado justifica a pena. Com essa conclusão, apagam-se, quase que totalmente, as antigas controvérsias entre as teorias de Direito Penal, de vez que, nesse ou naquele clima de arregimentação política, a tendência a punir é congenial ao homem comum, em face da necessidade de manter, tanto quanto possível, a intangibilidade da ordem no plano coletivo.¹⁴ Todavia, [...] o Espiritismo revela uma concepção de justiça ainda mais ampla. A criatura não se encontra simplesmente subordinada ao critério dos penólogos do mundo, categorizados à conta de cirurgiões eficientes no tratamento ou na extirpação da gangrena social. Quanto mais esclarecida a criatura, tanto mais responsável, entregue naturalmente aos ares da própria consciência, na Terra ou fora dela, toda vez que se envolve nos espinheiros da culpa.¹⁴ Assim, os

[...] princípios codificados por Allan Kardec abrem uma nova era para o espírito humano, compelindo-o à auscultação de si mesmo, no reajuste dos caminhos traçados por Jesus ao verdadeiro progresso da alma, e explicam que o Espiritismo, por isso mesmo, é o disciplinador de nossa liberdade, não apenas para que tenhamos na Terra uma vida social dignificante, mas também para que mantenhamos, no campo do espírito, uma vida individual harmoniosa, devidamente ajustada aos impositivos da Vida Universal Perfeita, consoante as normas de Eterna Justiça, elaboradas pelo supremo equilíbrio das Leis de Deus.¹⁴

Insistamos na noção de justiça, que é essencial; porque há precisão, necessidade imperiosa, para todos, de saber que a Justiça não é uma palavra vã, que há uma sanção para todos os deveres e compensações para todas as dores. Nenhum sistema pode satisfazer nossa razão, nossa consciência, se não realizar a noção de justiça em toda a sua plenitude. Esta noção está gravada em nós, é a Lei da alma e do Universo.¹³

Com efeito, o fundamento da justiça, segundo a lei natural, está, como disse o Cristo, no querer [...] cada um para os outros o que quereria para si mesmo. No coração do homem imprimiu Deus a regra da verdadeira justiça, fazendo que cada um deseje ver respeitados os seus direitos. Na incerteza de como deva proceder com o seu semelhante, em dada circunstância, trate o homem de saber como quereria que com ele procedessem, em circunstância idêntica. Guia mais seguro do que a própria consciência não lhe podia Deus haver dado.⁵

Dessa forma, não [...] sendo natural que haja quem deseje o mal para si, desde que cada um tome por modelo o seu desejo pessoal, é evidente que nunca ninguém desejará para o seu semelhante senão o bem. Em todos os tempos e sob o império de todas as crenças, sempre o homem se esforçou para que prevalecesse o seu direito pessoal. A sublimidade da religião cristã está em que ela tomou o direito pessoal por base do direito do próximo.⁵

Assim, o homem, quando praticar a justiça em toda a plenitude, terá o caráter do [...] verdadeiro justo, a exemplo de Jesus, porquanto[...] praticará [...] também o amor do próximo e a caridade, sem os quais não há verdadeira justiça.⁸

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 621, p. 307.
2. _____. Questão 873, p. 403.
3. _____. Questão 875, p. 403.
4. _____. Questão 875-a, p. 404.
5. _____. Questão 876, p. 404.
6. _____. Questão 878, p. 405.
7. _____. Questão 878-a, p. 405.
8. _____. Questão 879, p. 405-406.
9. _____. Questão 880, p. 406.
10. _____. Questão 884. P. 407.
11. AGUAROD, Angel. *Grandes e pequenos problemas*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 3 (A evolução do sentimento de justiça no ser humano), p. 71-72.
12. CALLIGARIS, Rodolfo. *As leis morais*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001. (Direito e justiça), p. 169.
13. DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 18, p. 294.
14. XAVIER, Francisco Cândido. *Ação e reação*. Pelo Espírito André Luiz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. (Prefácio do Espírito Emmanuel), p. 8.

Anexo Texto para leitura

Caridade e Esperança

Lembra-te da esperança para que a tua caridade não se faça incompleta.

Darás ao faminto não somente a côdea de pão que lhe mitigue a fome, mas também o carinho da palavra fraterna, com que se lhe restaurem as energias.

Não apenas entregarás ao companheiro, abandonado à intempérie, a peça que te sobra ao vestiário opulento, mas agasalhá-lo-ás em teu sorriso espontâneo, a fim de que se reerga e prossiga adiante, revigorado e tranqüilo.

Não olvides a paciência divina com que somos tolerados a cada hora.

Qual acontece ao campo da natureza, em que o Sol mil vezes injuriado pela treva, mil vezes responde com a bênção da luz, dentro de nossa vida, assinalamos a caridade infinita de Deus, refazendo-nos a oportunidade de servir e aprender, resgatar e sublimar todos os dias.

Não te faças palmatória dos próprios irmãos, aos quais deves a compreensão e a bondade de que recebes as mais elevadas quotas do Céu, na forma de auxílio e misericórdia, em todos os instantes da experiência.

Não profiras maldição nem espalhes o tóxico da crítica, no obscuro caminho em que jornadeiam amigos menos ditosos, ainda incapazes de libertarem a si mesmos das algemas da ignorância.

Recorda que Jesus nos chamou à senda terrestre para auxiliar e salvar, onde muitos já desertaram da confiança no eterno bem.

Seja onde for e com quem for, atende à esperança para que o mundo conquiste a vitória a que se destina.

Aliviar com azedume é alargar a ferida de quem padece e dar com reprimendas é envolver o socorro em repulsivo vinagre de desânimo ou desespero.

À maneira de raio solar que desce à furna cada manhã, restaurando o império da luz, sem reclamação e sem mágoa, sê igualmente para os que te rodeiam a permanente mensagem do amor que tudo compreende e tudo perdoa, amparando e auxiliando sem descansar, porque somente pela força do amor alcançaremos a luz imperecível da vida.

Lei

Reencarnação!...

Descer de mansão doce e flórea,
Ninho tecido aos sóis qual fúlgida escumilha,
Onde a vida pompeia excelsa maravilha,
E afundar-se na sombra em lodacenta escória!

Ante o ser livre e belo — ave aos cimos da glória -Recorda o
corpo escravo ascorosa armadilha;
O berço — irmão do esquife — é a fumaça em que se humilha
Todo sonho ideal de ventura incorpórea.

Reencarnação, porém, é a Justiça Perfeita,
A Lei que esmonda, ampara, aprimora e endireita,
Por mais o coração inquirir, chore ou trema! . . .

Alma, entre a lama e a dor da luta em que te abrasas,
Crias teu próprio mundo e as tuas próprias asas
Para galgar, um dia, a vastidão suprema!...

Constâncio Alves

ROTEIRO 2

Caridade e amor ao próximo

Objetivos específicos ■ Conceituar caridade, do ponto de vista da Doutrina Espírita.
■ Estabelecer relação entre caridade e amor ao próximo.

Conteúdo básico ■ *Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?*

Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 886.

■ *O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros como irmãos. A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 886 – comentário.*

■ *A lei de justiça, amor e caridade [...] é a mais importante, por ser a que faculta ao homem adiantar-se mais na vida espiritual, visto que resume todas as outras. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 648.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Conceituar caridade, do ponto de vista da Doutrina Espírita (O Livro dos Espíritos, questão 886).
- Em seguida, pedir a um dos participantes que releia, em voz alta, a mensagem *Caridade e Esperança*, de Emmanuel (veja anexo do roteiro anterior).
- Estabelecer relação entre o conceito de caridade e amor ao próximo, emitido pelos Espíritos da Codificação, e as idéias desenvolvidas, por Emmanuel, no texto que foi lido.

Desenvolvimento

- Pedir então aos participantes que leiam, silenciosa e individualmente, os subsídios do roteiro.
- Após o trabalho individual, pedir-lhes que se organizem em um grande círculo para:
 - discussão sobre o conceito de caridade à luz da Doutrina Espírita, estabelecendo relação entre caridade e amor ao próximo.

Conclusão

- Ao final, destacar as idéias constantes da referência três, dos subsídios (continuação 1 e 2), explicando que a noção espírita de caridade reflete, necessariamente, o conceito de amor ao próximo, o qual está, por sua vez, vinculado à exortação de Jesus de fazer aos outros o que gostaríamos que os outros nos fizessem (Mateus, 7:12 ou Lucas, 6:31).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os participantes conseguirem conceituar caridade, do ponto de vista da Doutrina Espírita, e estabelecer relação entre caridade e amor ao próximo.

Técnica(s): exposição; leitura; discussão circular.

Recurso(s): *O Livro dos Espíritos; O Evangelho segundo o Espiritismo*; texto de Emmanuel; subsídios do roteiro.

Subsídios Segundo os Espíritos Superiores, Jesus é [...] *o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo [...]*.⁴

Assim, para [...] *o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito Divino o animava.*⁴

Entende-se, então, que Jesus é o nosso paradigma e que o Evangelho por ele ensinado contém as diretrizes morais para o aperfeiçoamento da humanidade.

À vista disso, Kardec faz a seguinte indagação aos Espíritos Superiores: *Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?*⁶ E os mensageiros divinos respondem: *Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.*⁶

Pode dizer-se que o conceito de caridade apresentado pelos Espíritos da Codificação é a síntese do programa de assistência moral-material e espiritual, exposto, de forma clara e objetiva, pelo Cristo, na passagem evangélica *O Grande Julgamento*.

Diz Jesus: *Ora, quando o filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, sentar-se-á no trono de sua glória; – reunidas diante dele todas as nações, separará uns dos outros, como o pastor separa dos bodes as ovelhas, – e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do reino que vos foi preparado desde o princípio do mundo; – porquanto, tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; careci de teto e me hospedastes; – estive nu e me vestistes; achei-me doente e me visitastes; estive preso e me fostes ver. Então, responder-lhe-ão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? – Quando foi que te vimos sem teto e te hospedamos; ou despido e te vestimos? – E quando foi que te soubemos doente ou preso e fomos visitar-te? – O Rei lhes responderá: Em verdade vos digo, todas as vezes que isso fizestes a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes. Dirá em seguida aos que estiverem à sua esquerda: afastai-*

vos de mim, malditos; ide para o fogo eterno, que foi preparado para o diabo e seus anjos; – porquanto, tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber; precisei de teto e não me agasalhastes; estive sem roupa e não me vestistes; estive doente e no cárcere e não me visitastes. Também eles replicarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e não te demos de comer, com sede e não te demos de beber, sem teto ou sem roupa, doente ou preso e não te assistimos? – Ele então lhes responderá: Em verdade vos digo: todas as vezes que faltastes com a assistência a um destes mais pequenos, deixastes de tê-la para comigo mesmo. E esses irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna. (Mateus, cap. XXV, vv. 31 a 46)²

Ao examinar-se a narrativa evangélica em apreço, uma pergunta vem logo à baila: em que se baseou o veredito do rei? Decerto, não foi em nenhuma questão de ordem material ou religiosa. O julgamento se fundamentou apenas na prestação, ou não, da assistência. É de notar, entretanto, que Jesus não diz, simplesmente: “sois benditos porque ajudastes”. Seria muito impessoal, não realçaria o envolvimento afetivo que deve existir entre as criaturas. Prefere situar o ensino em torno das necessidades humanas, e, para dar maior força ao ensinamento, coloca-se na situação do carente de assistência, dizendo: *tive fome, tive sede, careci de teto, estive nu, achei-me doente, estive preso*. Estimula, assim, o sentimento de piedade ou compaixão pelos que sofrem, sentimento esse que é o móvel da prestação da assistência. Ressalte-se, ainda, nessa lição, o que se dá em relação a todos os ensinamentos de Jesus: a possibilidade de ver através da letra e perceber a amplitude da mensagem aí contida. Dessa forma, aqui, com certeza, a *fome*, a *sede* e a *carência de teto* não são apenas materiais, mas abrangem os reclamos afetivos e as ânsias de progresso do Espírito necessitado. De igual modo, a *nudez*, a *doença* e a *prisão* exprimem também os estados de penúria moral, em que a alma se encontra ignorante, debilitada pelas próprias imperfeições, ou cativa dos sentimentos inferiores que ainda carrega consigo. Todas essas situações constituem apelos ao coração, incentivando a prestação da assistência. Os que estavam à direita do Rei foram tocados interiormente e compreenderam o chamamento que lhes fora endereçado. Daí haverem recebido a recompensa merecida. Os que estavam à sua esquerda, entretanto, não sentiram compaixão pelos necessitados, não os ajudaram em suas carências, passando a sofrer as conseqüências dos seus atos.⁹

Como se vê, a caridade [...] segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores.⁶ São da sua essência [...] os sentimentos de *benevolência*, de *indulgência* e de *perdão*, sentimentos esses que constituem a base da harmonia entre os homens. A exortação à caridade se encontra presente na lição em referência, uma vez que o atendimento às carências humanas – tanto

materiais, como morais ou espirituais – reclama o comprometimento afetivo entre quem ajuda e quem é ajudado, e esse comprometimento apenas se concretiza onde há os sentimentos de *benevolência, de indulgência e de perdão*.⁹

Pelo exposto, constata-se que a visão da caridade contida no Evangelho foi transportada, pelos Espíritos Superiores, para o Espiritismo, o que revela não haver diferença, entre o conceito de caridade do ponto de vista espírita e o do Cristo, justamente por ele ser o modelo e guia da humanidade.

Sendo assim, da mesma forma que o julgamento da narrativa evangélica acima reproduzida fundamentou-se na prática, ou não, da caridade, o Espiritismo também assevera que *fora da caridade não há salvação*, uma vez que somente a prática da caridade é capaz de salvar-nos das próprias imperfeições, por libertar-nos do egoísmo, sentimento [...] *incompatível com a justiça, o amor e a caridade*.⁷

Nesse sentido, a mensagem do Espírito Paulo, o apóstolo, contida em *O Evangelho segundo o Espiritismo*:

Meus filhos, na máxima: Fora da caridade não há salvação, estão encerrados os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra da Promissão. Ela brilha no céu, como auréola santa, na fronte dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Passai à direita, benditos de meu Pai. Reconhecê-los-eis pelo perfume de caridade que espalham em torno de si. Nada exprime com mais exatidão o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, como essa máxima de ordem divina. Não poderia o Espiritismo provar melhor a sua origem, do que apresentando-a como regra, por isso que é um reflexo do mais puro Cristianismo. Levando-a por guia, nunca o homem se transviará. Dedicai-vos, assim, meus amigos, a perscrutar-lhe o sentido profundo e as conseqüências, a descobrir-lhe, por vós mesmos, todas as aplicações. Submetei todas as vossas ações ao governo da caridade e a consciência vos responderá. Não só ela evitará que pratiqueis o mal, como também fará que pratiqueis o bem, porquanto uma virtude negativa não basta: é necessária uma virtude ativa. Para fazer-se o bem, mister sempre se torna a ação da vontade; para se não praticar o mal, basta as mais das vezes a inércia e a despreocupação [...]. Esforçai-vos, pois, para que os vossos irmãos, observando-vos, sejam induzidos a reconhecer que verdadeiro espírita e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, dado que todos quantos praticam a caridade são discípulos de Jesus [...].³

Todos esses ensinamentos levam-nos ao entendimento de que a caridade é a própria essência do amor ao próximo, o amor fraternal, uma vez que este sentimento,

para expressar-se com todo o seu fulgor, deve conter os mesmos ingredientes da caridade, isto é, a benevolência, a indulgência e o perdão. *“Amar o próximo como a si mesmo: fazer pelos outros o que quereríamos que os outros fizessem por nós”* [palavras de Jesus], *é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo. Não podemos encontrar guia mais seguro, a tal respeito, que tomar para padrão, do que devemos fazer aos outros aquilo que para nós desejamos. Com que direito exigiríamos dos nossos semelhantes melhor proceder, mais indulgência, mais benevolência e devotamento para conosco, do que os temos para com eles? A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo. Quando as adotarem para regra de conduta e para base de suas instituições, os homens compreenderão a verdadeira fraternidade e farão que entre eles reinem a paz e a justiça.*¹ De fato, a fraternidade pura, ou amor fraternal, [...] *é o mais sublime dos sistemas de relações entre as almas.*¹⁰ A [...] *fraternidade, na rigorosa acepção do termo, resume todos os deveres dos homens, uns para com os outros. Significa: devotamento, abnegação, tolerância, benevolência, indulgência. É, por excelência, a caridade evangélica [...].*⁸

Assim, o [...] *amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros como irmãos.*⁶ Ressalta-se ainda que a justiça, o amor e a caridade constituem, a rigor, uma só lei, sendo, em verdade, a mais importante de todas as leis naturais, uma vez que [...] *faculta ao homem adiantar-se mais na vida espiritual, visto que resume todas as outras.*⁵ Todas essas leis, isto é, as de adoração, do trabalho, da reprodução, da conservação, da destruição, da sociedade, do progresso, da igualdade e da liberdade, têm sua fundamentação na lei de justiça, amor e caridade, norteando-se por esta última em todas as suas manifestações no Universo.

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 123. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 11, item 4, p. 184.
2. _____. Cap. 15, item 1, p. 245-246
3. _____. Item 10, p. 251-252.
4. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 625, p. 308.
5. _____. Questão 648, p. 315.
6. _____. Questão 886, p. 407.
7. _____. Questão 913, p. 419.
8. _____. *Obras Póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 32. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Primeira parte (Liberdade, igualdade, fraternidade), p. 233.
9. SILVEIRA, José Carlos da Silva. *As características do serviço de assistência e promoção social espírita*. Reformador, Rio de Janeiro: FEB, ano 119, nº 2063, fevereiro, 2001, p. 28-29.
10. XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Item 141, p. 294.

Caridade

Caridade é a mão terna e compassiva
Que ampara os bons e aos maus ama e perdoa,
Misericórdia, a qual para ser boa,
De bens paradisíacos se priva.

Mão radiosa, que traz a verde oliva
Da paz, que acaricia e que abençoa,
Voz da eterna verdade que ressoa
Por toda a parte, promissora e ativa.

A caridade é o símbolo da chave
Que abre as portas do céu claro e suave,
Das consciências libertas da impureza;

É a vibração do espírito divino,
Em seu labor fecundo e peregrino,
Manifestando as glórias da Beleza! . . .

Cruz e Souza

XAVIER, Francisco Cândido. *Parnaso de além-túmulo*. 11. ed. FEB, Rio de Janeiro, 1982, p. 279.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO XVII

A perfeição moral

OBJETIVO GERAL

Favorecer o entendimento da perfeição moral e de como alcançá-la.

ROTEIRO 1

Os caracteres da perfeição moral

- Objetivos específicos**
- Dizer quais os caracteres da perfeição moral.
 - Identificar os obstáculos que dificultam a conquista da perfeição moral e os recursos para vencer esses obstáculos.

- Conteúdo básico**
- *Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem [...]. Com efeito, se amais aos que vos amam, que recompensa tendes? [...] Portanto, deveis ser perfeitos como o vosso Pai Celeste é perfeito. Mateus, 5:44, 46 e 48.*
 - *Se à criatura fosse dado ser tão perfeita quanto o Criador, tornar-se-ia ela igual a este, o que é inadmissível. [...] Aquelas palavras [de Jesus], portanto, devem entender-se no sentido da perfeição relativa, a de que a Humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem. Mostra ele desse modo que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 17, item 2.*
 - *O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais se aferrar aos bens deste mundo, tanto menos compreende o homem o seu destino. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 895.*
 - *Dentre os vícios, qual o que se pode considerar radical? Temo-lo dito muitas vezes: o egoísmo. Daí deriva todo mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 913.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Apresentar, em cartaz, as seguintes palavras de Jesus: *Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai Celestial* (Mateus, 5:48). Em seguida, solicitar aos participantes que opinem sobre esta citação evangélica.
- Ouvir as idéias emitidas, fazendo os esclarecimentos cabíveis.

Desenvolvimento

- Logo após, dividir a turma em pequenos grupos, para a realização das seguintes tarefas:
 1. ler os subsídios do roteiro;
 2. discutir o seu conteúdo;
 3. apresentar um resumo do assunto, no qual constem: a) os caracteres da perfeição moral; b) os obstáculos que dificultam a sua conquista; c) os recursos de que dispomos para vencer esses obstáculos;
- Solicitar ao representante de cada grupo que apresente as conclusões do trabalho.
- Ouvir as conclusões e prestar os esclarecimentos devidos.

Conclusão

- Encerrar o estudo esclarecendo à turma porque todo o mal deriva do egoísmo.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os alunos realizarem, de forma correta, as tarefas propostas.

Técnica(s): interpretação de texto; trabalho em pequenos grupos; exposição.

Recurso(s): texto de Mateus; subsídios do roteiro; papel; lápis/caneta.

Subsídios Os caracteres da perfeição, apresentados por Jesus, no Evangelho, desdobram-se em três pontos fundamentais: *amar os vossos inimigos; fazer o bem aos que vos odeiam, e orar pelos que vos perseguem e caluniam.*² E isso porque – explica o Mestre Divino – se somente amarmos os que nos amam, que recompensa teremos disso? Não fazem o mesmo os publicanos? Se somente saudarmos os nossos irmãos, que fazemos com isso mais do que outros? Não fazem o mesmo os pagãos? Concluindo o seu ensinamento, diz Jesus: *Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial.*²

Comentando esse ensino, assinala Kardec:

Pois que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta proposição: Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial, tomada ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de atingir-se a perfeição absoluta. Se à criatura fosse dado ser tão perfeita quanto o Criador, tornar-se-ia ela igual a este, o que é inadmissível. [...] Aquelas palavras, portanto, devem entender-se no sentido da perfeição relativa, a de que a Humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: Em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem. Mostra ele desse modo que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes.

*Com efeito, se se observam os resultados de todos os vícios e, mesmo, dos simples defeitos, reconhecer-se-á nenhum haver que não altere mais ou menos o sentimento da caridade, porque todos têm seu princípio no egoísmo e no orgulho, que lhes são a negação; e isso porque tudo o que sobreexcita o sentimento da personalidade destrói, ou, pelo menos, enfraquece os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. Não podendo o amor do próximo, levado até ao amor dos inimigos, aliar-se a nenhum defeito contrário à caridade, aquele amor é sempre, portanto, indício de maior ou menor superioridade moral, donde decorre que o grau da perfeição está na razão direta da sua extensão.*³

Pode dizer-se, em decorrência disso, que a [...] *virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caritativo, laborioso, sóbrio,*

*modesto, são qualidades do homem virtuoso. [...] Não é virtuoso aquele que faz ostentação da sua virtude, pois que lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e tem o vício que mais se lhe opõe: o orgulho. A virtude, verdadeiramente digna desse nome, não gosta de estadear-se. Advinham-na; ela, porém, se oculta na obscuridade e foge à admiração das massas.*⁶

Entretanto, de todas as virtudes qual a mais meritória? Os Espíritos Superiores respondem:

*Toda virtude tem o seu mérito próprio, porque todas indicam progresso na senda do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores. A sublimidade da virtude, porém, está no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem pensamento oculto. A mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade.*⁷

*Freqüentemente, as qualidades morais são como, num objeto de cobre, a douradura que não resiste à pedra de toque. Pode um homem possuir qualidades reais, que levem o mundo a considerá-lo homem de bem. Mas, essas qualidades, conquanto assinalem um progresso, nem sempre suportam certas provas e às vezes basta que se fira a corda do interesse pessoal para que o fundo fique a descoberto. [...] O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais se aferrar aos bens deste mundo, tanto menos compreende o homem o seu destino. Pelo desinteresse, ao contrário, demonstra que encara de um ponto mais elevado o futuro.*⁸

Dizem os Espíritos Superiores que, de todos os vícios, aquele que se pode considerar radical é o egoísmo. [...] *Daí deriva todo mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo. Por mais que lhes deis combate, não chegareis a extirpá-los, enquanto não atacardes o mal pela raiz, enquanto não lhe houverdes destruído a causa.*⁹

Note-se entretanto que, fundando-se o egoísmo no interesse pessoal, só poderá ser extirpado do coração à medida que o homem se instrui a respeito das coisas espirituais, o que fará que dê menos valor aos bens materiais.¹⁰

Com efeito, ensinam os Orientadores Espirituais que de [...] *todas as imperfeições humanas, o egoísmo é a mais difícil de desenraizar-se porque deriva da influência da matéria, influência de que o homem, ainda muito próximo de sua origem, não pôde libertar-se e para cujo entretenimento tudo concorre: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá à proporção que a vida moral for predominando sobre a vida material e, sobretudo, com a compreensão, que o Espiritismo vos faculta, do vosso estado futuro, real e não desfigurado por ficções alegóricas. Quando, bem compreendido, se houver identificado com os costumes e as*

crenças, o Espiritismo transformará os hábitos, os usos, as relações sociais. O egoísmo assenta na importância da personalidade. Ora, o Espiritismo, bem compreendido, repito, mostra as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece, de certo modo, diante da imensidade. Destruindo essa importância, ou, pelo menos, reduzindo-a às suas legítimas proporções, ele necessariamente combate o egoísmo.¹¹

O egoísmo é irmão do orgulho e procede das mesmas causas. É uma das mais terríveis enfermidades da alma, é o maior obstáculo ao melhoramento social. Por si só ele neutraliza e torna estéreis quase todos os esforços que o homem faz para atingir o bem.¹⁴

Portanto, o [...] egoísmo, chaga da Humanidade, tem que desaparecer da Terra, a cujo progresso moral obsta. Ao Espiritismo está reservada a tarefa de fazê-la ascender na hierarquia dos mundos. O egoísmo é, pois, o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem apontar suas armas, dirigir suas forças, sua coragem. Digo: coragem, porque dela muito mais necessita cada um para vencer-se a si mesmo, do que para vencer os outros.¹ Essa coragem, porém, vai sendo por nós adquirida à medida que despertamos para o sentimento do dever, inserto na própria consciência.

Todos nós trazemos gravados no íntimo do ser [...] os rudimentos da lei moral. É neste mundo mesmo que ela recebe um começo de sanção. Qualquer ato bom acarreta para o seu autor uma satisfação íntima, uma espécie de ampliação da alma; as más ações, pelo contrário, trazem, muitas vezes, amargores e desgostos em sua passagem.¹² Por sua vez, o [...] dever é o conjunto das prescrições da lei moral, a regra pela qual o homem deve conduzir-se nas relações com seus semelhantes e com o Universo inteiro. Figura nobre e santa, o dever paira acima da Humanidade, inspira os grandes sacrifícios, os puros devotamentos, os grandes entusiasmos. Risonho para uns, temível para outros, flexível sempre, ergue-se perante nós, apontando a escadaria do progresso, cujos degraus se perdem em alturas incomensuráveis.¹³

Afirma o Espírito Lázaro, em comunicação inserida em O Evangelho segundo o Espiritismo, que: O dever é a obrigação moral da criatura para consigo mesma, primeiro, e, em seguida, para com os outros. O dever é a lei da vida. Com ele deparamos nas mais ínfimas particularidades, como nos atos mais elevados. Quero aqui falar apenas do dever moral e não do dever que as profissões impõem.

Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de cumprir-se, por se achar em antagonismo com as atrações do interesse e do coração. Não têm testemunhas as suas vitórias e não estão sujeitas à repressão suas derrotas. O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre-arbítrio. O aguilhão da consciência, guardião da probidade interior, o adverte e sustenta; mas, muitas vezes, mostra-se impotente diante dos sofismas da paixão. Fielmente observado, o dever do coração eleva o ho-

*mem; como determiná-lo, porém, com exatidão? Onde começa ele? Onde termina? O dever principia, para cada um de vós, exatamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranquilidade do vosso próximo; acaba no limite que não desejais ninguém transponha com relação a vós.*⁴

Assim finaliza o referido Instrutor Espiritual: *O dever cresce e irradia sob mais elevada forma, em cada um dos estágios superiores da Humanidade. Jamais cessa a obrigação moral da criatura para com Deus. Tem esta de refletir as virtudes do Eterno, que não aceita esboços imperfeitos, porque quer que a beleza da sua obra resplandeça a seus próprios olhos.*⁵

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 123. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 11, item 11, p. 191.
2. _____. Cap. 17, item 1, p. 271.
3. _____. Item 2, p. 271-272.
4. _____. item 7, p. 278.
5. _____. p. 279.
6. _____. item 8, p. 279.
7. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 893, p. 411.
8. _____. Questão 895, p. 412.
9. _____. Questão 913, p. 418-419.
10. _____. Questão 914, p. 419.
11. _____. Questão 917, p. 420.
12. DENIS, Léon. *Depois da morte*. Tradução de João Lourenço de Souza. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Cap. 42 (A vida moral), p. 251.
13. _____. Cap. 43 (O dever), p. 254.
14. _____. Cap. 46 (O egoísmo), p. 268.

ROTEIRO 2

Conhecimento de si mesmo

Objetivo específico

- Fazer uma reflexão a respeito da importância do conhecimento de si mesmo.

Conteúdo básico

- *Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal? Um sábio da antiguidade vo-lo disse: Conhece-te a ti mesmo.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 919.
- *Fazei o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 919-a (mensagem de Santo Agostinho).
- *Muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas. Se, efetivamente, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos mais amiúde a nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem que o suspeitemos, unicamente por não perscrutarmos a natureza e o móvel dos nossos atos.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 919 – comentário.

Sugestões didáticas

- Introdução**
- Iniciar a aula solicitando aos participantes que, em duplas, discutam a seguinte afirmação de Léon Denis: *A vontade é a maior de todas as potências; é, em sua ação, comparável ao ímã.* (*O Problema do Ser do Destino e da Dor*, p. 313)
 - Ouvir os comentários e esclarecer as possíveis dúvidas, destacando o papel da vontade no progresso do Espírito. (*O Livro dos Espíritos*, questão 121)

Desenvolvimento

- Em seguida, dividir a turma em pequenos grupos, para a realização das seguintes tarefas:
 1. ler os subsídios do roteiro;
 2. responder à seguinte pergunta: *Por que é necessário o conhecimento de si mesmo para alcançar a perfeição moral?*
 3. elaborar um roteiro prático para atingi-la;
 4. afixar esse roteiro no mural da sala de aula;
 5. indicar um colega para apresentar as conclusões, em plenária.
- Pedir aos representantes dos grupos que apresentem as conclusões do trabalho.
- Ouvir os relatos, prestando os esclarecimentos necessários.

Conclusão

- Encerrar a reunião, projetando a seguinte frase, constante dos subsídios do roteiro: *O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual* (*O Livro dos Espíritos*, questão 919)

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os alunos realizarem, de forma correta, as tarefas propostas.

Técnica(s): estudo em duplas; trabalho em pequenos grupos; exposição.

Recurso(s): *O Problema do Ser, do Destino e da Dor* e *O Livro dos Espíritos*; subsídios do roteiro; lápis / caneta; papel; folhas de papel pardo; pincel atômico de cores variadas; cartaz; mural da sala de aula.

Subsídios Allan Kardec pergunta aos Espíritos Superiores: *Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?* Um sábio da antiguidade vo-lo disse: *Conhece-te a ti mesmo.*³

À vista da dificuldade de cada um conhecer-se a si mesmo, o Codificador indaga a respeito do meio de consegui-lo, obtendo a seguinte resposta, assinada pelo Espírito Santo Agostinho:

Fazei o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. Aquele que, todas as noites, evocasse todas as ações que praticara durante o dia e inquirese de si mesmo o bem ou o mal que houvera feito, rogando a Deus e ao seu anjo de guarda [Espírito protetor] que o esclarecessem, grande força adquiriria para se aperfeiçoar, porque, crede-me, Deus o assistiria. Dirigi, pois, a vós mesmos perguntas, interrogai-vos sobre o que tendes feito e com que objetivo procedestes em tal ou tal circunstância, sobre se fizestes alguma coisa que, feita por outrem, censuráveis, sobre se obrastes alguma ação que não ousáveis confessar. Perguntai ainda mais: Se aprouvesse a Deus chamar-me neste momento, teria que temer o olhar de alguém, ao entrar de novo no mundo dos Espíritos, onde nada pode ser ocultado? Examinai o que pudestes ter obrado contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado. O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual. Mas, direis, como há de alguém julgar-se a si mesmo? Não está aí a ilusão do amor-próprio para atenuar as faltas e torná-las desculpáveis? O avaro se considera apenas econômico e providente; o orgulhoso julga que em si só há dignidade. Isto é muito real, mas tendes um meio de verificação que não pode iludir-vos. Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, inquiri como a qualificáveis, se praticada por outra pessoa. Se a censurais noutrem, não na podereis ter por legítima quando fordes o seu autor, pois que Deus não usa de duas medidas na aplicação de sua justiça. Procurai também saber o que dela pensam os vossos

semelhantes e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, porquanto esses nenhum interesse têm em mascarar a verdade e Deus muitas vezes os coloca ao vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que o faria um amigo. Perscrute, conseguintemente, a sua consciência aquele que se sinta possuído do desejo sério de melhorar-se, a fim de extirpar de si os maus pendores, como do seu jardim arranca as ervas daninhas; dê balanço no seu dia moral para, a exemplo do comerciante, avaliar suas perdas e seus lucros e eu vos asseguro que a conta destes será mais avultada que a daquelas. Se puder dizer que foi bom o seu dia, poderá dormir em paz e aguardar sem receio o despertar na outra vida.

Formulai, pois, de vós para convosco, questões nítidas e precisas e não temais multiplicá-las. Justo é que se gastem alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna. Não trabalhais todos os dias com o fito de juntar haveres que vos garantam repouso na velhice? Não constitui esse repouso o objeto de todos os vossos desejos, o fim que vos faz suportar fadigas e privações temporárias? Pois bem! que é esse descanso de alguns dias, turbado sempre pelas enfermidades do corpo, em comparação com o que espera o homem de bem? Não valerá este outro a pena de alguns esforços? Sei haver muitos que dizem ser positivo o presente e incerto o futuro. Ora, esta exatamente a idéia que estamos encarregados de eliminar do vosso íntimo, visto desejarmos fazer que compreendais esse futuro, de modo a não restar nenhuma dúvida em vossa alma. Por isso foi que primeiro chamamos a vossa atenção por meio de fenômenos capazes de ferir-vos os sentidos e que agora vos damos instruções, que cada um de vós se acha encarregado de espalhar. Com este objetivo é que ditamos O Livro dos Espíritos.⁴

Comentando a resposta dada por Santo Agostinho, Kardec assinala:

Muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas. Se, efetivamente, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos mais amiúde a nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem que o suspeitemos, unicamente por não perscrutarmos a natureza e o móvel dos nossos atos. A forma interrogativa tem alguma coisa de mais preciso do que qualquer máxima, que muitas vezes deixamos de aplicar a nós mesmos. Aquela exige respostas categóricas, por um sim ou não, que não abrem lugar para qualquer alternativa e que são outros tantos argumentos pessoais. E, pela soma que derem as respostas, poderemos computar a soma de bem ou de mal que existe em nós.⁵

Assim, consoante deflui desses ensinamentos, é o conhecimento de si mesmo o primeiro passo para que o Espírito possa atingir a perfeição moral. O processo de renovação para o bem é longo, pois que depende do esforço de vontade de cada um no sentido da sua auto-educação, mais inevitável, de acordo com a lei do Progresso, a que todos os seres estão submetidos.

Com efeito, sendo a Alma, ou Espírito, criação divina, suas diversas reencarnações [...] *têm por objetivo a manifestação cada vez mais grandiosa do que nela há de divino, o aumento do domínio que está destinado a exercer dentro e fora de si, por meio de seus sentidos e energias latentes.*

Pode alcançar-se esse resultado por processos diferentes, pela Ciência ou pela meditação, pelo trabalho ou pelo exercício moral. O melhor processo consiste em utilizar todos esses modos de aplicação, em completá-los uns pelos outros; o mais eficaz, porém, de todos, é o exame íntimo, a introspecção. Acrescentemos o desapego das coisas materiais, a firme vontade de melhorar a nossa união com Deus em espírito e verdade, e veremos que toda religião verdadeira, toda filosofia profunda aí vai buscar sua origem e nessas fórmulas se resume. O resto, doutrinas culturais, ritos e práticas não são mais do que o vestuário externo que encobre, aos olhos das turbas, a alma das religiões.

Victor Hugo escrevia no “Post scriptum de ma vie [minha vida]”: *É dentro de nós que devemos olhar o exterior... Inclinando-nos sobre este poço, o nosso espírito, avistamos, a uma distância de abismo, em estreito círculo, o mundo imenso.*⁸

Para que possamos, entretanto, realizar esse encontro com nós mesmos, com vistas à perfeição, é necessário, em especial, aprender a disciplinar o pensamento.

*O pensamento é [...] criador. Não atua somente em roda de nós, influenciando nossos semelhantes para o bem ou para o mal; atua principalmente em nós; gera nossas palavras, nossas ações e, com ele, construímos, dia a dia, o edifício grandioso ou miserável de nossa vida presente e futura. Modelamos nossa alma e seu invólucro com os nossos pensamentos; estes produzem formas, imagens que se imprimem na matéria sutil, de que o corpo fluídico [perispírito] é composto. Assim, pouco a pouco, nosso ser povoa-se de formas frívolas ou austeras, graciosas ou terríveis, grosseiras ou sublimes; a alma se enobrece, embeleza ou cria uma atmosfera de fealdade. Segundo o ideal a que visa, a chama interior aviva-se ou obscurece-se.*⁹

*Se meditarmos em assuntos elevados, na sabedoria, no dever, no sacrifício, nosso ser impregna-se, pouco a pouco, das qualidades de nosso pensamento. É por isso que a prece improvisada, ardente, o impulso da alma para as potências infinitas, tem tanta virtude. Nesse diálogo solene do ser com sua causa, o influxo do Alto invade-nos e desperta sentidos novos.*¹⁰

Por outro lado, o [...] estudo silencioso e recolhido é sempre fecundo para o desenvolvimento do pensamento. É no silêncio que se elaboram as obras fortes. A palavra é brilhante, mas degenera demasiadas vezes em conversas estéreis, às vezes maléficas; com isso, o pensamento se enfraquece e a alma esvazia-se. Ao passo que

*na meditação o Espírito se concentra, volta-se para o lado grave e solene das coisas; a luz do mundo espiritual banha-o com suas ondas.*¹¹

*Assim, não [...] há progresso possível sem observação atenta de nós mesmos. É necessário vigiar todos os nossos atos impulsivos para chegarmos a saber em que sentido devemos dirigir nossos esforços para nos aperfeiçoarmos.*¹² *Cabe-nos exercitar a disciplina do pensamento. Querer é poder! O poder da vontade é ilimitado. O homem, consciente de si mesmo, de seus recursos latentes, sente crescerem suas forças na razão dos esforços. Sabe que tudo o que de bem e bom desejar há de, mais cedo ou mais tarde, realizar-se inevitavelmente, ou na atualidade ou na série das suas existências, quando seu pensamento se puser de acordo com a Lei Divina. E é nisso que se verifica a palavra celeste: A Fé transporta montanhas.*⁷

*Daí os Espíritos Instrutores da Codificação Espírita terem assinalado que o homem poderia, pelo esforço da sua vontade, vencer as suas más inclinações,¹ acrescentando que há [...] pessoas que dizem: Quero, mas a vontade só lhes está nos lábios. Querem, porém muito satisfeitas ficam que não seja como “querem”. Quando o homem crê que não pode vencer as suas paixões, é que seu Espírito se compraz nelas, em consequência da sua inferioridade. Compreende a sua natureza espiritual aquele que as procura reprimir. Vencê-las é, para ele, uma vitória do Espírito sobre a matéria.*²

*A felicidade não está nas coisas externas nem nos acasos do exterior, mas somente em nós mesmos, na vida interna que soubermos criar. Que importa que o céu esteja escuro por cima de nossas cabeças e os homens sejam ruins em volta de nós, se tivermos a luz na frente, alegria do bem e a liberdade moral no coração? Se, porém, eu tiver vergonha de mim mesmo, se o mal tiver invadido meu pensamento, se o crime e a traição habitarem em mim, todos os favores e todas as felicidades da Terra não me restituirão a paz silenciosa e a alegria da consciência.*¹³

É preciso, portanto, como diz Santo Agostinho, passar revista às nossas ações, a fim de identificar os males que precisem ser curados, uma vez que o conhecimento de si mesmo é a chave do progresso individual.

Em síntese, pode dizer-se que, primeiramente, a criatura humana deve buscar conhecer-se a si mesma [...] *para saber como orientar a sua auto-educação. A este conhecimento deve seguir-se ou ser adquirido simultaneamente, o do destino que a espera, para que, servindo-lhe de alvo, ela saiba para onde e como dirigir sua ação. Cumpre-lhe, ao mesmo tempo, conhecer as qualidades que deve procurar desenvolver em si e os hábitos viciosos e os obstáculos que a poderiam embarçar no desempenho da sua tarefa, hábitos e vícios que lhe importa destruir sem contempções. Com o conhecimento relativo de si mesmo, indispensável a cada momento*

de sua evolução, fim a que toda a sua ação deve tender com os recursos morais e as experiências próprias e alheias, que lhe facilitam a atuação no plano em que se move, pode muito bem o indivíduo orientar sua auto-educação.⁶ Acima de tudo, porém, busquemos o amor, essência de tudo que há de divino em nós, farol orientador dos nossos esforços de auto-educação: A todas as interrogações do homem, a suas hesitações, a seus temores, a suas blasfêmias, uma voz grande, poderosa e misteriosa responde: Aprende a amar! O amor é o resumo de tudo, o fim de tudo. Dessa maneira, estende-se e desdobra-se sem cessar sobre o Universo a imensa rede de amor tecida de luz e ouro. Amar é o segredo da felicidade. Com uma só palavra o amor resolve todos os problemas, dissipa todas as obscuridades. O amor salvará o mundo; seu calor fará derreter os gelos da dúvida, do egoísmo, do ódio; enternecerá os corações mais duros, mais refratários.¹⁴

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 909, p. 418.
2. _____. Questão 911, p. 418.
3. _____. Questão 919, p. 423.
4. _____. Questão 919-a, p. 423-425.
5. _____. p. 425-426.
6. AGUAROD, Angel. *Grandes e pequenos problemas*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 10, item I (Auto-educação), p. 218-219.
7. DENIS, Léon. *O Problema do ser do destino e da dor*. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 20 (A vontade), p. 318-319.
8. _____. Cap. 21 (A consciência. O sentido íntimo), p. 321.
9. _____. Cap. 24 (A disciplina do pensamento e a do caráter), p. 355.
10. _____. p. 356.
11. _____. p. 358.
12. _____. p. 360.
13. _____. p. 363.
14. _____. Cap. 25 (O amor), p. 369.

Homem

Argonauta da luz que nasceste nas trevas,
Por térmita perdido em malocas bizarras,
Dormiste com leões de sinistras bocarras
E, símio, atravessaste as solidões grandevas.

Preso aos totens e atado à inspiração dos devas,
Vivias de arco e flecha ao clangor de fanfarras.
Ai! a herança da guerra a que ainda te agarras,
Os impulsos do abismo e as cóleras longevas!

Hoje, razão que brilha e amor que desabrocha,
Prometeu a chorar no coração da rocha,
Circulado de sóis e entre as sombras imerso!

Homem! Anjo nascente e animal inextinto,
Serás, após vencer as injúrias do instinto,
A obra prima de Deus no esplendor do Universo!

Dario Persiano de Castro Veloso

XAVIER, Francisco Cândido & VIEIRA, Waldo. *Antologia dos imortais*. 4. ed. FEB, Rio de Janeiro, 2002, p. 310-311.

ROTEIRO 3

O homem do bem

Objetivo específico ■ Dar o conceito espírita de homem de bem.
 ■ Enumerar as qualidades que distinguem o *homem de bem*.

Conteúdo básico ■ *Verdadeiramente, homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade, na sua maior pureza. Se interrogar a própria consciência sobre os atos que praticou, perguntará se não transgrediu essa lei, se não fez o mal, se fez todo bem que podia, se ninguém tem motivos para dele se queixar, enfim se fez aos outros o que desejara que lhe fizessem. Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem contar com qualquer retribuição, e sacrifica seus interesses à justiça. É bondoso, humanitário e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todo os homens, sem distinção de raças, nem de crenças. Se Deus lhe outorgou o poder e a riqueza, considera essas coisas como um depósito, de que lhe cumpre usar para o bem. Delas não se envaidece, por saber que Deus, que lhas deu, também lhas pode retirar. Se sob a sua dependência a ordem social colocou outros homens, trata-os com bondade e complacência, porque são seus iguais perante Deus. Usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho. É indulgente para com as fraquezas alheias, porque sabe que também precisa da indulgência dos outros e se lembra destas palavras do Cristo: Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado. Não é vingativo. A exemplo de Jesus, perdoa as ofensas, para só se lembrar dos benefícios, pois não ignora que, como houver perdoado, assim perdoado lhe será. Respeita, enfim, em seus semelhantes, todos os direitos que as leis da Natureza lhes concedem, como quer que os mesmos direitos lhe sejam respeitados. Allan Kardec: O livro dos espíritos: questão 918 – comentário.*

Sugestões didáticas

Introdução

- No início da aula, entregar à turma uma cópia da questão 918, de *O Livro dos Espíritos*.
- Pedir a um dos participantes que leia em voz alta o texto, enquanto os demais acompanham a leitura.

Desenvolvimento

- Em sequência, pedir-lhes que formem dois grupos, indicando-lhes as seguintes tarefas:
 - a) leitura atenta dos subsídios do roteiro;
 - b) rápida troca de idéias sobre o assunto;
 - c) elaboração de cartaz: o grupo 1 deve registrar os caracteres do *homem de bem*; o grupo 2 escreve que esforços ou meios a pessoa deve utilizar para se tornar *homem de bem*;
 - d) apresentação do cartaz pelo relator do grupo, previamente escolhido.
- Ouvir os relatos dos grupos, esclarecendo possíveis dúvidas.

Conclusão

- Apresentar, em projeção, a parábola do *Bom Samaritano* (Lucas, 10:25- 37), esclarecendo que o *samaritano* representa o paradigma do homem de bem.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- os participantes realizarem com interesse as tarefas propostas, apresentando: a) características do *homem de bem*; b) esforços ou meios para alcançar esta posição.

Técnica(s): leitura reflexiva; trabalho em grupo com elaboração de cartaz; exposição.

Recurso(s): *O Livro dos Espíritos*; subsídios do roteiro; projeção.

Subsídios De acordo com os ensinamentos da Doutrina Espírita, o [...] *Espírito prova a sua elevação, quando todos os atos de sua vida corporal representam a prática da lei de Deus e quando antecipadamente compreende a vida espiritual.*⁷ Quando encarnado, o Espírito, nessas condições morais, constitui-se no protótipo do homem de bem.

Pode dizer-se que o [...] *verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem que podia, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que desejara lhe fizessem.*

Deposita fé em Deus, na Sua bondade, na Sua justiça e na Sua sabedoria. Sabe que sem a Sua permissão nada acontece e se Lhe submete à vontade em todas as coisas.

Têm fé no futuro, razão por que coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.

Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações e as aceita sem murmurar.

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma, retribui o mal com bem, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seus interesses à justiça.

Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. Seu primeiro impulso é pensar nos outros, antes de pensar em si, é cuidar dos interesses dos outros antes do seu próprio interesse. O egoísta, ao contrário, calcula os proventos e as perdas decorrentes de toda ação generosa.

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que como ele não pensam.

Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade, tendo como certo que aquele que prejudica a outrem com palavras malé-

volas, que fere com o seu orgulho e o seu desprezo a suscetibilidade de alguém, que não recua à idéia de causar um sofrimento, uma contrariedade, ainda que ligeira, quando a pode evitar, falta ao dever de amar o próximo e não merece a clemência do Senhor.

Não alimenta ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas e só dos benefícios se lembra, por saber que perdoado lhe será conforme houver perdoado.

É indulgente para as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência e tem presente esta sentença do Cristo: “Atire-lhe a primeira pedra aquele que se achar sem pecado.”

Nunca se compraz em rebuscar os defeitos alheios, nem, ainda, em evidenciá-los. Se a isso se vê obrigado, procura sempre o bem que possa atenuar o mal.

Estuda suas próprias imperfeições e trabalha incessantemente em combatê-las. Todos os esforços emprega para poder dizer, no dia seguinte, que alguma coisa traz em si de melhor do que na véspera.

Não procura dar valor ao seu espírito, nem aos seus talentos, a expensas de outrem; aproveita, ao revés, todas as ocasiões para fazer ressaltar o que seja proveitoso aos outros.

Não se envaidece da sua riqueza, nem de suas vantagens pessoais, por saber que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe tirado.

Usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, porque sabe que é um depósito de que terá de prestar contas e que o mais prejudicial emprego que lhe pode dar é o de aplicá-lo à satisfação de suas paixões.

Se a ordem social colocou sob o seu mando outros homens, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus; usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho. Evita tudo quanto lhes possa tornar mais penosa a posição subalterna em que se encontram.

O subordinado, de sua parte, compreende os deveres da posição que ocupa e se empenha em cumpri-los conscienciosamente.

Finalmente, o homem de bem respeita todos os direitos que aos seus semelhantes dão as leis da Natureza, como quer que sejam respeitados os seus.

Não ficam assim enumeradas todas as qualidades que distinguem o homem de bem; mas, aquele que se esforce por possuir as que acabamos de mencionar, no caminho se acha que a todas as demais conduz.⁴

Sintetizando todas as qualidades do homem de bem, encontramos, no Evangelho, a figura do bom samaritano, verdadeiro paradigma a ser seguido por todos os que almejam alcançar a perfeição moral. Ao responder ao doutor da lei

que lhe pergunta quem é o seu próximo, ao qual deveria amar como a si mesmo, narra o Mestre Divino:

Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu em poder de ladrões, que o despojaram, cobriram de ferimentos e se foram, deixando-o semimorto. – Aconteceu em seguida que um sacerdote, descendo pelo mesmo caminho, o viu e passou adiante. – Um levita, que também veio àquele lugar, tendo-o observado, passou igualmente adiante. – Mas, um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde jazia aquele homem e tendo-o visto, foi tocado de compaixão. – Aproximou-se dele, deitou-lhe óleo e vinho nas feridas e as pensou; depois, pondo-o no seu cavalo, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele. – No dia seguinte tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: Trata muito bem deste homem e tudo o que despenderes a mais, eu te pagarei quando regressar.

Qual desses três te parece ter sido o próximo daquele que caíra em poder dos ladrões? – O doutor respondeu: Aquele que usou de misericórdia para com ele. – Então, vai, diz Jesus, e faz o mesmo.¹ (Lucas, 10:25-37)

Qual o ensinamento que o Mestre aí nos dá? O de que para entrarmos na posse da vida eterna não basta memorizarmos textos da Sagrada Escritura. O que é preciso, o que é essencial, para a consecução desse objetivo, é pormos em prática, é vivermos a lei de amor e de fraternidade que ele nos veio revelar e exemplificar.⁸

Ensina Jesus que [...] ser próximo de alguém é assisti-lo em suas aflições, é socorrê-lo em suas necessidades, sem indagar de sua crença ou nacionalidade.⁹ Mostra ainda o Mestre que todos nós temos condições de vivenciarmos o amor ao próximo, mesmo que não sejamos bem considerados pela sociedade, uma vez que toma [...] um homem desprezível aos olhos dos judeus ortodoxos, tido e havido por eles como herege – um samaritano – e, incrível! aponta-o como modelo, como padrão, aos que desejem penetrar nos tabernáculos eternos! É que aquele renegado sabia praticar boas obras, sabia amar os seus semelhantes, e, para Jesus, o que importa, o que vale, o que pesa são [...] os bons sentimentos, porque são eles que modelam idéias e dinamizam ações [...].¹⁰

Com efeito, conforme assinala Kardec, toda [...] a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, ele aponta essas duas virtudes como sendo as que conduzem à eterna felicidade: Bem-aventurados, disse, os pobres de espírito, isto é, os humildes, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados os que têm puro o coração; bem-aventurados os que são brandos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amai o vosso próximo como a vós mesmos; fazei aos outros o que quiseríeis vos fizessem; amai os vossos inimigos; perdoai as ofensas, se quiserdes ser

*perdoados; praticai o bem sem ostentação; julgai-vos a vós mesmos, antes de julgardes os outros. Humildade e caridade, eis o que não cessa de recomendar e o de que dá, ele próprio, exemplo. Orgulho e egoísmo, eis o que não se cansa de combater. E não se limita a recomendar a caridade; põe-na claramente e em termos explícitos, como condição absoluta da felicidade futura.*²

O homem de bem, portanto, é todo aquele que vivencia o sentimento de caridade em todos os atos da sua existência.

Ainda, nesse contexto, é oportuno ressaltar que as qualidades do homem de bem são as que todo espírita sincero deve buscar para si mesmo. Isso porque o [...] *Espiritismo não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, facultando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam.*⁵ Por isso, afirma Kardec: *Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.*⁶

Finalmente, diremos, ainda com Kardec: *Caridade e humildade, tal a senda única da salvação. Egoísmo e orgulho, tal a da perdição.*³ Todos [...] os deveres do homem se resumem nesta máxima: *FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.*³

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 123. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 15, item 2, p. 246.
2. _____. item 3, p. 246-247.
3. _____. item 5, p. 248.
4. _____. Cap. 17, item 3, p. 272-274.
5. _____. item 4, p. 274-275.
6. _____. p. 276.
7. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 918, p. 422.
8. CALLIGARIS, Rodolfo. *Parábolas evangélicas*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 63.
9. _____. p. 65.
10. _____. p. 66.

PROGRAMA FUNDAMENTAL

MÓDULO XVIII

Esperanças e Consolações

OBJETIVO GERAL

Possibilitar o entendimento do significado de esperanças e consolações seguindo o Espiritismo.

ROTEIRO 1

Penas e gozos terrestres

Objetivo específico

- Explicar o que é felicidade e infelicidade terrestres, segundo o Espiritismo.
- Refletir a respeito das conseqüências dos atos humanos.

Conteúdo básico

- O ser humano ainda não pode gozar de completa felicidade no planeta porque [...] *a vida lhe foi dada como prova ou expiação. Dele, porém, depende a suavização de seus males e o ser tão feliz quanto possível na Terra.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 920.
- *O homem é quase sempre o obreiro da sua própria infelicidade. Praticando a lei de Deus, a muitos males se forrará e proporcionará a si mesmo felicidade tão grande quanto o comporte a sua existência grosseira.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 921.
- *Já nesta vida somos punidos pelas infrações, que cometemos, das leis que regem a existência corpórea, sofrendo os males conseqüentes dessas mesmas infrações e dos nossos próprios excessos. Se, gradativamente, remontarmos à origem do que chamamos as nossas desgraças terrenas, veremos que, na maioria dos casos, elas são a conseqüência de um primeiro afastamento nosso do caminho reto. Desviando-nos deste, enveredamos por outro, mau, e, de conseqüência em conseqüência, caímos na desgraça.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 921 – comentário.
- *O homem carnal, mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual, tem, na Terra, penas e gozos materiais. Sua felicidade consiste na satisfação fugaz de todos os seus desejos. [...] A morte o assusta, porque ele duvida do futuro e porque tem de deixar no mundo todas as suas afeições e esperanças. O homem moral, que se colocou acima das necessidades factícias criadas pelas paixões, já neste mundo experimenta gozos que o homem material desconhece. A moderação de seus desejos lhe dá ao Espírito calma e serenidade. Ditoso pelo bem que faz, não há para ele decepções e as contrariedades lhe deslizam por sobre a alma, sem nenhuma impressão dolorosa deixarem.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 941 – comentário.

Sugestões didáticas

Introdução

- Explicar, em linhas gerais, o que é felicidade e infelicidade terrestres, segundo o entendimento espírita. (*O Livro dos Espíritos*, questões 920 e 921)

Desenvolvimento

- Em seguida, pedir aos participantes que se organizem em grupos para a realização das seguintes tarefas:
 - a) leitura dos subsídios deste roteiro;
 - b) troca de idéias sobre o assunto lido, destacando os pontos relevantes;
 - c) recortes de imagens / gravuras, relacionadas aos estados de felicidade e infelicidade terrestres, retiradas de revistas colocadas à disposição dos grupos;
 - d) colagem dos recortes em folhas de papel pardo / cartolina;
 - e) apresentação das colagens, em plenária, por um ou mais relatores indicados pelo grupo, relacionando-as aos estados de felicidade e infelicidade terrestres.
- Completar as interpretações do grupo, se necessário.

Conclusão

- Tendo como base a exposição inicial, o conteúdo doutrinário dos subsídios, e as conclusões do trabalho em grupo, utilizar a referência 3 deste roteiro para concluir o tema, fazendo com a turma uma reflexão a respeito das consequências dos atos humanos.

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- a) os participantes souberem explicar o que é felicidade e infelicidade terrestres, interpretando corretamente os recortes selecionados e apresentados em plenária;
- b) os alunos refletirem, juntamente com o monitor, sobre as consequências dos atos humanos.

Técnica(s): exposição; colagem.

Recurso(s): *O Livro dos Espíritos*; subsídios do roteiro; recortes de revistas; cartaz com imagens/gravuras; folhas de papel pardo/cartolina; citação 3 da bibliografia (*Evangelho segundo o Espiritismo*).

Subsídios *Vive o homem incessantemente em busca da felicidade, que também incessantemente lhe foge, porque felicidade sem mescla não se encontra na Terra. Entretanto, mau grado as vicissitudes que formam o cortejo inevitável da vida terrena, poderia ele, pelo menos, gozar de relativa felicidade, se não a procurasse nas coisas perecíveis e sujeitas às mesmas vicissitudes, isto é, nos gozos materiais em vez de procurar nos gozos da alma, que são um prelibar dos gozos celestes, imperecíveis; em vez de procurar a paz do coração, única felicidade real neste mundo, ele se mostra ávido de tudo o que o agitará e turbará, e, coisa singular! o homem, como que de intento, cria para si tormentos que está nas suas mãos evitar. [...] Que de tormentos, ao contrário, se poupa aquele que sabe contentar-se com o que tem, que nota sem inveja o que não possui, que não procura parecer mais do que é. Esse é sempre rico, porquanto, se olha para baixo de si e não para cima, vê sempre criaturas que têm menos do que ele. É calmo, porque não cria para si necessidades quiméricas. E não será uma felicidade a calma, em meio das tempestades da vida?*⁵

Ignorando a realidade espiritual que o cerca e a continuidade da vida após a morte do corpo físico, o[...] *homem carnal, mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual, tem, na Terra, penas e gozos materiais. Sua felicidade consiste na satisfação fugaz de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e angustiada pelas vicissitudes da vida, se conserva numa ansiedade e numa tortura perpétuas. A morte o assusta, porque ele duvida do futuro e porque tem de deixar no mundo todas as suas afeições e esperanças. O homem moral, que se colocou acima das necessidades factícias criadas pelas paixões, já neste mundo experimenta gozos que o homem material desconhece. A moderação de seus desejos lhe dá ao Espírito calma e serenidade. Ditoso pelo bem que faz, não há*

*para ele decepções e as contrariedades lhe deslizam por sobre a alma, sem nenhuma impressão dolorosa deixarem.*¹⁰

*Dessa forma muitos [...] se admiram de que na Terra haja tanta maldade e tantas paixões grosseiras, tantas misérias e enfermidades de toda natureza, e daí concluem que a espécie humana bem triste coisa é. Provém esse juízo do acanhado ponto de vista em que se colocam os que o emitem e que lhes dá falsa idéia do conjunto. Deve-se considerar que na Terra não está a Humanidade toda, mas apenas uma pequena fração da Humanidade. Com efeito, a espécie humana abrange todos os seres dotados de razão que povoam os inúmeros orbes do Universo. Ora, o que é a população da Terra, em face da população total desses mundos? Muito menos que a de uma aldeia, em confronto com a de um grande império. A situação material e moral da Humanidade terrena nada tem que espante, desde que se leve em conta a destinação da Terra e a natureza dos que a habitam.*²

Nesse sentido, sabemos que o planeta [...] Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que aí vive o homem a braços com tantas misérias.¹ O habitante do Planeta ainda não pode gozar de completa felicidade porque, aqui, [...] a vida lhe foi dada como prova ou expiação. Dele, porém, depende a suavização de seus males e o ser tão feliz quanto possível na Terra.⁶ Na verdade, o [...] homem é quase sempre o obreiro da sua própria infelicidade. Praticando a lei de Deus, a muitos males se forrará e proporcionará a si mesmo felicidade tão grande quanto o comporte a sua existência grosseira. Aquele que se acha bem compenetrado de seu destino futuro não vê na vida corporal mais do que uma estação temporária, uma como parada momentânea em péssima hospedaria. Facilmente se consola de alguns aborrecimentos passageiros de uma viagem que o levará a tanto melhor posição, quanto melhor tenha cuidado dos preparativos para empreendê-la.⁷

Devemos lembrar que a nossa precária evolução espiritual representa sério obstáculo à correta utilização do livre-arbítrio, de forma que as nossas escolhas nem sempre são as mais acertadas. Entretanto, à medida que vamos incorporando maior cabedal de conhecimento e de moralidade, passamos a dar menos importância às exigências impostas pela vida no plano material. Neste sentido, o sentimento de posse, em geral aceito como um estado de felicidade plena, é substituído por outro: o de desprendimento das coisas materiais. Vemos, então, que verdadeiramente [...] *infeliz o homem só o é quando sofre da falta do necessário à vida e à saúde do corpo. Todavia – é oportuno destacar –, pode acontecer que essa privação seja de sua culpa. Então, só tem que se queixar de si mesmo. Se for ocasionada por outrem, a responsabilidade recairá sobre aquele que lhe houver dado causa.*⁸

Ensina-nos a Doutrina Espírita que de [...] ordinário, o homem só é infeliz pela importância que liga às coisas deste mundo. Fazem-lhe a infelicidade a vaidade, a ambição e a cobiça desiludidas. Se se colocar fora do círculo acanhado da vida material, se elevar seus pensamentos para o infinito, que é seu destino, mesquinhas e pueris lhe parecerão as vicissitudes da Humanidade, como o são as tristezas da criança que se aflige pela perda de um brinquedo, que resumia a sua felicidade suprema. Aquele que só vê felicidade na satisfação do orgulho e dos apetites grosseiros é infeliz, desde que não os pode satisfazer, ao passo que aquele que nada pede ao supérfluo é feliz com os que outros consideram calamidades. Referimo-nos ao homem civilizado, porquanto, o selvagem, sendo mais limitadas as suas necessidades, não tem os mesmos motivos de cobiça e de angústias. Diversa é a sua maneira de ver as coisas. Como civilizado, o homem raciocina sobre a sua infelicidade e a analisa. Por isso é que esta o fere. Mas, também, lhe é facultado raciocinar sobre os meios de obter consolação e de analisá-los. Essa consolação ele a encontra no sentimento cristão, que lhe dá a esperança de melhor futuro, e no Espiritismo que lhe dá a certeza desse futuro.⁹

Compreendendo que somos os próprios artífices do destino, passamos a ser mais cuidadosos com os nossos desejos e com as nossas escolhas. Pelo Espiritismo, dilatamos a visão a respeito das penas e gozos terrestres, percebendo que de [...] duas espécies são as vicissitudes da vida, ou, se o preferirem, promanam de duas fontes bem diferentes, que importa distinguir. Umas têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida. Remontando-se à origem dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são consequência natural do caráter e do proceder dos que os suportam. Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição! Quantos se arruinam por falta de ordem, de perseverança, pelo mau proceder, ou por não terem sabido limitar seus desejos! Quantas uniões desgraçadas, porque resultaram de um cálculo de interesse ou de vaidade e nas quais o coração não tomou parte alguma! Quantas dissensões e funestas disputas se teriam evitado com um pouco de moderação e menos suscetibilidade! Quantas doenças e enfermidades decorrem da intemperança e dos excessos de todo gênero! Quantos pais são infelizes com seus filhos, porque não lhes combateram desde o princípio as más tendências! Por fraqueza, ou indiferença, deixaram que neles se desenvolvessem os germens do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade, que produzem a secura do coração; depois, mais tarde, quando colhem o que semearam, admiram-se e se afligem da falta de deferência com que são tratados e da ingratidão deles. Interroguem friamente suas consciências todos os que são feridos no coração pelas vicissitudes e decepções da vida; remontem, passo a passo, à origem dos males

que os torturam e verifiquem se, as mais das vezes, não poderão dizer: Se eu houvesse feito, ou deixado de fazer tal coisa, não estaria em semelhante condição. A quem, então, há de o homem responsabilizar por todas essas aflições, senão a si mesmo? O homem, pois, em grande número de casos, é o causador de seus próprios infortúnios; mas, em vez de reconhecê-lo, acha mais simples, menos humilhante para a sua vaidade acusar a sorte, a Providência, a má fortuna, a má estrela, ao passo que a má estrela é apenas a sua incúria. Os males dessa natureza fornecem, indubitavelmente, um notável contingente ao cômputo das vicissitudes da vida. O homem as evitará quando trabalhar por se melhorar moralmente, tanto quanto intelectualmente.³

Com efeito – esclarece o Espírito François-Nicolas-Madeleine, – nem a riqueza, nem o poder, nem mesmo a florida juventude são condições essenciais à felicidade. Digo mais: nem mesmo reunidas essas três condições tão desejadas, porquanto incessantemente se ouvem, no seio das classes mais privilegiadas, pessoas de todas as idades se queixarem amargamente da situação em que se encontram. Diante de tal fato, é inconcebível que as classes laboriosas e militantes invejem com tanta ânsia a posição das que parecem favorecidas da fortuna. Neste mundo, por mais que faça, cada um tem a sua parte de labor e de miséria, sua cota de sofrimentos e de decepções, donde facilmente se chega à conclusão de que a Terra é lugar de provas e expiações. Assim, pois, os que pregam que ela é a única morada do homem e que somente nela e numa só existência é que lhe cumpre alcançar o mais alto grau das felicidades que a sua natureza comporta, iludem-se e enganam os que os escutam, visto que demonstrado está, por experiência arquisecular, que só excepcionalmente este globo apresenta as condições necessárias à completa felicidade do indivíduo. Em tese geral, pode afirmar-se que a felicidade é uma utopia a cuja conquista as gerações se lançam sucessivamente, sem jamais lograrem alcançá-la. **Se o homem ajuizado é uma raridade neste mundo, o homem absolutamente feliz jamais foi encontrado.**

O em que consiste a felicidade na Terra é coisa tão efêmera para aquele que não tem a guiá-lo a ponderação, que, por um ano, um mês, uma semana de satisfação completa, todo o resto da existência é uma série de amarguras e decepções. E notai, meus caros filhos, que falo dos venturosos da Terra, dos que são invejados pela multidão. Consequentemente, se à morada terrena são peculiares as provas e a expiação, forçoso é se admita que, algures, moradas há mais favorecidas, onde o Espírito, conquanto aprisionado ainda numa carne material, possui em toda a plenitude os gozos inerentes à vida humana. Tal a razão por que Deus semeou, no vosso turbilhão, esses belos planetas superiores para os quais os vossos esforços e as vossas tendências vos farão gravitar um dia, quando vos achardes suficientemente purificados e aperfeiçoados.⁴

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 123. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 3, item 4, p. 73.
2. _____. Item 6, p. 73-74.
3. _____. Cap. 5, item 4, p. 98-100.
4. _____. Item 20, p. 113-114.
5. _____. Item 23, p. 117-118.
6. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 920, p. 427.
7. _____. Questão 921, p. 427-428.
8. _____. Questão 927, p. 430.
9. _____. Questão 933, p. 113-114.
10. _____. Questão 941, p. 438.

À Dor

Dor, és tu que resgatas, que redimes
Os grandes réus, os míseros culpados,
Os calcetas dos erros, dos pecados,
Que surgem do pretérito de crimes.

Sob os teus pulsos, fortes e sublimes,
Sofri na Terra junto aos condenados,
Seres escarnecidos, torturados,
Entre as prisões da Lágrima que exprimes!

Da perfeição és o sagrado Verbo,
Ó portadora do tormento acerbo,
Aferidora da Justiça Extrema. . .

Bendita a hora em que me pus à espera
De ser, em vez do réprobo que eu era,
O missionário dessa Dor suprema!

Cruz e Souza

XAVIER, Francisco Cândido. *Parnaso de além-túmulo*. 11. ed. FEB, Rio de Janeiro, 1982, p. 275.

ROTEIRO 2

Penas e gozos futuros

Objetivos
específicos

- Correlacionar a natureza das penas e dos gozos futuros ao uso do livre-arbítrio.

Conteúdo
básico

- *Donde nasce, para o homem, o sentimento instintivo da vida futura?*
Antes [...] *de encarnar, o Espírito conhecia todas essas coisas e a alma conserva vaga lembrança do que sabe e do que viu no estado espiritual.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 959.
- *As penas e os gozos futuros não [...] podem ser materiais, di-lo o bom senso, pois que a alma não é matéria. Nada têm de carnal essas penas e esses gozos; entretanto, são mil vezes mais vivos do que os que experimentais na Terra, porque o Espírito, uma vez liberto, é mais impressionável. Então, já a matéria não lhe embota as sensações.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 965.
- *Os sofrimentos dos Espíritos inferiores são [...] tão variados como as causas que os determinam e proporcionados ao grau de inferioridade, como os gozos o são ao de superioridade. Podem resumir-se assim: invejarem o que lhes falta para ser felizes e não obterem; verem a felicidade e não na poderem alcançar; pesar, ciúme, raiva, desespero, motivados pelo que os impede de ser ditosos; remorsos, ansiedade moral indefinível. Desejam todos os gozos e não os podem satisfazer: eis o que os tortura.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 970.
- *Os gozos que os bons Espíritos usufruem no além-túmulo resultam do fato de [...] conhecerem todas as coisas; em não sentirem ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem qualquer das paixões que ocasionam a desgraça dos homens. O amor que os une lhes é fonte de suprema felicidade. Não experimentam as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material. São felizes pelo bem que fazem. Contudo a felicidade dos Espíritos é proporcional à elevação de cada um. Somente os puros*

Espíritos gozam, é exato, da felicidade suprema, mas nem todos os outros são infelizes [...] . Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 967.

- *A idéia que, mediante a sabedoria de suas leis, Deus nos dá de sua justiça e de sua bondade não nos permite acreditar que o justo e o mau estejam na mesma categoria a seus olhos, nem duvidar de que recebam, algum dia, um a recompensa, o castigo o outro, pelo bem ou pelo mal que tenham feito. Allan Kardec. O livro dos espíritos, questão 962 – comentário.*

Sugestões didáticas

Introdução

- Solicitar aos participantes que imaginem uma viagem ao futuro, após a desencarnação. Esclarecer que cada um deve informar como acredita que será a sua vida no além-túmulo.
- Conceder alguns minutos para a realização do exercício, e, após, ouvir as informações, registrá-las num quadro de giz/pinçel.
- Trocar opiniões sobre as idéias apresentadas, procurando classificá-las segundo a natureza das penas e gozos futuros, expressas em *O Livro dos Espíritos*, questões 965, 967 e 970.

Desenvolvimento

- Em seguida, pedir aos participantes que formem quatro grupos para a leitura das questões, acima citadas, de *O Livro dos Espíritos*, e dos itens 32 e 33, capítulo I, de *A Gênese*.
- Terminada a leitura, cada grupo recebe dois envelopes. Um dos envelopes traz, na parte frontal, uma etiqueta com a palavra *Problemas*, e, no interior, tiras de papel contendo relatos de problemas identificados no dia-a-dia. O outro envelope que traz, na sua etiqueta, a palavra *Soluções*, tem dentro tiras de papel com frases ou expressões indicadas para a resolução dos problemas (veja no anexo). Os grupos devem, então, fazer a seguinte atividade:
 - a) retirar todas as tiras de papel do envelope *Problemas*, colando-as, uma após a outra, numa folha de cartolina. É importante que entre as colagens seja mantido um espaço de cinco centímetros aproximadamente;

- b) repetir a operação com as tiras de papel do envelope *Soluções*, tendo, porém, o cuidado de colar cada solução ao lado do respectivo problema;
- c) apresentar os resultados em plenária, indicando, para isso, um representante .

■ Ouvir os relatos, fazendo possíveis correções.

■ Observações:

- Os problemas e soluções devem, necessariamente, estar relacionados com o tema da aula.
- A atividade fica mais dinâmica se os grupos trabalharem diferentes problemas.
- Pode existir mais de uma solução para o mesmo problema.

Conclusão:

- Fazer considerações finais, destacando que as penas e os gozos futuros estão, necessariamente, relacionados ao uso do livre-arbítrio (questão 962 de *O Livro dos Espíritos*).

Avaliação

O estudo será considerado satisfatório se:

- Os participantes souberam correlacionar a natureza das penas e dos gozos futuros ao uso do livre-arbítrio.

Recurso(s): *O Livro dos Espíritos* e *A Gênese*; flip-chart / quadro de giz-pincel; envelopes com tiras de papel contendo, respectivamente, problemas e soluções; cola, folhas de cartolinas.

Técnica(s): exercício de criatividade; dinâmica dos problemas e das soluções.

Subsídios

Os ensinamentos espíritas sobre as penas e gozos futuros fazem oposição ao materialismo. *Cada um é, certamente, livre de crer no que quiser ou de não crer em coisa alguma; e não toleraríamos mais uma perseguição contra aquele que acredita no nada depois da morte, assim como na promovida contra um cismático de qualquer religião. Combatendo o materialismo, não atacamos os indivíduos,*

mas sim uma doutrina que, se é inofensiva para a sociedade, quando se encerra no foro íntimo da consciência de pessoas esclarecidas, é uma chaga social, se vier a se generalizar-se.

A crença de tudo acabar para o homem depois da morte, que toda solidariedade cessa com a extinção da vida corporal, leva-o a considerar como um disparate o sacrifício do seu bem-estar presente, em proveito de outrem; donde a máxima: “Cada um por si durante a vida terrena, porque com ela tudo se acaba.” A caridade, a fraternidade, a moral, em suma, ficam sem base alguma, sem nenhuma razão de ser. Para que nos molestarmos, nos constrangermos e nos sujeitarmos a privações hoje, quando amanhã, talvez, já nada sejamos? A negação do futuro, a simples dúvida sobre outra vida, são os maiores estimulantes do egoísmo, origem da maioria dos males da Humanidade. É necessário possuir alta dose de virtude para não seguir a corrente do vício e do crime, quando para isso não se tem outro freio além do da própria força de vontade. [...] A crença na vida futura, mostrando a perpetuidade das relações entre os homens, estabelece entre eles uma solidariedade que não se quebra na tumba; desse modo, essa crença muda o curso das idéias. Se essa crença fosse um simples espantalho, não duraria senão um tempo curto; mas, como a sua realidade é fato adquirido pela experiência, é um dever propagá-la e combater a crença contrária, mesmo no interesse da ordem social. É o que faz o Espiritismo; e o faz com êxito, porque fornece provas, e porque, decididamente, o homem antes quer ter a certeza de viver e poder ser feliz em um mundo melhor, para compensação das misérias deste mundo, do que a de morrer para sempre.¹³

Complementando essas idéias, Allan Kardec nos esclarece: Tirai ao homem o Espírito livre e independente, sobrevivente à matéria, e fareis dele uma simples máquina organizada, sem finalidade, nem responsabilidade; sem outro freio além da lei civil e própria a ser explorada como um animal inteligente. Nada esperando depois da morte, nada obsta a que aumente os gozos do presente; se sofre, só tem a perspectiva do desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro, com a de encontrar de novo aqueles a quem amou e com o temor de tornar a ver aqueles a quem ofendeu, todas as suas idéias mudam. O Espiritismo, ainda que só fizesse forrar o homem à dúvida relativamente à vida futura, teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral do que todas as leis disciplinares, que o detêm algumas vezes, mas que o não transformam.⁴

A Doutrina Espírita, no que respeita às penas futuras, não se baseia numa teoria preconcebida; não é um sistema substituindo outro sistema: em tudo ela se apóia nas observações, e são estas que lhe dão plena autoridade.

*Ninguém jamais imaginou que as almas, depois da morte, se encontrariam em tais ou quais condições; são elas, essas mesmas almas, partidas da Terra, que nos vêm hoje iniciar nos mistérios da vida futura, descrever-nos sua situação feliz ou desgraçada, as impressões, a transformação pela morte do corpo, completando, em uma palavra, os ensinamentos do Cristo sobre este ponto. Preciso é afirmar que se não trata neste caso das revelações de um só Espírito, o qual poderia ver as coisas do seu ponto de vista, sob um só aspecto, ainda dominado por terrenos prejuízos. Tampouco se trata de uma revelação feita exclusivamente a um indivíduo que pudesse deixar-se levar pelas aparências, ou de uma visão extática suscetível de ilusões, e não passando muitas vezes de reflexo de uma imaginação exaltada. Trata-se, sim, de inúmeros exemplos fornecidos por Espíritos de todas as categorias, desde os mais elevados aos mais inferiores da escala, por intermédio de outros tantos auxiliares (médiuns) disseminados pelo mundo, de sorte que a revelação deixa de ser privilégio de alguém, pois todos podem prová-la, observando-a, sem obrigar-se à crença pela crença de outrem.*⁵

*Com o Espiritismo, a vida futura deixa de ser simples artigo de fé, mera hipótese; torna-se uma realidade material, que os fatos demonstram, porquanto são testemunhas oculares os que a descrevem nas suas fases todas e em todas as suas peripécias, e de tal sorte que, além de impossibilitarem qualquer dúvida a esse propósito, facultam à mais vulgar inteligência a possibilidade de imaginá-la sob seu verdadeiro aspecto, como toda gente imagina um país cuja pormenorizada descrição leia. Ora, a descrição da vida futura é tão circunstanciadamente feita, são tão racionais as condições, ditosas ou infortunadas, da existência dos que lá se encontram, quais eles próprios pintam, que cada um, aqui, a seu mau grado, reconhece e declara a si mesmo que não pode ser de outra forma, porquanto, assim sendo, patente fica a verdadeira justiça de Deus.*⁶

É importante também considerar que todos nós trazemos, desde o nascimento, o sentimento instintivo da vida futura, porque, [...] antes de encarnar, o Espírito conhecia todas essas coisas e a alma conserva vaga lembrança do que sabe e do que viu no estado espiritual.⁷ Independentemente do materialismo reinante no mundo, em [...] todos os tempos, o homem se preocupou com o seu futuro para lá do túmulo e isso é muito natural. Qualquer que seja a importância que ligue à vida presente, não pode ele furtar-se a considerar quanto essa vida é curta e, sobretudo, precária, pois que a cada instante está sujeita a interromper-se, nenhuma certeza lhe sendo permitida acerca do dia seguinte. Que será dele, após o instante fatal? Questão grave esta, porquanto não se trata de alguns anos apenas, mas da eternidade. Aquele que tem de passar longo tempo, em país estrangeiro, se preocupa com a situação em que lá se achará. Como, então, não nos havia de preocupar a em que nos veremos, deixando este mundo, uma vez que é

para sempre? A idéia do nada tem qualquer coisa que repugna à razão. O homem que mais despreocupado seja durante a vida, em chegando o momento supremo, pergunta a si mesmo o que vai ser dele e, sem o querer, espera.

Crer em Deus, sem admitir a vida futura, fora um contra-senso. O sentimento de uma existência melhor reside no foro íntimo de todos os homens e não é possível que Deus aí o tenha colocado em vão. A vida futura implica a conservação da nossa individualidade, após a morte. Com efeito, que nos importaria sobreviver ao corpo, se a nossa essência moral houvesse de perder-se no oceano do infinito? As conseqüências, para nós, seriam as mesmas que se tivéssemos de nos sumir no nada.⁸

O intercâmbio mediúnico representa outra forma de comprovação da sorte das pessoas, após a morte do corpo físico. Pelas relações que hoje pode estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, possui o homem não só a prova material da existência e da individualidade da alma, como também compreende a solidariedade que liga os vivos aos mortos deste mundo e os deste mundo aos dos outros planetas. Conhece a situação deles no mundo dos Espíritos, acompanha-os em suas migrações, aprecia-lhes as alegrias e as penas; sabe a razão por que são felizes ou infelizes e a sorte que lhes está reservada, conforme o bem ou o mal que fizerem. Essas relações iniciam o homem na vida futura, que ele pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro já não é uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Desde então, a morte nada mais tem de aterrador, por lhe ser a libertação, a porta da verdadeira vida.¹

Se a razão repele, como incompatível com a bondade de Deus, a idéia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma única falta; a dos suplícios do inferno, que não podem ser minorados nem sequer pelo arrependimento mais ardente e mais sincero, a mesma razão se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, que nunca fecha a porta ao arrependimento e estende constantemente a mão ao náufrago, em vez de o empurrar para o abismo.³

As penas e recompensas estão, necessariamente, relacionadas ao uso do livre-arbítrio, uma vez que a [...] responsabilidade dos nossos atos é a conseqüência da realidade da vida futura. Dizem-nos a razão e a justiça que, na partilha da felicidade a que todos aspiram, não podem estar confundidos os bons e os maus. Não é possível que Deus queira que uns gozem, sem trabalho, de bens que outros só alcançam com esforço e perseverança. A idéia que, mediante a sabedoria de suas leis, Deus nos dá de sua justiça e de sua bondade não nos permite acreditar que o justo e o mau estejam na mesma categoria a seus olhos, nem duvidar de que recebam, algum dia, um a recompensa, o castigo o outro, pelo bem ou pelo mal que tenham

feito. Por isso é que o sentimento inato que temos da justiça nos dá a intuição das penas e recompensas futuras.⁹

Pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a desdita, na vida espiritual, são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada qual sofre as conseqüências diretas e naturais de suas faltas, ou, por outra, que é punido no que pecou; que essas conseqüências duram tanto quanto a causa que as produziu; que, por conseguinte, o culpado sofreria eternamente, se persistisse no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação; ora, como depende de cada um o seu aperfeiçoamento, todos podem, em virtude do livre-arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente sofre, pelos seus excessos, enquanto não lhes põe termo.²

A natureza das penas e dos gozos futuros guarda relação com o grau de evolução do Espírito, e com as ações por ele desenvolvidas. Assim, a felicidade dos bons Espíritos consiste em: *conhecerem todas as coisas; em não sentirem ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem qualquer das paixões que ocasionam a desgraça dos homens. O amor que os une lhes é fonte de suprema felicidade. Não experimentam as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material. São felizes pelo bem que fazem. Contudo, a felicidade dos Espíritos é proporcional à elevação de cada um. Somente os puros Espíritos gozam, é exato, da felicidade suprema, mas nem todos os outros são infelizes. Entre os maus e os perfeitos há uma infinidade de graus em que os gozos são relativos ao estado moral. Os que já estão bastante adiantados compreendem a ventura dos que os precederam e aspiram a alcançá-la. Mas, esta aspiração lhes constitui uma causa de emulação, não de ciúme. Sabem que deles depende o consegui-la e para a conseguirem trabalham, porém com a calma da consciência tranqüila e ditosos se consideram por não terem que sofrer o que sofrem os maus.¹⁰ Por outro lado, o sofrimento dos Espíritos inferiores são [...] tão variados como as causas que os determinam e proporcionados ao grau de inferioridade, como os gozos o são ao de superioridade. Podem resumir-se assim: Invejarem o que lhes falta para ser felizes e não obterem; verem a felicidade e não na poderem alcançar; pesar, ciúme, raiva, desespero, motivados pelo que os impede de ser ditosos; remorsos, ansiedade moral indefinível. Desejam todos os gozos e não os podem satisfazer: eis o que os tortura.¹¹*

Das penas e gozos da alma após a morte forma o homem idéia mais ou menos elevada, conforme o estado de sua inteligência. Quanto mais ele se desenvolve, tanto mais essa idéia se apura e se escoima da matéria; compreende as coisas de um ponto de vista mais racional, deixando de tomar ao pé da letra as imagens de uma linguagem figurada. Ensinando-nos que a alma é um ser todo espiritual, a

razão, mais esclarecida, nos diz, por isso mesmo, que ela não pode ser atingida pelas impressões que apenas sobre a matéria atuam. Não se segue, porém, daí que esteja isenta de sofrimentos, nem que não receba o castigo de suas faltas. As comunicações espíritas tiveram como resultado mostrar o estado futuro da alma, não mais em teoria, porém na realidade. Põem-nos diante dos olhos todas as peripécias da vida de além-túmulo. Ao mesmo tempo, entretanto, no-las mostram como conseqüências perfeitamente lógicas da vida terrestre e, embora despojadas do aparato fantástico que a imaginação dos homens criou, não são menos pessoais para os que fizeram mau uso de suas faculdades. Infinita é a variedade dessas conseqüências. Mas, em tese geral, pode-se dizer: cada um é punido por aquilo em que pecou.

Assim é que uns o são pela visão incessante do mal que fizeram; outros, pelo pesar, pelo temor, pela vergonha, pela dúvida, pelo insulamento, pelas trevas, pela separação dos entes que lhes são caros, etc.¹²

Referência Bibliográfica

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 45. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap.1, item 31, p. 29.
2. _____. Item 32, p. 30.
3. _____. Item 33, p. 30
4. _____. Item 37, p. 31.
5. _____. *O céu e o inferno*. Tradução de Guillon Ribeiro. 53. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Primeira parte, cap. 7, p. 89-90.
6. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 123. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap.2, item 3, p. 65.
7. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 959, p. 445.
8. _____. Questão 959, p. 445-446.
9. _____. Questão 962, p. 446.
10. _____. Questão 967, p. 449.
11. _____. Questão 970, p. 450.
12. _____. Questão 973, p. 451.
13. _____. *O que é o espiritismo*. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 1– Terceiro diálogo – O padre, p. 126-127.

Anexo Exemplos para a atividade grupal

PROBLEMAS	SOLUÇÕES
“A pessoa materialista não acredita em nada após a morte, o que a leva a considerar um disparate o sacrifício do seu bem-estar presente em proveito do próximo.” <i>O que é o espiritismo</i>, p. 126.	“A crença na vida futura, mostrando a perpetuidade das relações entre os homens, estabelece entre eles uma solidariedade que não se quebra na tumba.” <i>O que é o espiritismo</i>, p. 127.
“A negação do futuro, a simples dúvida sobre outra vida, são os maiores estimulantes do egoísmo, origem da maioria dos males da Humanidade.” <i>O que é o espiritismo</i>, p. 126-127.	“Com a certeza do futuro, com a de encontrar de novo [no plano espiritual] aqueles a quem amou e com o temor de tornar a ver aqueles a quem ofendeu, todas as suas idéias [do homem] mudam.” <i>A gênese</i>, cap.1, item 37.
“O homem que não acredita na sobrevivência após a morte assemelha-se a “[...] uma simples máquina organizada, sem finalidade, nem responsabilidade; sem outro freio além da lei civil e própria a ser explorada como um animal inteligente.” <i>A gênese</i>, cap. 1, item 37.	“Deus tem suas leis a regerem todas as vossas ações. Se as violais, vossa é a culpa. Indubitavelmente, quando um homem comete um excesso qualquer, Deus não profere contra ele um julgamento [...]. Ele traçou um limite; as enfermidades e muitas vezes a morte são a consequência dos excessos.” <i>O livro dos espíritos</i>, q. 964.
“Os sofrimentos dos Espíritos inferiores são “[...] tão variados como as causas que os determinam [...]. Podem resumir-se assim: Invejarem o que lhes falta para ser felizes e não obterem; verem a felicidade e não na poderem alcançar; pesar, ciúme, raiva, desespero, motivados pelo que os impede de ser ditosos; remorsos, ansiedade moral indefinível. Desejam todos os gozos e não os podem satisfazer: eis o que os tortura.” <i>O livro dos espíritos</i>, q. 970.	“Todas as nossas ações estão submetidas às leis de Deus. Nenhuma há, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação daquelas leis. Se sofremos as consequências dessa violação, só nos devemos queixar de nós mesmos, que desse modo nos fazemos os causadores da nossa felicidade, ou da nossa infelicidade futuras.” <i>O livro dos espíritos</i>, q. 964.

Sinopse

*Você gostaria de saber como
distinguir o bem do mal?*

Estude então os assuntos existentes nesta apostila. Aprenda também que as leis morais são lições necessárias à melhoria espiritual, colocadas à nossa disposição pela Providência Divina. E que as provações da vida atual representam bênçãos e consolações a nos aguardarem na vida futura.

